UNIVERSIDADE BEIRA INTERIOR

Interdisciplinaridade entre a História e a Literatura:
O conhecimento da História de Portugal a partir d'*Os Lusíadas*

Versão final após defesa

Baltazar Firmino Barros

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino de português e de espanhol no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor José Henrique Manso

Covilhã, dezembro de 2021

Dedicatória

A todos que lutam diariamente para tornar o mundo melhor.

Resumo

A interdisciplinaridade é importante dentro do processo de ensino-aprendizagem. Neste trabalho relacionamos a história e a literatura através da abordagem de uma obra literária importante, *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Neste sentido, analisamos alguns episódios da história de Portugal narrados por Camões, numa obra que coloca à disposição um conhecimento multidisciplinar que pode ser trabalhado dentro do domínio da articulação interdisciplinar, tendo em conta as necessidades educativas e a flexibilidade curricular. O sistema de ensino português tem, portanto, ferramentas propícias à interdisciplinaridade e, assim, através do estudo da maior obra épica lusitana, *Os Lusíadas*, é possível suprir o desconhecimento de alguns factos históricos por parte dos alunos.

A presente dissertação não tenciona fazer uma análise crítica d'*Os Lusíadas* ou da narração camoniana em relação ao plano da história de Portugal presente na obra, limitamo-nos na apresentação de factos históricos contados pelo poeta que comprovam a possibilidade da interdisciplinaridade entre a história e a literatura. Estas disciplinas, portanto, podem caminhar juntas e serem estudadas simultaneamente nesta perspetiva. No final, apresentamos uma planificação do episódio de Inês de Castro, onde destacamos o diálogo que se estabelece entre a literatura e a história. Esta planificação serve de ponte para a segunda parte do relatório, onde damos conta do contexto e de todas as atividades realizadas no âmbito do estágio em Português e Espanhol na Escola Secundária Campos Melo.

Palavras-chave:

Interdisciplinaridade; história; literatura; *Os Lusíadas*; Camões; Portugal.

Resumen

La interdisciplinariedad es importante en el proceso de enseñanza-aprendizaje.
En este trabajo relacionamos la historia y la literatura a través del abordaje de una obra literaria importante, *Os Lusíadas* de Luís de Camões. En este sentido, analizamos algunos episodios de la historia de Portugal, narrados por Camões, en una obra que pone a la disposición un conocimiento multidisciplinar que puede ser trabajado dentro del dominio de la articulación interdisciplinar, teniendo en cuenta las necesidades educativas y la flexibilidad curricular.
El sistema de enseñanza portugués tiene, por lo tanto, herramientas propicias a la interdisciplinariedad y, así, a través del estudio de la mayor obra épica lusitana, *Os Lusíadas*, es posible suplir el desconocimiento de algunos factos históricos por parte de los alumnos.
La presente disertación no pretende hacer un análisis crítico d'*Os Lusíadas* o de la narración camoniana en relación con el plano de la historia de Portugal presente en la obra, nos limitamos en la presentación de factos históricos contados por el poeta que comprueban la posibilidad de la interdisciplinariedad entre la historia y la literatura. Estas disciplinas, por lo tanto, pueden caminar juntas y ser estudiadas simultáneamente en esta perspectiva. Al final, presentamos una planificación del episodio de Inés de Castro, donde se destaca el dialogo que se establece entre la literatura y la historia. Esta planificación sirve de puente para la segunda parte del trabajo, donde abordamos el contexto y todas las actividades realizadas en el ámbito de la práctica en Portugués y Español en la Escuela Secundaria Campos Melo.

Palabras-clave:

Interdisciplinaridad; historia; literatura; *Os Lusíadas*; Camões; Portugal.

Abstract

Interdisciplinarity is important within the process of teaching-learning.

In this work we relate the history and the literature through the approach of a fundamental literary work, *Os Lusiadas* by Luís de Camões.

In this sense, we analyze the version of several episodes from the history of Portugal, provided by Camões, in a work that makes available a multidisciplinary knowledge that can be worked within the domain of interdisciplinary articulation, considering educational needs and flexibility curriculum.

The Portuguese education system has, therefore, tools conducive to interdisciplinarity in a broad sense, and thus, through the study of the greatest Portuguese epic work, *Os Lusíadas,* is possible to overcome the lack of historical facts on the part of the students.

This dissertation does not intend to make a critical analysis of *Os Lusíadas* or narration of Camões in relation to the plan of the history of Portugal present in the work, we limit ourselves to the presentation of historical facts told by the poet that prove the possibility of interdisciplinarity between history and literature. These disciplines, therefore, can walk together and be studied simultaneously in this perspective. In the end, we present a planning of the episode of Inês de Castro, where we highlight the dialogue that is established between literature and history. This planning serves as a bridge to the second part of the report, in which we account for the context and all the activities carried out within the scope of the internship in Portuguese and Spanish at Campos Melo Secondary School.

Keywords

Interdisciplinarity; story; literature; *The Lusiadas*; Camões; Portugal.

Índice

Introdução 1

1ªPARTE – O conhecimento da história de Portugal a partir d'*Os Lusíadas* 3

CAPÍTULO I: Luís Vaz de Camões: Apontamentos sobre o autor e o atual estado do ensino da sua obra 3

1.1. Biobibliografia de Luís de Camões 3

1.2. Os Lusíadas: contexto, influências e estrutura 8

1.3. Estudo de Camões no ensino pré-universitário 11

1.3.1. Camões estudado no 3º ciclo do ensino básico 11

1.3.2. Camões no ensino secundário 12

1.3.3. Camões, *Os Lusíadas* e o legado para o ensino: aprender história a partir da literatura 14

Capítulo II: A história de Portugal n'*Os Lusíadas* 16

2.1. Contextualização do relato de Vasco da Gama ao rei de Melinde 16

2.2. Geografia de Portugal na Europa e histórias anteriores à nacionalidade 16

2.3. D. Afonso Henriques, o fundador da nacionalidade portuguesa: batalhas e conquistas 22

2.4. De D. Sancho a D. Dinis 30

2.5. D. Afonso IV: o pai, o guerreiro e a controversa participação na morte de Inês de Castro 34

2.6. D. Pedro e D. Fernando: a justiça e a fraqueza no governo do reino 41

2.7. D. João I: O garante da independência e o pioneiro da expansão portuguesa 43

2.8. De D. Duarte "O eloquente" a D. Manuel, o início da ação central d'*Os Lusíadas* 48

2.9. Dom Sebastião: O destinatário do poema e o "novo temor da moura lança". 51

Capítulo III - Proposta Pedagógica 53

3.1. Os desafios do docente de português para ensinar o plano da História de Portugal n'*Os Lusíadas* 53

3.2 Planificação da aula "Inês de Castro - entre as armas e o amor, a tragédia de uma heroína" 54

3.2.1. Fundamentação 54

3.2.2. Plano de aula 56

3.2.3. Materiais utilizados 58

2ª PARTE – Estágio pedagógico 61

1.Contextualização do estágio 61

1.1 Escola Secundária Campos Melo 61
2. Caraterização das turmas 62
2.1. As turmas de português 62
2.2. As turmas de espanhol 64
3. Análise crítica dos materiais de trabalho 64
3.1. Os programas (português e espanhol) 64
3.2. Os manuais (de português e de espanhol) 67
4. Atividade letiva 69
4.1. Português 69
4.2. Espanhol 71
5. Atividades extracurriculares: Atividades realizadas 73
5.1. Dia Europeu das Línguas 73
5.2. Viver o Natal na Campos Melo 74
5.3. Mês dos afetos 74
5.4. Dia Mundial do livro 75
5.5. Mentes empreendedoras 75
CONCLUSÃO 77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS 79
Anexos: Planificações 81

Lista de Figuras

Figura 1 - Esquema concetual do perfil dos alunos à saída da escolaridade. 53
Figura 2 - Celebração do Natal na Escola Secundária Campos Melo. 744
Figura 3 - Figura 3 - Mês dos afetos. 75

Introdução

A disciplina de história encarrega-se de registar os acontecimentos de determinado tempo, tendo em vista a preocupação com as próximas gerações. Assim, na presente dissertação, apontamos a necessidade da história no âmbito da lecionação de outras disciplinas, neste caso, a língua e a literatura portuguesa. O presente trabalho tenciona demonstrar, através da abordagem de passos d'*Os Lusíadas* a interdisciplinaridade entre a Literatura e a História que emana desta obra da literatura portuguesa. Deste modo, no domínio da articulação curricular é possível por um lado apresentar a história lusa através da obra de Camões, e, por outro lado, tal conhecimento pode ser facultado pela ação educativa dual entre a história e a literatura. Assim, é necessário por parte do professor o conhecimento multidisciplinar para que tenha sucesso neste tipo de lecionação interdisciplinar. Neste ensejo, pretendemos com este trabalho apresentar a possibilidade de ensinar a história através da disciplina de português, mostrando o conhecimento de parte da história de Portugal através d'*Os Lusíadas* e, finalmente propor uma planificação tendo em vista a ação educativa através da união de disciplinas. Sendo Vasco da Gama uma figura histórica e a viagem à Índia um marco central na história de Portugal, é importante realçar, todavia, que a história em que nos debruçamos é relativa aos reis e às figuras históricas apresentadas por Camões na segunda estrofe da epopeia*:*

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,

(*Canto I.2,1*-6)

Desta feita, o nosso caminho é trilhado justamente em Cantos nos quais o poeta se debruça sobre estas figuras (reis que dilataram "a fé e o império", e outros que "por obras valerosas" se tornaram imortais) e servem-nos nestes quesitos diversos cantos *d'Os Lusíadas*. Porém, são os cantos III e IV aos quais mais recorreremos pelo facto de aprofundarem a temática em causa, o que faculta a concretização dos objetivos deste trabalho. Assim, no âmbito didático, pretende-se que os alunos dominem figuras e reis da história.

É pertinente utilizar esta obra como prova da possibilidade da união entre literatura e história pelo facto d'*Os Lusíadas* terem, além de seu plano principal, outros planos, como o da história de Portugal, e por serem sintéticos na narração de factos que demarcam a história lusitana. A história é contada por um poeta que nos apresenta, através do seu "engenho e arte", a narração de acontecimentos históricos do seu povo, desde Viriato até o reinado de D. Sebastião.

Não pretendemos fazer uma análise crítica da obra em questão, nem da forma como o poeta narra factos históricos ou ainda da mentalidade renascentista na qual a visão do poeta se associa, o nosso objetivo é justamente a demonstração da história dentro da literatura através da narração oferecida por Camões na sua obra. Após isso, é apresentada a proposta pedagógica que visa alcançar justamente este objetivo dentro do processo de ensino-aprendizagem, demonstrando a possibilidade de conhecer e ensinar a história de Portugal a partir d'*Os Lusíadas*.

Na segunda parte deste trabalho, apresentamos em jeito de relatório de estágio, uma expressão e descrição das atividades letivas curriculares e extracurriculares que se desenvolveram ao longo do presente ano letivo. Entendemos a importância do ensino-aprendizagem como mecanismo de preparação do cidadão tendo em conta as aspirações sociais. A dissertação tem igualmente por objetivo mostrar a necessidade de preparar os alunos tendo em vista um determinado perfil, e, para isso, as disciplinas trabalham em conjunto, não são ilhas, são um barco que carrega os alunos para o mesmo porto. Ensinar a história dentro da literatura é exatamente inserir-se nesta aspiração, que demonstra aos alunos que as disciplinas são um mesmo carro com assentos diferentes, com o objetivo de os transportar para um mesmo lugar. A temática é, portanto, de grande importância, pois proporciona uma pedagogia que foge da normalidade, pela possibilidade de aprender história através do recurso à literatura, neste caso a de Luís Vaz de Camões, um dos maiores nomes da literatura portuguesa e mundial.

1ªPARTE – O conhecimento da história de Portugal a partir d'*Os Lusíadas*

CAPÍTULO I: Luís Vaz de Camões: Apontamentos sobre o autor e o atual estado do ensino da sua obra

1.1. Biobibliografia de Luís de Camões

A vida de Luís de Camões é cheia de incertezas e dúvidas, pouco sabemos deste autor. Há uma oposição do grau de importância que suas obras têm em relação ao que sabemos acerca deste exímio homem das letras. Estudar Camões obriga-nos a recorrer a seus biógrafos. Pedro de Mariz é tido como pioneiro e, portanto, servir-nos-emos de alguns relatos e testemunhos deste. Camões terá nascido possivelmente entre 1524 ou 1525, entre Lisboa, Coimbra ou até mesmo Santarém; outros ainda o apontam como natural de uma das zonas de Vila Real, porém crê-se que Lisboa tenha sido de facto a sua terra natal, e Coimbra onde se tenha desenvolvido intelectualmente no ímpeto da sua adolescência e parte da juventude.

A origem do poeta abre um espaço para dúvidas e suposições, visto que na sua época o apelido «Camões» era comum. Pedro de Mariz aponta-o como descendente de uma família de fidalgos galegos, que tinha pretensões de ascender ao governo da Galiza, mas não atingiram tal objetivo. Destes, veio para Portugal, em 1370, um tal de Vasco Pires de Camões, que não tardou muito para ser reconhecido dentro da corte portuguesa, isso porque travou amizade com D. Leonor e apoiou-a incondicionalmente em tudo, e como resultado disso teve um grande prestígio com a ascensão ao trono da dinastia de Avis.

De Vasco Pires de Camões veio João de Camões, e deste veio um homem que merece grande destaque, Bento de Camões, que foi o responsável pela formação intelectual de Luís Vaz de Camões; Bento foi chanceler da Universidade de Coimbra e prior da igreja. Em contrapartida, há um Simão Vaz de Camões, do outro lado da árvore genealógica, que é justamente primo de Bento e pai de Luís Vaz de Camões. Assim, esta árvore apresentada por Pedro de Mariz teve ainda mais credibilidade quando alguns estudiosos do século XIX, nomeadamente Severim de Faria e o cónego Ribeiro de Vasconcelos a comprovaram e a aprofundaram em seus estudos tal como aponta o professor Hernâni Cidade na sua obra *Vida e Obra de Luís de Camões* (Cf. Cidade 1986:18).

Camões foi filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá. Teóricos da literatura, tal como cita Hernâni Cidade na sua obra supracitada sobre a biobibliografia camoniana, denominam-na de Ana de Sá de Macedo, por acreditarem que tenha pertencido à família dos Macedos de Santarém, eis ali uma das razões da associação do nome do poeta a Santarém. Já de Lisboa, cremos que lá tenha nascido, por causa de alguns testemunhos, um deles, ou até mesmo o

principal, é o de Manuel Correia, que aponta Lisboa como sendo o lugar do nascimento do poeta. Estas informações de Manuel Correia são importantes por ter sido um homem contemporâneo de Camões, culto, licenciado e prior da igreja de S. Sebastião, à Mouraria, onde através de documentos se acredita ser o lugar onde os pais de Camões terão vivido, e por ser também o primeiro comentador d'*Os Lusíadas*.

Luís Vaz viveu grande parte da sua adolescência e juventude em Coimbra, e, depois voltou à capital, onde pelas tardes frequentava o Paço Real, e pelas noites desfrutava da vida boémia de Lisboa. No Paço encantou diversas senhoras, apontam-se Catarina de Ataíde, D. Francisca de Aragão e a Infanta D. Maria como suas grandes favoritas; estudiosos chegaram mesmo a afirmar que Catarina de Ataíde se considerou como a forte inspiradora do poeta. Já José Maria Rodrigues, em *Camões e a Infanta D. Maria*, considera esta como sendo a lisboeta que inspirou em muito o poeta e foi responsável por grandes poemas que são cantados até à contemporaneidade. Seja como for, considera-se que estas paixões de Camões contribuíram para a sua vasta e rica obra, sobretudo para o surgimento dos seus poemas de amor.

O poeta viveu não só as aventuras de amor, mas também bélicas. Conta-se que Camões foi combater numa batalha contra os mouros em Ceuta, ali foi atingido e perdeu o olho direito.

Lisboa contribuiu imenso para a produção lírica de Camões. Nestas venturas e desventuras, envolvia-se em pelejas, e conta-se que, numa certa noite, feriu um serviçal do palácio real, Gonçalo Borges, «à espada no toutiço». O ferido deliberou perdão ao poeta, assim como o fez o Rei D. João III, mandando-o prestar serviço à India, em 1553, onde começou por escrever *Os Lusíadas*.

A *Carta de Perdão* de Dom João III é importante por ser documentada, por possuir informações claras e exatas acerca deste poeta cuja documentação biográfica é rara. Na carta é apresentada a filiação paternal, no caso, filho de Simão Vaz de Camões, também o rei o toma como fidalgo da casa real, e aclara a condição social dele, como sendo um jovem pobre, que se oferecia para ir servir o rei na Índia.

A ida a Goa fez bem ao poeta, desde a natureza, as amizades e as damas. É o próprio que o declara, sendo uma terra em que «era mais venerado que os touros de Merceana e mais quieto que cela dum frade pregador…» (Cf. Cidade 1986: 28).

Camões também foi um homem das armas, enfrentou batalhas, fruto disso viajou para lugares como o estreito de Meca e ao Golfo Pérsico. Nestas expedições terá criado a comédia *Auto de Filodemo*. É importante salientar que exerceu, provavelmente, o cargo de «provedor-mor dos defuntos ausentes» quando foi para Macau, em 1556. Neste lugar terá escrito a maior parte d'*Os Lusíadas*. (cf. Nascimento 1998:16).

Acredita-se que tenha sido em Macau que Camões se apaixonou por uma bela rapariga de nome Dinamene. Surgem relatos de que este, talvez, tenha cometido um crime e, por isso, foi encaminhado novamente a Goa onde cumpriria prisão, mas foi inocentado por D. Constantino de Bragança, governador de Goa entre 1558-1561. Um facto muito importante é o relato acerca do naufrágio sofrido pelo poeta, quando este deixou a China para o retorno a Goa, tal sucedeu no rio Mecong.

O poeta tencionava levar Dinamene, a mulher asiática, à capital portuguesa do oriente, mas pelo infortúnio marítimo tal plano foi frustrado, então, o poeta conseguiu salvar-se sem salvar a jovem. Conta-se a lenda de que neste acidente Camões tinha duas opções a salvar, uma, os manuscritos d'*Os Lusíadas*, e outra a jovem Dinamene - o poeta, porém, nadou com uma mão, e na outra carregava manuscritos daquela que seria considerada a maior obra da literatura portuguesa, *Os Lusíadas*, deixando assim morrer Dinamene. Não se sabe ao certo se realmente tal lenda carrega alguma verdade ou não, o que de facto é real é que existiu uma mulher asiática que mexeu com a estrutura emocional do poeta luso e que este retratou em famosos poemas como "Ah! Minha Dinamene! Assim deixaste" e "Alma minha gentil, que te partiste".

De 1559 a 1568 é provável que tenha permanecido em Goa, foi visto em Moçambique um ano depois por Diogo do Couto, num estado totalmente de miséria. Conta-se que para se alimentar e se vestir dependia totalmente dos seus amigos, incluindo Diogo. Ali, continuava a escrever *Os Lusíadas* e a trabalhar numa obra denominada *Parnaso de Luís de Camões*, obra de «erudição, doutrina e filosofia», segundo Diogo do Couto, que infelizmente desapareceu, é bem provável que tenha sido roubada (cf. Macedo 1998: 30-33, Feliciano 1967:283 & Cidade: 1986: 35-37).

Em 1570, graças à ajuda dos amigos, que lhe custearam a viagem de retorno a Portugal, Camões encontrava-se em Lisboa. Aí, vivia insatisfeito, pois através da imersão na sua biobibliografia podemos neste trabalho levantar a possibilidade da agonia do poeta. É bem provável que, em seu intelecto cogitasse em questões que parece que ninguém mais via, sentia-se abandonado não só por falta de apoio, mas em termos de visão da vida, do mundo, da realidade portuguesa de seu tempo. Por essa e outras razões, Camões é um poeta com uma visão atemporal, que aborda questões existenciais que permeiam séculos e séculos. No canto X, na estrofe 145 d'*Os Lusíadas,* o poeta faz um desabafo:

No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida

No gosto da cobiça e na rudeza

Düa austera, apagada e vil tristeza.

(Canto X, 145)

Estes versos remetem-nos para diversos descontentamentos, pois o poeta estava consciente da desvalorização que Portugal prestava aos seus. Aliás, prova disso foi a tença anual de 15$000 réis que o rei Dom Sebastião lhe deu pelo trabalho prestado, *Os Lusíadas,* que fora publicado em 1572. Tal recompensa era dada de forma irregular cujo recetor após sua morte foi sua mãe, Ana de Sá. Pedro de Mariz conta-nos que os últimos dias do poeta foram tristes; um criado que trouxe da Índia, de nome Jeu, pedia esmola para que ele e Camões se alimentassem. Camões morreu no dia 10 de junho de 1580, mas por dentro é bem provável que já tivesse morrido tempos antes. Muitos atribuem-lhe uma célebre frase quando estava prestes a dar o último suspiro «Morro com a Pátria». É algo de que não se tem certeza que tenha vindo do poeta, mas a história confirma exatamente que Portugal havia morrido porque desaparecera tragicamente o rei novo, Dom Sebastião, na batalha de Alcácer-Quibir, não deixando herdeiro, e a crise de sucessão emanou, dois anos antes de Camões morrer, com o Cardeal D. Henriques. No final, Portugal viria em 1580 a cair nas mãos dos Filipes de Espanha. Assim, o ilustre poeta viveu os seus últimos dias num Portugal órfão, num país sem futuro assegurado, que acreditava num retorno messiânico de seu rei (cf Martins 1986: 97-100 & Cidade 1986:38).

Diogo do Couto chama a Camões «*príncipe dos poetas do seu tempo*» (c.f Ramos 1967:283) este notara um ilustre poeta em Moçambique, dotado de veia artística, porém mergulhado na miséria, que graças à bondade de seus amigos consegue sobreviver e retornar a Lisboa; e, após a sua morte, homenageou-o com as seguintes declarações: «*E em Portugal morreu este excelente poeta em pura pobreza*» (Cidade 1986.39). O poeta foi enterrado «à porta do Mosteiro de Santa Ana, da banda de fora chãmante» (Cf. Ramos 1967:286) e D. Gonçalo Coutinho ordenara que se colocasse um epitáfio com a descrição da sua identidade e do trabalho artístico que produzira em vida. Assim, graças a Diogo do Couto e a D. Gonçalo Coutinho, amigos de Camões, podemos saber de forma exata a data de morte do poeta luso, também o local e saber que realmente é o túmulo em que Camões jaz, graças ao epitáfio elaborado pelo segundo amigo que há um erro na datação da morte do poeta, o mesmo aponta 1579, mas que o certo é 1580.

De Camões podemos ver amores impossíveis, tragédias marítimas, perda do pai muito cedo, mortes, guerras, inquietudes existenciais. Estes acontecimentos contribuíram imenso para ele ser o que foi. Hélder Macedo, numa abordagem televisiva de 2007, com a temática "Grandes Portugueses-Luís de Camões 2007" [1] defende Camões como grande ao considerá-lo um poeta

[1] Grandes Portugueses, Luís de Camões, 2007 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DopvOFF4DbY&t=253s.

diferente dos outros, justamente porque este não foi somente um poeta de cadeira que recorria apenas à imaginação e à articulação cognitiva de ideias, mas por Camões ser um poeta da experiência, que pisou em terras, navegou em mares, conheceu pessoas. Isso o distingue, ele teve conhecimento de causa, compôs com o engenho e com a arte sustentada pela sua vivência baseada no método de observação e experimentação, honrou a sua pátria, ascendeu a literatura portuguesa por criar uma obra nos mesmos moldes que as da antiguidade greco-latina.

Principais obras e temas

A obra maior de Luís de Camões é *Os Lusíadas*, uma epopeia por excelência que eleva a literatura portuguesa a uma dimensão maior por ser uma epopeia à altura de Homero e Virgílio. Camões cultivou diversos géneros, foi um dos poucos da arte estética da linguagem que cultivou todos os modos literários, mas, embora o tenha feito, destacou-se mais na lírica e na narrativa em verso, com a epopeia *Os Lusíadas*.

Na lírica usou tanto a medida velha quanto a nova trazida para Portugal por Sá de Miranda. Na sua obra póstuma, *Rimas*, publicada em 1595, há conjugação da lírica tradicional e da clássica. Na tradicional temos, por exemplo, as Trovas «Sôbolos rios que vão»; Endechas, como «Aquela cativa»; esparsas, como «Os bons vi sempre passar»; ou Vilancetes, como «Verdes são os campos».

Na medida nova e clássica sob influência de Petrarca, temos os sonetos, como «Amor é fogo que arde sem se ver», entre outros. Ainda no modelo artístico renascentista temos a chamada Canção clássica, como, por exemplo, a «Canção X»; temos ainda a Écloga, uma representativa camoniana é a Écloga VIII, *Piscatória*. Temos a Oitava clássica que serviria, aliás, como modelo estrófico para *Os Lusíadas*. Neste *dolce stil nuovo* temos ainda a Sextina, a Ode ou a Elegia. Se Sá de Miranda se destaca pelo pioneirismo do Soneto em Portugal, Camões é considerado o maior sonetista luso.

Estudiosos consideram o teatro de Luís Vaz de Camões como obras menores. Deste género temos três comédias: *Auto dos anfitriões, Auto do Rei Seleuco e Auto de Filodemo*. Camões dramaturgo tem influências teatrais clássicas e do ilustre pai do teatro português renascentista, Gil Vicente. Feliciano Ramos considera o teatro camoniano como uma nacionalização do teatro clássico. É considerado O *Auto do Rei Seleuco* como o primeiro trabalho artístico de Camões, outros apontam para o *Auto dos Anfitriões*. (cf. Ramos 1967:300-301).

Fez também Camões uso do género epistolar. Segundo relatos, terá dado ao poeta o Visconde de Juromenha a autoria de sete *Cartas*, o que foi negado por estudiosos camonianos, em especial, o professor Hernâni Cidade. Concluiu-se que Camões foi somente autor de três

epístolas e que elas se relacionam semanticamente com as obras teatrais produzidas pelo luso poeta épico (cf. Cidade 1956:77-78).

São vários os temas que fizeram com que o poeta luso cantasse. Desde questões amorosas, inquietudes do mundo, canções teológicas, o tema da mudança e aqueles que foram fruto da sua espontaneidade através de situações que viveu. As abordagens acerca do amor por vezes divergem. Há poesias que mostram a beleza do amor quando este é correspondido, outras, porém, mostram este como um sentimento capaz de chocar o ser humano, fazê-lo "andar solitário entre as gentes"; portanto, um amor que não sendo correspondido desenvolve no sujeito poético enfermidades emocionais. Por outro lado, vemos um sofrimento amoroso causado não pela rejeição, se não pela impossibilidade de os amados desfrutarem de seu amor, gerado por diversos obstáculos, ou até mesmo pela morte da amada, é um amor cantado de forma semelhante ao dos trovadores da lírica galego-portuguesa. Assim, em Luís Vaz temos um poeta sensível a tudo, às questões sociais, como o desconcerto do mundo, entre outras. Na sua poesia os injustos perduram mais que os justos, e, portanto, temos uma amplitude de matéria em Camões, algo que prova a necessidade da conexão de saberes para a diversificação e estruturação de forma exata de determinado trabalho. (cf. Ramos 1967:288-292 & Cidade 1986: 40-61).

1.2. Os Lusíadas: contexto, influências e estrutura

Os Lusíadas é uma obra que exalta e glorifica o povo português, é lírica e épica. Nela existe a conexão entre os vários saberes; o homem culto não se limita a um só saber. A obra nasce no Renascimento, no tempo dos descobrimentos.

A obra *Os Lusíadas* é considerada um poema épico, por outro lado há quem não o considere assim, como é o caso do crítico inglês, Aubrey Bell, que considerou *Os Lusíadas* como um hino lírico em louvor de Portugal (Id. Cidade:1995-14). Esta obra prestigiou o povo português dentro e fora da Península ibérica. Se Castela fora considerada como a região que gerou os cantares de gesta, Portugal é célebre por possuir a mais alta veia épica e lírica da península, tal como considera D. Carolina Michaëlis em *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular--- Romances velhos em Portugal*. Esta considera Camões a mais alta personificação do génio épico e lírico da Hispânia (cf. Vasconcellos 1909:342). A associação e a apreciação desta epopeia como sendo riqueza de ambos os países é feita também por Ramiro de Maeztu, quando afirma:

«…*Os Lusíadas* es la epopeya peninsular, y sabido es que la historia espiritual y artística de los pueblos hispânicos no debe hacer-se aisladamente. En *los Lusíadas* se encuentra la expresion conjunta del génio hispânico en su momento de esplendor. Alli está su espansión mundial y su religiosidad característica: la divinisación de la virtud humana. Donde acaban *los Lusíadas*, empieza Dom Quixote.» (Maetzu 1926:71).

Assim, há traços castelhanos n'*Os Lusíadas,* sejam as relações entre monarcas, seja a união em guerras, ou até conflitos bélicos entre ambos reinos, ou outras abordagens, referências e figuras, dada a ligação histórica que Portugal tem com Espanha. Contudo, *Os Lusíadas* não só traduzem um contexto de dilatação do império português e do catolicismo, como também é um símbolo luso, cujo herói coletivo são os portugueses e o herói individual é Vasco da Gama. A obra nasce da necessidade em retratar os feitos dos heróis da sua terra, que, de forma superlativa, Camões os canta nesta epopeia.

Das principais fontes a que Camões recorreu, uma das principais foi a sua experiência pelo mundo, pelos lugares "nunca dantes navegados", as suas batalhas marítimas, isto foi o que o diferenciou, tal como nos diz o professor Hélder Macedo, citado anteriormente, quando afirmou em cadeia televisiva que o poeta foi incomum pela experiência, por olhar as pessoas, os povos, os mares, por experimentar naufrágios e tantos outros factos que estabelecem um paralelismo com certos factos d'*Os Lusíadas* que ocorrem com Gama e sua armada (apud Ramos 1967:295). Assim, podemos concluir que Os *Lusíadas* terá surgido a partir das aventuras de Camões em terras alheias, pelo conhecimento do desconhecido, pela constatação direta daquilo que fora abordado teoricamente de maneira superficial e errada pelos estudiosos e aqui voltemo-nos à máxima da **"**Experiência como sendo a mãe de todas as coisas", de Duarte Pacheco Pereira abordada na sua obra, *O Esmeraldo de Situ Orbis* de 1506.

Além da experiência do poeta, *Os Lusíadas* tem obviamente influências literárias das epopeias da antiguidade clássica. Foi através delas que o poeta luso conseguiu elaborar nos mesmos moldes, porém com algumas diferenças, uma epopeia. Assim, nomes como Homero e Virgílio são de suma importância e não os podemos ignorar no estudo d' *Os Lusíadas*. Para comprovar esta ideia destaco o início d' *Os Lusíadas,* pois parafraseia o início da *Eneida* (*arma virumque cano*) ou o facto de as três obras terem uma ação central bastante similar: uma viagem marítima, a de Eneias, a de Ulisses e a dos Portugueses; apenas foram destacados estes factos, dado que explorarei mais profundamente as influências clássicas n'*Os Lusíadas* posteriormente.

Na História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos portugueses, de Castanheda, podemos verificar, na Dedicatória ao Rei Dom João III, que o autor manda cessar os feitos que tanto orgulharam grandes figuras do passado, como Semíramis, Ciro, Xerxes, Alexandre Magno, Júlio César e outros Bárbaros, Gregos e Latinos. O historiador exalta as viagens marítimas dos portugueses, o seu povo e a força diante das adversidades que o mar proporcionava. Se os antigos impérios tinham a sua força em terra apenas, para Castanheda, o seu povo foi superior por dominar mar e terra. Assim, é impossível ler João de Barros e Castanheda sem vermos forte influência camoniana nestes autores (cf. Cidade 1995-19-24).

Ainda sobre os influenciadores de Camões, temos o historiador e amigo do poeta, Diogo do Couto, que muito ajudou-o e cooperou para o surgimento da sua obra épica.

Das influências clássicas temos logo a narração *In Média Res*, expressão do poeta latino Horácio para se referir ao processo narrativo observado na epopeia homérica. As epopeias de Homero *(Ilíada e Odisseia*) e de Virgílio *(Eneida*) influenciaram grandemente *Os Lusíadas*, desde semelhanças na tipologia de herói, (embora possam admitir algumas diferenças, como no caso d'*Os Lusíadas* apresentar herói coletivo) como também em certos temas e estratégias de narração como "a hospitalidade, narração *In Media Res,* e, tantos outros" (Nascimento 1998:26-28). Realmente, são várias as caraterísticas da obra homérica que estabelecem relações com a camoniana, porém, é consensual para os estudiosos, que foi Virgílio com a *Eneida* que mais influenciou o poeta luso, algo visível, como aponta o professor Feliciano Ramos, na proposição em Virgílio, "*Arma virumque cano"*, Camões apresenta no primeiro verso d'*Os Lusíadas*, *As armas e os barões assinalados*; há assim, uma clara evidência da grande influência semântica e até de estilo de Virgílio em Camões (cf. Ramos 1967:296-297), (Cidade 1995:34-47).

Os Lusíadas são uma obra de imitação e Hernâni Cidade considera que esta influência de Virgílio foi de suma importância, porém Camões adaptou-as e deu-lhes uma significação particular que espelha uma nova docilidade, isto é, embora o poeta luso se tenha baseado em muito no autor da *Eneida*, porém utiliza este reduto de uma forma que o torna autêntico e diferenciado (Id. Cidade 1995:46-47). Há ainda influência de escritores clássicos como Petrarca que em muito inspirou o poeta, dentro da obra em questão podemos ver tal influência sobretudo no lirismo comocional do "episódio de Inês de Castro"; há ainda astrónomos como Pedro Nunes, que com a obra *Tratado da Esfera* muito influenciou o poeta, ainda homens de ciência como o seu amigo Garcia da Orta. Ainda assim, influenciaram Camões, Ovídio, Ariosto, Fernão Lopes, Rui de Pina e Zurara (cf. Nascimento 1998:29). É importante aqui salientar o saber teológico, que nos remete para a grande influência da doutrina eclesiástica no pensamento camoniano. Aliás, embora exista um plano dos deuses, n'*Os Lusíadas*, os heróis são um povo cristão católico, portanto, há também uma forte influência da Bíblia e dos Doutores da igreja dentro desta obra épica. Deste modo, Aubrey Bell que considerou Camões "Um dos maiores poetas do mundo" admite que os valores espirituais da ocidentalidade cristã, enriquecem *Os Lusíadas*, tornam a obra mais gloriosa, e exalta a veia humana, pois na sua perspetiva é assim que o homem alcança o apogeu literário (Apud Ramos 1967:300). Assim, partir do conteúdo da obra, pode-se dizer que *Os Lusíadas* são um grande tratado gerado a partir de muitos saberes cuja interdisciplinaridade é indispensável, para além da história, letras, geografia, astronomia e diversos outros saberes, temos também a psicologia, como se comprova no plano dos deuses, onde o leitor verifica uma certa humanização destes. Vénus

comove-se pelos portugueses, e através de diversos motivos, incluindo linguísticos, torna-se na grande intercessora dos lusos. Uma das razões da língua portuguesa ser proveniente do latim é que Eneias, filho de Vénus, foi o fundador lendário de Roma. Portanto, mesmo em Baco é verificado este plano de humanização, através de sentimentos e comportamentos que este apresenta típicos dos seres humanos.

Tal como as grandes epopeias, *Os Lusíadas* possui uma estrutura interna e externa. Dentro da estrutura externa, Camões utiliza versos decassilábicos, com o sistema rimático ABABABCC (rimas cruzadas e emparelhadas), e um total de dez cantos, totalizando 1102 oitavas. Além disso, a estrutura interna da obra apresenta uma Proposição, que resume os grandes feitos do povo português, destacando a ação central: a viagem de Vaco da Gama. Temos a Invocação, onde Camões apostrofa as musas do rio Tejo. Observa-se também a Dedicatória, a Narração e as Considerações do Poeta. A narração da obra divide-se em quatro planos que estabelecem relação entre si: o da viagem, o da mitologia, o da história de Portugal e o das intervenções do poeta. Se no plano da viagem temos Gama e seus súbitos em empreitada marítima na descoberta do caminho marítimo para a Índia, no plano da História de Portugal vemos um rei interessadíssimo em saber a história destes, o Rei de Melinde, e o poeta serve-se da boca de Vasco da Gama para fazer uma viagem no tempo e trazer à tona a história de Portugal de forma analéptica.

1.3. Estudo de Camões no ensino pré-universitário

1.3.1. Camões estudado no 3º ciclo do ensino básico

Camões entra nas escolas portuguesas a partir do 3º ciclo do ensino básico e termina no primeiro ano do ensino secundário. Logo nos primeiros anos do 3º ciclo do ensino básico, 7º e 8º, estuda-se dentro do texto poético alguns poemas do autor, porém, não há lugar à abordagem de aspetos relativos a Camões e às suas obras: o estudo tem por foco o texto em si, sem preocupações biográficas. Assim, normalmente são estudados quatro textos poéticos, entre os seguintes: "Endechas a Bárbara escrava", "Descalça vai para a fonte"; Esparsa: "Os bons vi sempre passar"; Sonetos: "Alma minha, gentil, que te partiste", "Amor é fogo que arde sem se ver", "Aquela triste e leda madrugada", "Busque amor novas artes, novo engenho", "Erros meus, má fortuna, amor ardente", "O céu, a terra, o vento sossegado", "Quando de minhas mágoas a comprida imaginação".

Num estudo já mais profundo, Camões é abordado a partir do 9º ano, com o estudo d'*Os Lusíadas*, onde são selecionados alguns episódios e estâncias de maior relevância para a iniciação ao estudo da obra, são propostas as seguintes:

Relativamente ao Canto I, os alunos estudam as estâncias 1-3 e 19-41, passam a conhecer a epopeia, aprendem sobre as grandes epopeias de Homero e de Virgílio (*Odisseia, Eneida* e a *Ilíada*), e assim, entendem que *Os Lusíadas* é uma epopeia, por obedecer aos moldes que esta exige. Também, no pré-estudo, há alusões às narrativas de factos históricos ou lendários, como *O Cantar de Mio Cid* e *a Chanson de Roland,* a fim de haver maior compreensão do que é e do que não é uma epopeia. Os alunos neste Canto fazem uma introdução da obra, relativamente ao propósito pelo qual Camões a redige. De seguida, nas estâncias 19-41, os alunos constatam mais uma vez uma característica da epopeia, que é a narração *in média res*, porém a aprendizagem incide-se mais no primeiro concílio dos deuses.

Após estas estâncias do canto supracitado, os alunos aprendem as estâncias 118-135 do Canto III, relativas ao episódio dos amores de Inês de Castro e de Dom Pedro e da morte daquela, seguindo-se as estâncias 84–93 do Canto IV, sobre a despedida das famílias, esposas, filhos, mães a seus maridos, filhos, irmãos dos marinheiros que estavam a empreender a viagem para a Índia, isto na praia do Restelo.

Às estâncias selecionadas dos primeiros quatro cantos, seguem-se as curtas seleções dos episódios nos cantos seguintes, a saber: no Canto V, as estâncias 37-60 sobre o cabo das Tormentas, o gigante Adamastor; no Canto VI, as estâncias 70-94, com o episódio relativo à tempestade repentina, que quase fez naufragar os portugueses; no Canto IX, as estâncias 18-29 e 75-84, onde Vénus, com ajuda de Cupido, oferece descanso aos marinheiros na "Ilha dos amores".

No Canto X são selecionadas as estâncias 142-144, 145-146 e 154-156. Os marinheiros despendem-se da "Ilha dos amores" e seguem a jornada; nas estâncias 145 e 146, temos o desabafo do poeta, onde este revela a incompreensão e a desvalorização do seu trabalho e, por isso, apela ao rei que olhe e valorize todo aquele que presta serviço à pátria; por fim, nas estrofes 154-156, retém informações a respeito da consciência que o poeta tinha a respeito do que era capaz de fazer, tanto na arte como na guerra e em sinal de humildade coloca-se à disposição do rei Dom Sebastião.

Para além do estudo destes cantos, os manuais apresentam textos de autores renomados dedicados a Camões para a expansão do conhecimento dos alunos. Portanto, os alunos saem do 9º ano com vasto conhecimento relativamente a Luís Vaz de Camões e a*os Lusíadas*.

1.3.2. Camões no ensino secundário

Sequencialmente, no 10º ano, são selecionados quatro redondilhas e oito sonetos de Camões. Os sonetos são os seguintes: «O dia em que eu nasci, moura e pereça»; «Amor é um fogo que arde sem se ver»; «Erros meus, má fortuna, amor ardente»; «Está o lascivo e doce

passarinho»; «Tanto de meu estado me acho incerto»; «um mover d´olhos, brando e piadoso»; «A fermosura desta fresca serra»; «Alegres campos, verdes arvoredos»; «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades». Nas opções de redondilhas temos «Os bons vi sempre passar(…)»;«Se helena apartar»; «Aquela cativa(…)»; «Descalça vai para a fonte»; «De que me serve fugir».

Depois do estudo dos poemas, volta-se aos d'*Os Lusíadas*, onde o estudo se incide sobre três reflexões do poeta, a escolher dentre as seguintes:

Canto I, estâncias 105 e 106 - reflexões acerca dos males existente em toda a parte;

Canto V, estâncias 90 a 100 - onde a temática é a desilusão do poeta sobre a desvalorização da poesia e da cultura portuguesa;

Canto VII, estâncias 96 a 99 - reflexões acerca dos males causados pelo dinheiro;

Canto IX, estâncias 88 a 95 – reflexões sobre como atingir a glória, o poeta critica à inação e a corrupção que provocaram a estagnação do seu país.

Canto X, estâncias 145 a 156 - relativas à incompreensão do seu tempo e ao apelo para que o rei valorize os patriotas. A diferença do estudo deste Canto e destas estâncias existente entre o 9º e o 10º ano é a seguinte: estudam-se as estâncias do verso 145 a 156 para a compreensão da reflexão do poeta enquanto no 9º ano são selecionados apenas algumas estâncias relativamente ao tema.

Assim, embora haja escassez de tempo, Luís Vaz de Camões é bastante estudado no ensino pré-universitário. Dentre os grandes nomes da literatura, ele é abordado com o destaque que a sua obra apresenta. Se na literatura portuguesa não constassem homens como Eça de Queiróz, Fernando Pessoa, Saramago, Gil Vicente, Cesário Verde e o próprio Pe. António Vieira, é bem provável que o maior sonetista português fosse alvo de um estudo mais amplo nos 11º e 12º anos. Porém, a concorrência é enorme e, portanto, de Camões aprendem-se aspetos importantes, mas isso não descura que outros pontos igualmente relevantes sejam deixados de parte.

A obra de Camões é vasta, a literatura portuguesa também o é, e, portanto, existem nos programas escolares tentativas de ensinar traços mais representativos de cada autor. Assim, penso eu, a equivalência artística das obras pertencentes ao mesmo género permitem-nos explicar uma tendo em conta o valor de equivalência da outra, porém o conteúdo muito diverge, e a complexidade do raciocínio do poeta é enorme, pois é um campo aberto a ser estudado e cuja revisão apenas nas academias não basta.

É, ainda, importante salientar que até 2015/2016 Camões era estudado no 12ºano, porém, hoje, com as aprendizagens essenciais, o programa é estruturado de forma diacrónica. Sendo Luís Vaz um autor renascentista, surge logo no fim do ensino básico e no 1ºano do ensino secundário, entretanto, o autor é revisado no 12ºano quando é estudada a obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, dada a intertextualidade que estabelece com *Os Lusíadas*.

1.3.3. Camões, *Os Lusíadas* e o legado para o ensino: aprender história a partir da literatura

Os Lusíadas é uma obra complexa que é impossível ser lecionada na íntegra ao longo do percurso académico. Nem que a literatura portuguesa não tivesse concorrência em termos de outros escritores, de igual modo seria quase impossível, por isso existe a necessidade de uma seleção criteriosa. Um ponto de bastante importância para os portugueses é a dimensão que Camões apresenta dentro do leque da literatura e a resposta que deu às necessidades portuguesas da época de ter uma obra que correspondesse em dimensão às descobertas portuguesas, nomeadamente ao feito de Vasco da Gama, que haveria de abrir uma rota comercial para o Oriente, seguida pelos europeus durante quatro séculos, até à abertura do canal de Suez, em 1869. Camões foi consciente do seu talento ao serviço dos feitos pátrios e o utilizou gerando uma obra de arte reconhecida nacional e internacionalmente. Isso leva-nos a refletir, enquanto professor, a ver alunos como pluralidade e ajudá-los a aperfeiçoarem-se naquilo que são bons para o benefício de todos. Por vezes, muitos acabam por frustrar-se, porque, talvez por influências externas, chegam a fazer algo que não lhes proporciona prazer e satisfação vocacional. Ora, na sociedade em que vivemos, onde muitos se anulam para serem aceites em meios sociais, é importante lermos Camões além da arte, um homem com uma mentalidade para lá do seu tempo, que sabia o motivo pelo qual estava vivo, e que soube deixar um legado e inspirou a muitos. Assim, orientar os alunos no caminho em que manifestem maior potencial é um modo de se criar talentos que responderão às aspirações sociais.

Os Lusíadas é uma representatividade do legado camoniano que situa os alunos num determinado tempo histórico e apresenta-nos questões atemporais. Assim, a arte, o saber e a experiência que distinguiram este ilustre poeta português de tantos outros permite que o legado camoniano faça uma junção entre o histórico, o real e o imaginário. A interdisciplinaridade é importante dentro do ensino, ela promove uma consciência grupal norteada pelos mesmos objetivos. É importante perceber que a história e a literatura podem caminhar juntas, exigindo assim por parte dos docentes uma mente ampla que não se limita apenas dentro de uma área de ensino. Com isto, não pretendemos desprezar a questão de especialidade, é importante, porém não se descurarem outros saberes. A literatura nasce de história, vivências e ambiências, assim, um verso, uma estrofe ou uma obra literária são

história, traduzem realidades de quem as escreve, mesmo aquele verso que pode parecer insignificante por parte de quem lê, a vida é feita de arte, de história. A história não é apenas passado, ela é feita todos os dias. As vivências lusas anteriores e contemporâneas a Camões estão na base deste plano inserido n'*Os Lusíadas*, o plano da história de Portugal. Os docentes, fazem parte da história académica dos alunos, por isso, devem abraçar o ensino com seriedade e responsabilidade e, portanto, a interdisciplinaridade que se materializa no ensino com a praticidade dos domínios de articulação curricular são fundamentais. É importante compararmos o sistema educacional como um navio que carrega os alunos para um mesmo porto e, portanto, o caminhar em unanimidade das disciplinas tendo em conta os mesmos objetivos são fundamentais, sendo possível ensinar a história através do português e vice-versa, exigindo do docente conhecimento multidisciplinar para que haja sucesso nesta empreitada.

Ensinar a história a partir do português pode processar-se de diversas formas, pode ser por exemplo dentro dos domínios de articulação curricular haver uma atividade conjunta entre os docentes de história e português onde *Os Lusíadas* podem ser usados para o ensino do português e ao mesmo tempo de uma temática de história presente na obra, para isso, é fundamental mais autonomias para as escolas e mais flexibilidade curricular por parte dos docentes. A maior preocupação do professor não deve ser apenas em cumprir programas, mas em fazer com que os seus alunos aprendam e, portanto, o ensino da interdisciplinaridade requer metodologias próprias e eficazes para que haja sucesso.

Capítulo II: A história de Portugal n'*Os Lusíadas*

2.1. Contextualização do relato de Vasco da Gama ao rei de Melinde

– «Ó tu que, só, tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria e adversidade
Dos mares exprimenta a fúria insana:
Aquela alta e divina Eternidade
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

(Canto II,104)

O relato de Vasco da Gama ao rei de Melinde surge exatamente num contexto em que o espírito dos navegantes portugueses estava calmo, tranquilo e grato. Após ciladas de Baco e perseguição por mouros do reino de Mombaça, Gama e sua arma se viram livres graças a Venús e suas súbitas, as Nereidas, aliás, na intercessão de Vénus pelos lusos, Júpiter reforça mais uma vez por profecias glórias do reino de Portugal, sua expansão e grandeza tal como podemos ver no canto II-44, e , portanto, como livramento após uma perseguição eles são acolhidos por um rei "benigno, piedoso e hospitaleiro" que lhes dá abrigo, mantimentos, pilotos que os direcionará na jornada, e acima de tudo que valoriza sua cultura e religião, apresentando curiosidades relativamente à história lusa. Há, portanto, uma antítese comportamental entre o rei de Mombaça e o de Melinde, sendo o primeiro mau, e o segundo bom, e, portanto, sendo Camões um patriota, exalta até uma figura digna de ouvir a história do seu povo, um rei que se adorna e vai ter com Gama, que lhe narra de forma seletiva a história de Portugal.

2.2. Geografia de Portugal na Europa e histórias anteriores à nacionalidade

O professor Hermano Saraiva, numa de suas abordagens em documentário televisivo relativamente à história de Portugal, ao discorrer sobre Dom Sebastião e a orfandade do Reino Português após o triste fim deste, na batalha de Alcácer-Quibir, falou de Camões e d'*Os Lusíadas*. Considerou a obra como um património de vasta importância, por retratar de forma profunda e completa a história de Portugal, embora tenha como plano principal a narrativa da

viagem de Vasco da Gama à Índia. Camões tornou *Os Lusíadas* numa obra ainda maior por enquadrar a história de seu povo nela. [2]

Assim, é possível por meio desta obra fazer conhecer aos alunos de maneira seletiva a história de Portugal até ao tempo de Camões, dando-lhes o entendimento da união entre história e a literatura portuguesa. Se alguns se baseiam, ou até narram apenas alguns factos históricos em seus escritos, *Os Lusíadas* diferenciam-se justamente por retratar a história de Portugal quase que completa, abordando os episódios da história lusa, até à época em que o autor viveu. Aqui precisaremos exatamente estância 2 do Canto I para termos uma profunda compreensão da história de Portugal e da que o poeta nos antecipa:

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

(Canto I, 2)

Quem faz a história são os homens, sem estes ela cessa e, no entanto, a história de Portugal está associada a feitos de diversos reis pertencentes a diversas dinastias. N*'Os Lusíadas* a história alicerça-se sobretudo na expansão do reino luso e na propagação da fé católica que pressupunha uma luta constante contra os opositores da mesma. Por outro lado, Camões exalta outros feitos valorosos que são sobretudo a força do seu povo em batalhas como veremos mais adiante.

A história de Portugal é visível em vários Cantos da obra, destes, o III nos faculta a génese de tudo através de uma narração analéptica do poeta. O passado faz-nos compreender o presente e, portanto, *Os Lusíadas* seguem justamente o princípio da narração tendo por base não só a origem como a localização de Portugal na Europa e os reinados dos diversos monarcas como figuras que se destacaram por seus feitos. A narração da história de Portugal, tal como foi referido, surge quando o rei de Melinde, após receber a armada de Vasco da Gama, pede a este que diga a origem dos portugueses, e a partir daí inicia-se então o relato sobre a história de Portugal.

Camões, na boca de Gama, fornece a descrição dos países pertencentes à Europa. Destes, temos a Península Ibérica como sendo a cabeça deste continente, ou seja, a mais ilustre; e Portugal o

[2] História Essencial de Portugal – Prof. José Hermano Saraiva. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Add_j3YbQ4s

cume desta, a parte mais importante dela, isto é, o cérebro da Europa. Ainda assim, o poeta fornece-nos a localização onde habita o povo de cuja história ele irá tratar. É interessante ver o número de estâncias dedicadas à localização espacial da Europa: (Canto III,6-20).

Ao mostrar Portugal como destaque da Europa, o poeta apresenta mais uma marca de patriotismo, apresentando a história do seu povo como grande; outro facto que demonstra isto é a invocação a Calíope (Canto III,1), musa que os grandes recorriam quando estavam prestes a abordar grandes coisas.

O patriotismo é uma marca presente ao logo da Obra. Gama, ao exprimir no verso 1 da estância 21 do canto III «*Esta é a ditosa pátria minha amada*», de acordo com o cónego D. Marcos de São Lourenço, comentador *d'Os Lusíadas*, esta manifestação de amor pela pátria parte do sentido etimológico do vocábulo "pátria", que Hérocles explicou no sermão *Quales in patria esse debeamus*, afirmando que este termo provém do latim masculino *Pater* e que se torna feminino na pronunciação; assim, a semântica geral consiste em amar e honrar a pátria como é conveniente fazê-lo com os pais (S. Lourenço 2014: 481-482). Nos Cantos III e VIII, Camões, através de Gama, explica a origem do nome "Lusitânia" apresentando uma das explicações lendárias sobre a proveniência deste: trata-se de um nome originário de Luso, ou Lisa, um amigo ou até filho do deus do vinho, Baco. Para o Cónego supracitado, a Lusitânia deriva de um destes companheiros de Baco, Luso e Lisa, e é importante ter em conta que são duas pessoas, e não uma que era chamada de duas maneiras, embora haja diversas conceções a respeito da origem dos lusos, é consensual para os geógrafos que deriva de Luso ou Lisa, Camões, portanto nos apresenta estas duas hipóteses. Na Lusitânia está a origem dos primeiros portugueses, tal como o poeta afirma: «*E nela cantam os íncolas primeiros» (*Canto III, 8). D. Marcos de S. Lourenço considera estes "íncolas primeiros" como sendo os habitantes que receberam a bênção da multiplicação logo após ao dilúvio, destes alguns foram para a Lusitânia, os Lusos, onde o destaque recai sobre Viriato (Cf. S. Lourenço 2014:483).

Viriato, o lendário pastor que resistiu a César

Camões apresenta Viriato como um homem que eleva a identidade lusitana para um patamar de prestígio e honra, sendo uma figura que "por obras *valerosas* se libertou da lei da morte", e, por isso, é um nome da história de Portugal, que Camões traz até a *Os Lusíadas* enaltecendo os seus feitos. Viriato aparece como o primeiro herói luso individual, a descrição do mesmo surge nos Cantos III e VIII. Com o poeta ao apresentá-lo como o Pastor que resistiu ao império Romano, tal como podemos verificar:

Desta o Pastor nasceu que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve,

[...]a grande de Roma não se atreve[...]

(Canto III, 22: 1,2,4)

O seu nome e mais descrições a seu respeito surgem no Canto VIII[3], na narração de Paulo da Gama ao Catual acerca dos símbolos representados na bandeira lusa, onde o poeta na boca do irmão de Vasco da Gama apresenta algumas qualidades do pastor através das seguintes expressões «*vencedor invencíbil*, *afamado*» (Canto VIII, 6, 6) e «*destro na lança mais que no cajado*...»(Canto VIII, 6, 4) , Camões apresenta em Viriato um herói que fez dos lusitanos um povo temível e próspero, foi um guerreiro destemido e mais forte na lança, que aqui podemos interpretar como habilidade bélica, do que no pastoreio. Viriato foi um herói lendário, enfrentava e vencia as forças romanas, ninguém o podia parar na guerra, foi então que conspiraram contra ele, sendo vítima de assassinato por três de seus súbditos enquanto dormia, tal como nos alude o poeta na estância 7 do Canto VIII:

"Com força, não; com manha vergonhosa,

A vida lhe tiraram que os espanta:

Que o grande aperto, em gente ainda que honrosa,

O império romano foi tão humilhado com a morte deste ilustre guerreiro, embora se tenham livrado de Viriato, a humilhação prevaleceu pelo facto de estes serem incapazes de derrotar na guerra e usar o jogo do suborno para então parar a força daquele guerreiro e pastor, Viriato. Após isso, os romanos não pararam de ser derrotados, tudo porque um romano decidiu rebelar-se contra Roma e assumir o comando do povo português, o general romano, Sertório, a quem o poeta se refere nos seguintes versos:

Outro está aqui, que, contra a pátria irosa,

Degradado, connosco se alevantasse,

Pera que eternamente se ilustrasse.

(Canto VIII, 7:5-8)

Camões apresenta Viriato como guerreiro forte que está na génese de heroicidade do povo lusitano. De acordo ao poeta é através deste que Portugal se tornou num reino ilustre com o passar dos tempos, por predestinação divina tal como podemos conferir nos seguintes versos:

Esta, o Velho que os filhos próprios come,

Por decreto do Céu, ligeiro e leve,

Veio a fazer no mundo tanta parte,

Criando-a Reino ilustre; e foi destarte:

(Canto III, 22:5-8)

[3] A primeira referência a Viriato é feita logo no Concílio dos deuses, Canto I, estância 26,3.

Sobre Viriato, o comentador *d'Os Lusíadas*, cónego D. Marcos, considera justo colocá-lo como pioneiro do heroísmo luso por ser varão honroso à pátria, o mesmo, argumenta com o pensamento justiniano segundo o qual «…em tantas centenas de anos não tiveram os Espanhóis Capitão insigne senão Viriato…» (S. Lourenço 2014:484). Assim, é impossível contar a história de Portugal sem passar por Viriato, a compreensão da resistência deste contra aquele que era o maior império da época estabelecendo relação com outros heróis vindouros da história de Portugal; por outro lado faz-nos perceber a fidelidade camoniana na seleção de figuras importantes no relato da história de Portugal na sua obra.

«O velho que o filho próprio come», ligado às divindades do tempo, Cronos e Saturno, aqui o poeta considera os Lusitanos como povo destinados a fazer história, sendo ilustre dentre os demais. Assim, segundo o autor supracitado, isso sugere-nos a ideia de Viriato como um eleito comissionado a converter a nação lusa forte e relevante através de seus feitos.

Diogo Ferreira e Paulo Dias em sua conjunta obra, *História de Portugal*, debruçam-se sobre os Lusitanos, apresentam-nos como membros de uma das tribos que compunham o povo dos Celtiberos. Estes Celtiberos são resultados da união entre os Celtas, que se instalaram por volta do ano 500 a.C. na península, e os povos que encontraram ali, os Iberos. Os Lusitanos eram a tribo mais forte dentre todas, aliás, os autores declaram que foram os próprios romanos que mais tarde vieram a escrever sobre este povo, destacando a grande figura de Viriato, que exerceu governo deste povo exatamente entre 147 e 139 a. C e que derrotou inúmeras vezes o mais forte poder bélico da época, o romano. Assim, essas informações estabelecem uma intertextualidade com a narração camoniana, onde o poeta por diversas vezes elogia Viriato de inúmeras maneiras, cujo maior mérito está na resistência que fez frente aos romanos (Cf. Ferreira & Dias 2016:17).

D. Afonso VI de Leão e I de Castela e a sua oferta a D. Henrique, o húngaro

Sabe-se que Portugal torna-se reino independente através de D. Afonso Henriques, todavia é necessário compreender as origens deste monarca. A história de Portugal está ligada à sua fundação e não se pode falar desta sem que se aborde sobre quem a tornou possível: Camões relata de forma a genealogia deste rei que deu a identidade autónoma portuguesa.

Logo no Canto III, estâncias 23-28, temos a apresentação dos antecedentes de D. Afonso Henriques. A história inicia-se com Afonso VI de Leão e I de Castela, que se tornou famoso pela arte bélica exercida sobre os mouros. Por ser tão forte, o inimigo rendia-se à morte, tal como nos aludem os últimos versos da vigésima terceira estância «…vinham a ele e à morte oferecer-se». Assim, este Afonso VI de Leão e I de Castela foi conhecido sobretudo pela defesa

da fé católica e pela sua intolerância contra os mouros, e, por isso, muitos vinham de outras partes do mundo para o auxiliar nas batalhas contra os seguidores de Maomé, destes, destaca-se D. Henrique, O húngaro, que, após prestar serviço ao rei D. Afonso VI de Castela, este concedeu-lhe a sua filha, D. Teresa, como esposa. Após o casamento ofereceu-lhe terras de seu reinado, concretamente o condado portucalense. É importante salientar que o que movia estes ilustres católicos de outras terras não era a glória material, senão a tamanha devoção à fé cristã, e por este motivo iam em auxílio daquele que mais tarde foi o avô do homem responsável pela nacionalidade portuguesa, tal como Camões refere: «E cum amor intrínseco acendidos (…) / Da Fé, mais que das honras populares (…)» (Canto III,23:1,3).

O Cónego D. Marcos de S. Lourenço considerou que este Dom Henrique, juntamente com Dom Ramon ou Raimão de Tolosa, e outro D. Raimon de Borgonha, foram os que mais se destacaram nestas batalhas, e talvez, a partir disto, podemos chegar a conclusão, ou até aludir que provavelmente é esta a razão da tamanha oferta que o Rei oferecera a Dom Henrique, como manifestação da sua gratidão (S. Lourenço 2014:489). Outra questão que também divide opiniões é justamente sobre a origem deste Dom Henrique; Camões aponta-o como sendo da Hungria, filho de um rei. Corroboram com esta ideia D. Marcos de S. Lourenço, através de um epitáfio que este vira em Braga d'El-Rei pai do Rei "Conquistador". Ainda assim, *As Crónicas de Fernão Lopes* a respeito de D. Afonso Henriques atualizadas por Duarte Galvão apontam também a Hungria como local de origem de seu pai, sendo este segundo filho de um rei húngaro. Outras opiniões concebem-no como originário de Constantinopla, outros ainda como Damião de Góis dão-no como pertencente ao antigo reino de Lotaríngia, no entanto, as opiniões a respeito da Hungria como terra natal do pai de D. Afonso Henriques são mais intensificadas, tal como o apontou Luís Vaz de Camões n*'Os Lusíadas* (Apud S. Lourenço 2014:490-492).

Ainda no Canto III, há marcas textuais que provam claramente que este D. Henrique era muito parecido com seu sogro, era um homem que disputava diversas batalhas, valente na guerra, odiava os mouros e conquistava cada vez mais terras próximas, e por isso, pela sua valentia e fidelidade à fé cristã, o poeta aponta ao nascimento do Rei Dom Afonso Henriques, como uma dádiva divina resultante dos feitos deste, cujo verso dá ideias prolépticas relativas a grande missão deste bebé. Ou seja, para Camões, através de D. Afonso Henriques Portugal seria grande, imbatível e glorioso, tal como podemos ver na seguinte estância:

Deu-lhe o supremo Deus…
Um filho, que ilustrasse o nome ufano
Do belicoso Reino Lusitano
(Canto III, 26:6-8)

D. Henrique tem um papel relevante dentro da história de Portugal, Camões considera-o como «O grão progenitor dos Reis primeiros» (Canto VIII,9,2). O poeta também percebe as diversas conceções a respeito da origem deste, porém, assume-o como húngaro tal como foi dito, isto é, declara a sua preferência pela Hungria como pátria de origem de D. Henrique. Os Cantos III e o VIII complementam-se em termos de informações históricas a respeito deste monarca. Camões exalta ainda mais a fúria do herói contra os mouros a ponto mesmo de superar os cavaleiros galegos e leoneses «…Depois de ter, cos mouros superado Galegos e Leoneses, cavaleiros…» (Canto VIII,9:5-6).

Camões apresenta os feitos de D. Henrique, aponta-o como responsável pela conquista de Jerusalém aos mouros, mas é discutível a participação do Conde nesta batalha e na conquista da cidade santa. D. Marcos de S. Lourenço corrobora Camões, assim como o biógrafo do autor, Pedro de Mariz (Cf. S. Lourenço 494-496). Esta informação é relevante para a história, acima de tudo para a revelação dos grandes feitos deste conde, na luta incessante contra os mouros. Finalmente, na estância 28 do Canto III, o poeta apresenta o relato da morte do Conde, referido que, D. Afonso viu seu pai partir muito cedo «…ficava o filho em tenra mocidade». A grandeza do conde D. Henrique incentivou os feitos de D. Afonso Henriques, tal como Camões narra: «Que do mundo os mais fortes igualava: Que de tal pai tal filho se esperava». A morte do Conde demarca uma etapa na história de Portugal, pois nas mesmas pisadas do pai e do avô surge D. Afonso Henriques.

A Dinastia Afonsina

2.3. D. Afonso Henriques, o fundador da nacionalidade portuguesa: batalhas e conquistas

A batalha de São Mamede

Após a morte de D. Henrique, Camões prossegue o relato, sobre a pretensão da viúva, D. Teresa, de ser a única e legítima governante do condado:

> (…) e nas terras a grandeza
> do senhorio todo só seu era,
> porque pera casar seu pai lhas dera.
>
> (Canto III, 29:6-8)

Este pensamento de D. Teresa, que a motivou a ficar com as terras de D. Henrique sem as dar por direito a seu filho, motivou a grande batalha de São Mamede[4], que ocorreu em Guimarães tal como descreve Camões. O amor de mãe e filho ficou de lado, Dom Afonso enfrentou nesta batalha o seu padrasto, o Conde de Trastâmara, Dom Fernando Pérez, a quem alguns estudiosos como João de Barros negam o casamento de D. Teresa (S. Lourenço 2014:502-503); Camões não o nega, por exemplo na trigésima terceira estância do mesmo Canto, ao falar acerca da vitória do príncipe D. Afonso Henriques. Estudiosos camonianos como D. Marcos de S. Lourenço e outros afirmam que além dos vários relatos de historiadores antigos sobre a existência deste casamento, uma confirmação veio do Conde D. Pedro, o quarto neto da condessa D. Teresa (Ibidem).

A conclusão desta batalha é relatada nos seguintes versos:

Mas já o Príncipe claro o vencimento
do Padrasto e da iníqua mãe levava,
já lhe obedece a terra num momento,
que primeiro contra ele pelejava.
Porém, vencido de ira o entendimento,
a mãe em ferros ásperos atava,
mas de Deus foi vingada em tempo breve,
tanta veneração aos pais se deve.
(Canto III,33)

D. Afonso Henriques conquistou o Condado e deixou a sua mãe encarcerada. Alguns comentadores da história de Portugal afirmam que assim o fez para evitar outro martírio de cristãos, tanto galegos como portucalenses, a que pressuporia a vingança de sua mãe, alguns também dizem que a prisão de D. Teresa não foi por longo período de tempo (Ibidem). Assim, a coragem de D. Afonso Henriques afastava o Condado do governo galego. Porém, ainda assim, dependia do reino de Leão, e a independência só aconteceu com o surgimento da bula *Manifestis Probatum*, em 1179. A estância 34 do Canto em causa narra a vitória de D. Afonso contra os castelhanos que lutavam em vingança de D. Teresa.

O Rei de Castela que pelejou contra D. Afonso era D. Afonso VII, sobrinho de D. Teresa, filho de sua irmã, Dona Urraca. A derrotada em São Mamede renuncia aos seus direitos do Condado Portucalense (aliás, ela já os tinha perdido na batalha), e o rei D. Afonso VII decide assim enfrentar seu primo, numa guerra que ocorreu junto ao rio Lima perto de Arcos de Valdevez.

[4] A batalha de São Mamede ocorreu em Guimarães, no ano de 1127. Nesta batalha D. Afonso Henriques teve o apoio dos nobres portucalenses e a luta ocorreu exatamente contra os galegos apoiantes de D. Teresa. Assim, já se nota aqui o sentimento de independência por parte dos nobres portucalenses, algo oposto à mãe que almejava ver o condado em união com os galegos.

Esta batalha foi importante para dar convicção e experiência ao novo conde portucalense, São Mamede foi a primeira batalha em grande escala deste conde. (cf. S. Lourenço 2014-512).

O verso «Ajudado da angélica defesa (Canto III, 34:6)» compreende-se porque nesta batalha as tropas castelhanas eram em número superior às lusas, apesar disso D. Afonso Henriques derrotou-as, por isso o poeta considera uma vitória com ajuda divina.

Logo após esta vitória ocorre um episódio marcante dentro da história de Portugal, e que Camões mais uma vez mostra o seu cuidado ao apresentá-lo *n'Os Lusíadas*, é sobre Egas Moniz. Após Afonso vencer diversas batalhas, foi cercado sem suas tropas por forças castelhanas, numa vila de Guimarães, que queriam vingar-se deste. Egas, suplicou ao rei de Castela para que poupasse a vida de seu senhor, e como pagamento o mesmo aconselharia D. Afonso a sujeitar-se a Castela, dependendo deste rei em tudo. Algo que o responsável do condado portucalense não aceitou; Egas Moniz, em vez de fugir, decidiu honrar a sua palavra, oferecendo-se ele, sua esposa e filhos ante ao rei de Castela, para que este lhes fizesse o que lhe aprazia por não ter cumprido a sua palavra. O rei admirou tal ação e optou por misericórdia: «Ó grão fidelidade portuguesa de vassalo» (Canto III, 41).

Egas Moniz foi importante para a conquista do condado portucalense, e esse episódio, embora lendário, é bastante abordado por muitos escritores da literatura portuguesa. Por exemplo, todo o capítulo X da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, é consagrado a este episódio. Camões n*'Os Lusíadas* celebra-o duas vezes.

A batalha de Ourique

Sobre esta famosa batalha de Ourique, relata-nos Camões a luta de duas forças monoteístas com vista à implantação de um reino com uma determinada conceção religiosa em territórios conquistados. A saga entre cristãos e mouros se desenrola em Ourique; por um lado temos D. Afonso Henriques e por outro temos cinco reis mouros, sendo Ismar o principal destes. Esta batalha aparece em grande escala narrativa na estância 42 até à 53 do Canto III.

Logo na estância 42 temos a apresentação do local e a preparação do exército lusitano, uma preparação por um lado de homens que iriam combater contra os mouros, por outro lado temos aqui uma preparação espiritual que se desenrola nas estâncias seguintes. D. Marcos considera a preparação espiritual algo que acompanhou o Rei D. Afonso em quase todo o seu percurso de vida: antes de qualquer atividade bélica oferecia presentes a santos católicos como mecanismo para angariar proteção e sucesso nas batalhas, por exemplo temos a oferta de Alcobaça a S. Bernardo antes de conquista de Santarém. A batalha de Ourique surge exatamente depois de o Rei conquistador ter tomado Leiria dos Mouros e oferecido ao Mosteiro de Santa Cruz, ao prior São Teotónio, para labores eclesiásticos tal como relatam o autor

supracitado e Duarte Galvão na *Crónica de D. Afonso Henriques,* (Galvão 1995: 44); (S. Lourenço 2014-521).

Conta D. Marcos, aludindo à lenda, que na noite antes da batalha aparecera ao rei um ermitão santo e cheio de virtudes, que o animou, deu-lhe forças e disse-lhe para não temer aos mouros, pois Deus era com o rei. A vitória seria, pois, certa. O comentador d'*Os Lusíadas* apresenta o ermitão como enviado de Deus, a quem Afonso buscava e solicitava forças e vitória. O ermitão conclui sua missão na casa do rei alertando-lhe que o mesmo Senhor, Jesus Cristo, lhe apareceria naquela madrugada e que o rei deveria ficar atento ao som da campainha (Ibidem 2014:523). Ocorreu tal como o ermitão havia dito: a campainha tocou, D. Afonso saiu da sua tenda armado e olhou para os ares, viu Jesus Cristo em resplendor de glória que o animou, declarou a vitória do fundador da nacionalidade portuguesa, e a prosperidade e permanência do reino portucalense. Camões relata este facto nos seguintes versos d'*Os Lusíadas*: «quando na cruz o filho de Maria/amostrando-se a Afonso o animava.» (Canto III, 45:3-4).

O poeta luso consegue traduzir esta convicção e fé do rei, aliás, eram tantos mouros cujo exército se multiplicou ainda mais com a participação de damas mouras nesta batalha, e não eram quaisquer mulheres, eram guerreiras como Pantasilea, capazes de enfrentar qualquer exército tal como o grego, composto por Aquiles, Ulisses, Agamémnon e outros segundo a mitologia clássica (ibidem). Apesar disso, o rei estava convicto da intervenção divina nesta batalha, tal como nos conta Camões na estância 23 do Canto III: «Em nenhuma outra cousa confiado/Senão no sumo Deus que o Céu regia [...]»

A batalha de Ourique permitia que Ismar, principal rei mouro, estabelecesse a sua vingança pela perda de Leria para D. Afonso Henriques. Por outro lado, como conta D. Marcos, a principal causa que levou o rei do condado portucalense até Ourique foi o facto de ser a região onde habitavam os mouros com maior riqueza. O rei queria beneficiar com tais bens os seus, e por outro lado implantar naquelas terras seus costumes e religião, pois considerava que era necessário acabar com os infiéis. É justamente isto que grita, de acordo ao relato de Camões, quando vê e é animado por Cristo tal como podemos constatar: «[...] aos infiéis, Senhor, aos infiéis,/E não a mi, que creio o que podeis» (Canto III, 45).

Este acontecimento da aparição de Jesus Cristo em Ourique ao fundador da nacionalidade portuguesa resultou na aclamação do príncipe, levantando-o ao estatuto de rei. A força sobrenatural que este recebeu concedeu ânimo e júbilo a seus súbitos, que, de tanto amarem D. Afonso, foram à batalha por ele, considerando-o seu monarca tal como Camões registou n'*Os Lusíadas*. O poeta faz uso de diversas figuras da linguagem que nos revelam a grandeza do exército mouro face ao pequeno exército luso, que Camões apresenta como forte na fé e na

coragem. D. Afonso Henriques consegue vencer esta batalha: «Já fica vencedor o Lusitano(…) (Canto III,53)». Também recorre a hipérboles para traduzir o ambiente macabro resultado da batalha, como podemos constatar na estância 52 do Canto III:

Cabeças pelo campo vão saltando,
braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
e doutros as entranhas palpitando,
pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando,
correm rios do sangue desparzido,
com que também do campo a cor se perde,
tornado Carmesi de branco e verde.

Assim, Camões, através de seus versos, oferece a seus leitores informações importantes de como foi esta histórica batalha, pese embora muitas destas batalhas terem, de acordo com os estudiosos, um caráter lendário. O comentador d'*Os Lusíadas*, D.Marcos de S. Lourenço, considera a batalha de Ourique como sendo a mais ilustre e grandiosa que os portugueses até então tinham travado com os mouros, por dois principais fatores: a grandiosidade do exército muçulmano face aos poucos soldados lusos, e, por outro lado, a união que a batalha implicou entre cinco reis mouros contra D. Afonso Henriques. O autor supracitado considera os versos de Camões acima como tradução fiel do que ocorrera na batalha, e não apenas um trabalho literário com recursos expressivos com vista a gerar emotividade. Para este ilustre analista d'*Os Lusíadas* a batalha custou vidas, sangue se derramarou, não apenas de ilustres mouros, como também de homens lusitanos como Martim Moniz, filho de Egas Moniz, e Dom Diogo, capitães do exército de D. Afonso Henriques pelos quais o rei nutria grande confiança. (Cf. S. Lourenço 2014:526-528).

A batalha foi tão importante como símbolo que el-rei pintou cinco escudos azuis na bandeira lusa e nestes desenhou trinta moedas, valor pelo qual Jesus fora vendido, o que simbolizava a vitória de D. Afonso pelo auxílio de Cristo, tal como nos relata Luís Vaz de Camões nas estâncias 53 e 54 do Canto IV.

Assim, é interessante ver a forma como Camões narra esta histórica batalha e uma vitória quase sobrenatural: tal como David venceu a Golias pelo auxílio divino, assim vê o rei a sua vitória contra o gigante exército mourisco como uma mão de Deus auxiliadora, por isso o rei simbolizou este facto e esta crença num símbolo de seu reino, na bandeira. Podemos, portanto, através de Camões conhecer esta batalha relevante na história de Portugal.

Outras conquistas de D. Afonso Henrique relatadas n'*Os Lusíadas*

Após a grande batalha de Ourique, o poeta continua a dar a conhecer façanhas do fundador da nacionalidade portuguesa. Camões não se esquece das conquistas deste rei e do seu atributo "O conquistador" e por este facto relata sucedidos que contribuíram para a expansão do reino portucalense.

Uma memorável conquista deste rei, fundador da nacionalidade portuguesa, foi Lisboa. O poeta fornece-nos informações a respeito deste facto, isto é, foi o famoso cerco de Lisboa que reuniu forças de Afonso Henriques com estrangeiras em torno de um mesmo objetivo. Combater os inimigos da fé. O poeta começa por fazer aquilo que foi feito em obras como *O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* (1567), de Jorge Ferreira de Vasconcelos, a *Vrbis Olisiponis Descriptio* (1554), de Damião de Góis, a Primeira Parte das *Chronicas dos Reis de Portvgal* (1600), de Duarte Nunes de Leão, e tantas outras que tecem louvores e exaltação à cidade de Lisboa, onde até é declarada como «mundo abreviado» por Duarte Nunes de Leão na sua obra supracitada. O rio Tejo é uma riqueza natural que vaticina os encantos de Lisboa e fez com que muitos a exaltassem (Apud S. Lourenço 2014:535). É interessante a referência à designação lendária da cidade fundada por Ulisses, o rei de Ítaca, guerreiro na inteligência e na guerra, tal como podemos constatar no seguinte verso: «foi posto cerco aos muros Ulisseos.» (Canto III, 58.8).

Assim, as qualidades deste herói lendário de certo modo o poeta as translada ao exaltar a ínclita Ulisseia. As descrições das forças de Afonso Henriques são-nos apresentadas na estância 50 do canto em causa, e, na estância a seguir, o poeta revela-nos o cerco e a batalha:

Cinco vezes a lũa se escondera
e outras tantas mostrara cheio o rosto,
quando a Cidade entrada se rendera
ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera
quanto obrigava o firme prossuposto
de vencedores ásperos, e ousados,
e de vencidos já desesperados.

Sobre este período a que os primeiros versos nos remetem, das vezes que a lua se escondera, o comentador d'*Os Lusíadas*, D. Marcos de S. Lourenço, conclui:

«Cinco meses, como dissemos, esteve Lisboa cercada, o que o nosso poeta declara pelo crecimento e minguante de Lua, o que ela faz em 27 dias e 8 horas pela maior parte II, e a isto chamam os matemáticos *mensis lunaris* ou luação, porque é o verdadeiro curso da lua de Ocidente a Oriente, no qual tempo corre todos os doze signos do Zodíaco.» (S. Lourenço 2014: 540).

O autor supracitado acredita que para além das forças de D. Afonso, fizeram parte deste cerco forças militares lideradas pelo Marquês de Monferrat, Guilhermo de Longa Espada, que estabeleceu um pacto com o rei Dom Afonso. Após a conquista da cidade, a *Ulisseia* ficaria com os lusos e o que dela sobejasse seria dado como pagamento às forças estrangeiras. A batalha foi vencida por parte dos cristãos, tal como dá-nos a conhecer Luís de Camões nas estâncias 60 e 61. A conquista de Lisboa constituiu um marco histórico para a difusão do reino e da fé, pois o rei ergueu o Mosteiro de São Vicente no qual foi enterrado os corpos de todos soldados que participaram daquela batalha. Foi um mosteiro significativo para o catolicismo, pois, segundo D. Marcos, o rei transladou o corpo de São Vicente para aquele mosteiro, cujo nome era em sua homenagem e também era um recinto guardador das relíquias deste santo. Esta abordagem de D. Marcos acerca da transladação do corpo de S. Vicente para o mosteiro não é consensual entre os historiadores. No entanto, o poeta português consegue através de seus versos narrar-nos o ambiente dantesco que se viveu durante a conquista de Lisboa, versos como «Foi batalha tão sanguina e fera…» e tantos outros comprovam exatamente o engenho de Camões.

Outras cidades conquistadas pelo rei, muito exaltado por Camões, foram Elvas, Moura e Serpa, zonas do Alentejo prósperas em trigo; também tomou D. Afonso a cidade de Évora «Do rebelde Sertório antigamente. (Canto III:63,2)»; ainda conquistou as cidades de Beja, as vilas de Palmela e *Cizimbra*, situadas aos arredores de Lisboa e que Camões menciona na estância 65 do Canto III; tomou também Badajoz, de um rei mouro, cuja estância 67, onde o poeta elogia o rei como aquele que «Fere mata, derriba, denodado…» e, como consequência disto, o rei mouro teve de fugir para salvar a sua vida, abandonando a cidade. D. Afonso Henriques cercou e conquistou a cidade de Badajoz como nos conta Camões na estância 68 do canto em causa. Um dos factos curiosos que ocorreu durante a conquista de Badajoz foi justamente o ferimento da perna do rei nas portas da cidade e a sua detenção pelo seu genro, o rei de Leão:

> Que, estando na cidade que cercara,
> Cercado nela foi dos Leoneses,
> […]
> Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
> À batalha, onde fora preso,
> (CantoIII,70)

Uma das causas da prisão do rei, segundo D. Marcos, nos seus comentários d'*Os Lusíadas*, é a inveja (cf. Lourenço 2014:550-552); visto que os portugueses venciam inimigos mouros mais facilmente do que castelhanos. Então, as forças militares do rei de Leão intervieram de certa forma ao aprisionar de maneira parcial o rei, após o cerco que lhe fizeram. O pai da nacionalidade portuguesa não demorou para estar livre, dado o grau de parentesco que este

tinha com o rei de Leão, e, porque na maioria das vezes o rei de leão se mostrava aparentemente como ajudante e não como inimigo. Esta prisão do rei D. Afonso e o pé partido é para Camões uma consequência do que fez com a mãe, ao prendê-la e supostamente feri-la depois de vencer em São Mamede, tal como podemos constatar nos seguintes versos:

Dos perigos a que ele se oferece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa.
(Canto III, 69:6-8)

Um outro facto em que o rei de Leão interveio com suposta motivação de ajudar D. Afonso Henriques foi justamente no cerco que os mouros haviam feito a D. Afonso, sabendo da impossibilidade que a velhice e a lesão no seu pé lhe haviam causado. Tal cerco se deu em Santarém, tal como nos conta Camões na estância 74 do Canto III, onde os portugueses combateram contra os mouros e venceram; não foi necessário ir contra os leoneses, pois se apercebendo do recado do seu genro; D. Afonso o agradeceu pela intenção em ajudá-lo, aliás, o exército leonês intimidou ainda mais os mouros, ao pensarem no duplo inimigo que teriam de travar, este facto ocorreu justamente 1181, tendo D. Afonso 86 anos (Cf. S.Lourenço 2014:577).

Partindo do estudo d'*Os Lusíadas,* podemos dizer que Camões fez o enorme esforço para nos dar a conhecer o essencial das façanhas deste rei que é o patrono da nacionalidade portuguesa.

D. Sancho foi o motivo de uma das maiores e última batalha de D. Afonso Henriques, após a velhice. Camões relata-nos as façanhas do príncipe na luta contra os mouros no Alentejo, em Beja, onde os Serracenos o haviam cercado, e em outras cidades e vilas, porém, a batalha mais difícil para D. Sancho foi contra *Miralmomini* e outros treze reis mouros em Santarém, e sabendo disto D. Afonso, conta Camões:

E co' a famosa gente à guerra usada
vai socorrer o filho, e assi ajuntados,
a portuguesa fúria costumada
em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
de marlotas, capuzes variados,
de cavalos, jaezes, presa rica,
de seus senhores mortos chea fica
(Canto III, 81)

O poeta conta na estância seguinte que *Miralmomini* só não fugiu porque, antes de fugir, lhe fugiria a vida. Isto quer dizer que a presença de D. Afonso Henriques derrotou os mouros, pois a fama que tinha avivou as forças do exército português para combateram os inimigos. Houve muitos mortos e os que escaparam não ficaram seguros na Lusitânia depois daquele ocorrido. D. Marcos considera esta batalha ilustre e importante ao comentar: «"Todas as outras batalhas venceram El Rei D. Afonso Henriques com seu esforço. Esta venceu-a com seu nome, e com sua fama, e com a autoridade de sua pessoa"» (S. Lourenço 2014: pág. 574).

O poeta, na estância 83, revela-nos a morte do rei, que foi justamente por uma "Pálida doença" resultante da longa idade que lhe causou o enfraquecimento do corpo. No último verso, o autor comunica-nos a consequência máxima desta enfermidade, ao associar a fortuna do rei com a deusa ligada aos negócios dos defuntos, Libitina. Assim, morreu D. Afonso Henriques, em Coimbra, quando tinha 91 anos de idade, no dia 6 de dezembro de 1185 (Cf. Lourenço 2014:577-582).

O rei foi chorado pelo seu povo, pela natureza, pelos poetas, pelos soldados e por todos quanto o amavam. Dá-nos Camões este relato na seguinte oitava:

Os altos promontórios o choraram
e dos Rios as águas saudosas
os semeados campos alagaram
com lágrimas correndo piadosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
com fama suas *obras valerosas*,
que sempre no seu Reino chamarão:
"Afonso! Afonso!" os Ecos, mas em vão.

(Canto III,84)

2.4. De D. Sancho a D. Dinis

Sobre D. Sancho, o poeta apresenta-o como bom seguidor de seu pai, isto a partir da estância 85, do Canto III, onde Camões "relembra as batalhas que travou com os mouros das quais abordamos quando apresentamos o seu pai", as de Sevilha, de Beja contra o cerco dos mouros e na defesa que teve contra os treze reis Serracenos.

Por um lado, o poeta exalta a forte veia bélica que este rei herdou de seu pai, e por outro, a defesa da fé que pressupunha a luta constante com os mouros, o que implicava alianças com outras armadas cristãs tal como faziam seu avó e bisavó cujo objetivo era comum: combater os infiéis. Disso nos dá conta o poeta logo no Canto III, na estância 86:«Foi das valentes gentes ajudado/da germânica gente que passava,» (Canto III, 86:5-6).

Tal aliança manifestou-se na conquista de Silves, uma terra prospera para o reino, e os aliados del rei foram recompensados com riquezas da cidade. Sobre estes aliados podemos constatar que diversos estudiosos como D. Marcos e Duarte Nunes de Leão na sua *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal* concordam ao apontarem como sendo estes forasteiros varões descendentes da Dinamarca, Frísia, Holanda e Flandres. Rui de Pina considera-os como oriundos de «nações desvairadas, ha saber Alemães, e Framenguos, e Francezes» (Apud S. Lourenço 2014:585); (Pina 1977:32). Sabe-se que esta armada chegou a Lisboa em 1188, eram homens foragidos e não eram reconhecidos nas suas terras, e o ofício que lhes restava e era combaterem mouros e exércitos no ultramar. D. Sancho, estando em Santarém, pediu para que os recebessem de bom grado e unidos cercaram Silves e conquistaram-na dos mouros, um feito del rei que ficou marcado na história de Portugal (cf. S. Lourenço 2014:585.)

Camões conclui os feitos de D. Sancho na estância 89, onde reforça a árdua luta deste rei contra os mouros e contra os leoneses, que tinham inveja das terras que este conquistava:

E se tantos troféus do Maometa
alevantando vai, também do forte
Leonês não consente estar quieta
a terra usada aos casos de Mavorte.
Até que na cerviz seu jugo meta
da soberba Tui, que a mesma sorte
viu ter a muitas vilas suas vizinhas
que por armas tu Sancho humildes tinhas.

A guerra e à defesa da fé resume o poeta a história deste rei. Morreu em 1212, com 56 anos de idade. Teve muita devoção à fé cristã, além das lutas travadas aos mouros, deixou diversos bens ao Mosteiro de Santa Cruz, ainda "Teve muitos filhos, e a todos deixou herdados". Substituiu-o no trono seu filho, D. Afonso II (S. Lourenço 2014:586).

D. Afonso II, O gordo

Deste rei, narra-nos Camões pouca coisa, e destaca apenas a façanha mais importante do seu reinado, que é justamente a conquista do Castelo de Alcácer do Sal aos mouros, este feito simbolizou uma espécie de reconquista visto que era zona já antigamente conseguida por Dom Afonso Henriques, mas que se perdera com D. Sancho para o Califado de Almóada, sob comando de Iacube Almançor, tal como nos aludem os seguintes versos:

No tempo deste aos Mauros foi tomado
Alcácere do Sal por derradeiro,
porque dantes os Mouros o tomaram

mas agora estruídos o pagaram.

(Canto III, 90: 5-8)

Também narra Camões este feito no Canto VIII:

Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rotos, cos outros dous, e não de espaço;
Rotos? Mas antes mortos: maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço.
Vês? Já a vila de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

(Canto VIII, 24)

Assim, em breves versos dá-nos Camões a conhecer de forma sintética o feito glorioso que colocou este monarca na história de sua pátria. A conquista de Alcácer do Sal expandia o poder do seu reino a nível territorial, económico e no que dizia respeito à fé cristã. Após a morte deste rei, sucedeu-lhe ao trono o seu filho, Sancho II.

D. Sancho II

O poeta apresenta-o como um rei mau, que se subordinava às ordens daqueles a quem deveria governar: «(…)Que de outrem quem mandava era mandado/De governar o reino, que outro pede(…)». Assim, o poeta descreve a má sorte deste rei causada pelos maus conselheiros que possuía, e se deixava levar pelos seus vícios e por tudo que lhe aprazia. Porém, defende-o nas estâncias 92 e 93, de ser menos desonesto do que péssimos imperadores como Nero. «Nem mau como *Heliogabalo*, nem como o Rei Sardanapalo», diz o poeta, e acrescenta: «Nem a tirania do seu reino foi superior à de Sicília, nem foi pior que Fálaris». Deste modo, Camões resume o reinado deste monarca à tirania, aos vícios, ao ócio exacerbado e, sobretudo à manipulação, tal como fizemos referência, por más companhias que o induziam ao erro e o roubavam:

Por esta causa o Reino governou
o Conde Bolonhês, depois alçado
por Rei quando da vida se apartou
seu Irmão Sancho sempre ao ócio dado.
Este que Afonso o Bravo se chamou
depois de ter o Reino segurado
em dilatá-lo cuida, que em terreno
não cabe o altivo peito tão pequeno.

(Canto III,94)

O povo vivia saturado pelo mau governo do jovem rei, e pela sua vida pessoal. Ora o seu casamento com D. Mécia, mulher estéril e de caráter detestável, alimentara ainda mais a ira do povo. D. Sancho sabendo da decisão do Papa fora a Hispânia pediu auxílio ao seu primo D. Fernando de Castela, porém não sucedeu tal como esperava. Embora tenha subido ao trono, D. Afonso III, o Bolonhês, houve partes de Portugal que se mantiveram fiéis a D. Sancho II e só se deixaram governar pelo irmão deste quando finalmente morreu o rei tirano. (Cf. S. Lourenço 2014:588-589):

D. Afonso III "O Bolonhês"

O cognome "Bolonhês" provinha do facto de ser conde de Bolonha, algo concretizado pelo interesse de D. Branca sua tia que muito queria que este ocupasse uma posição na França, ao favorecer seu casamento com a condessa D. Matilde II (Ibidem: 590).

Camões dedica-lhe duas estâncias do Canto III, 94 e 95, onde nos apresenta os feitos que o tornaram marcante na história de Portugal: a dilatação do reino e a recuperação do Algarve, que lhe foi dado pelo seu sogro rei de Castela, D. Afonso, o sábio. D. Afonso III travou e venceu algumas batalhas contra os mouros, tal como nos diz o poeta: «(…) deita fora o Mouro, malquerido já de Marte(…)». Camões chama a D. Afonso III "O Bravo" pelos seus feitos guerreiros. Foi, segundo a obra, um rei que atendeu a necessidade da sua pátria, não pensou duas vezes em deixar a sua posição de Conde de Bolonha para atender a carência da nação portuguesa. Aliás, segundo comenta D. Marcos de S. Lourenço, até abandonou a sua esposa, a condessa D. Matilde II pela velhice e esterilidade desta, algo mal visto pelo Papa e pela igreja e que só foi esquecido depois da morte da velha condessa. Por outro lado, davam-lhe razão pelo facto da esterilidade da antiga mulher colocar em causa a permanência do reino, visto que eram necessários herdeiros. O Casamento com D. Brites, filha de D. Afonso, O sábio, deu-lhe de presente este último Afonso, as terras de Algarve. (Ibidem).

D. Dinis "O pacificador"

De Dom Dinis, dá Camões a conhecer nas três estâncias a que lhe dedica, (96-98), que foi um exímio imitador de seu pai, teve um reino marcado pela paz e prosperidade, e pela lei:

(…)
Com este o Reino próspero *florece*
(Alcançada já a paz áurea, divina)
Em constituições, leis e costumes,
(…)
(Canto III, 96)

Dá-nos a conhecer ainda o poeta o seguinte:

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
o valeroso ofício de Minerva,
e de Helicona as Musas fez passar-se
a pisar do Mondego a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se,
tudo o soberbo Apolo aqui reserva,
aqui as capelas dá tecidas de ouro,
do Bácaro, e do sempre verde louro.
(Canto III, 97)

Quer dizer o poeta que com este rei foi responsável pela criação da Universidade de Coimbra, uma das mais antigas da Europa, no ano de 1290. Camões elogia ainda este rei pelo facto de edificar «Nobres vilas, fortalezas, Castelos mui seguros, edifícios grandes e altos muros que reformaram quase que todo o reino (Canto III, 98). Alguns dos exemplos mais significativos é desta reforma urbana e rural são o Castelo e o Pinhal de Leiria. Assim resume Camões os feitos deste rei, a quem possivelmente não dedicou mais estâncias pelo facto de viver num reinado em paz, que não lhe solicitava a sua veia bélica, mas que muito fez para o reino quer a nível legislativo, como arquitetónico, e também na literatura com as suas famosas cantigas. Dom Dinis, que começou a governar muito cedo, morreu no dia 27 de janeiro de 1325 em Santarém, com 64 anos.

2.5. D. Afonso IV: o pai, o guerreiro e a controversa participação na morte de Inês de Castro

Segundo D. Marcos de S. Lourenço, este é o verdadeiro "Bravo", o comentador não entende ao certo como é que o poeta chama por duas vezes a D. Afonso III "O Bravo". Seja como for as visões em torno de cada monarca divergem de estudioso para estudioso, assim, embora sendo inferior em feitos a D. Afonso IV, viu Camões qualidades em D. Afonso III que o impulsionaram a tratá-lo por "O Bravo" tal como o faz com Afonso IV (Ibidem).

Do reinado de D. Afonso sai justamente o episódio que normalmente a maior parte dos alunos já ouviram falar, a história de Inês de Castro.

Logo na estância 99 vemos que Camões narra a grandeza deste monarca, quando diz o seguinte:

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co peito desprezou firme e sereno
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno;

Mas porém, quando as gentes Mauritanias,
A possuir o Hésperico terreno,
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la
(Canto III,99)

Dá-nos Camões a conhecer nesta estância a bravura deste monarca e a participação deste na Batalha do Salado: sendo os cristãos em número inferior aos mouros, crê-se que em nome da fé destronaram os seguidores de Maomé. Porém, antes desta batalha, dá-nos a conhecer um episódio importante que ficou marcado na história pela expressão usada por Camões "formosíssima Maria" (Canto III, 102).

A formosíssima Maria

Contam os estudiosos que a relação deste rei, Afonso IV, com o seu genro, Afonso XI de Castela, não era cordial, por existir um possível caso extraconjugal deste com outra mulher, Leonor Nunes, ou Leonor de Gusmão[5]. Seja como for, face ao perigo contra a força dos mouros, envia D. Afonso XI a sua esposa, Dona Maria, a fim de suplicar ao pai que a apoiasse na batalha contra os mouros. Deste episódio de D. Maria, como chave para conseguir a ajuda de D. Afonso IV, dão conta Rui de Pina (*Crónicas*, 1977, pp. 436-437), Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, 1600, fls. 159-159v) e André de Resende no *Breviarium Eborense* (1548, cols. 1637-1638). Aqui deter-nos-emos em Camões, visto que a proposta deste projeto é justamente provar a possibilidade de dar a conhecer a história de Portugal a partir d'*Os Lusíadas*.

Camões apresenta um Afonso XI angustiado «Temendo o fim do povo Hispano» e por isso mandou a seu sogro a mulher, "Filha amada" do rei lusitano. Eis o elemento que atrai justamente D. Afonso, o seu amor incondicional por sua filha. O episódio de D. Maria apresenta-o Camões nas estâncias 102-106.

O poeta carateriza exteriormente D. Maria como sendo bela: «...*fermosíssima* Maria...lindo o gesto...cabelos angélicos...pelos ebúrneos ombros espalhados...» (Canto III,102), mas essa beleza contrastava com o seu estado de espírito, que se materializava em lágrimas por causa

[5] D. Marcos de S. Lourenço n'*Os Lusíadas* comentados por ele, pp. 608, considera Leanor Nunes como esta amante de D. Afonso XI, que enfeitiçara este monarca a ponto de não ver a sua mulher, D. Maria como bela. Outro feitiço foi a tentativa de paralisar um parto da rainha, filha de D. Afonso IV, graças ao trabalho de um médico, o parto ocorreu bem.
Autores como Rui de Pina e Cristóvão Rodrigues também abordam este assunto, eles chamam-na de Leonor de Gusmão. Narram que o parto que tentou paralisar por feitiço que buscara em uma moura é o segundo, da rainha D. Maria. Para estes autores a solução não veio de um médico, mas de um judeu físico e astrólogo que conhecia bem os encantamentos dos mouros; algo que se pode constatar nas *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, 1824, pp. 111.

da ameaça dos mouros que poriam fim aos castelhanos. Na estância 103 do mesmo Canto ela descreve a grandiosidade e numerosidade do exército mouro e a pequenez do exército do seu marido, o que causava um amedrontamento do povo. O seu discurso destinava-se a comover o rei, e este fim foi conseguido justamente através de adjetivos e expressões que apelaram às emoções del rei D. Afonso IV, como:

E, se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada;
Viúva e triste e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino e sem ventura.
(Canto III,104-5,8)

O poeta compara este cenário e esta súplica da rainha com o pedido que Vénus fez a seu pai em favor do seu filho Eneias. O resultado foi a ajuda de Júpiter pelo amor que este tinha para com a filha, despertado pela força comovente e emotiva do discurso de Vénus. Assim, enaltece Camões ainda mais o fator sensibilizante do discurso de D. Maria que terminou exaltando a força bélica do seu pai, cujo nome era temido por todos, e apela a urgência da ajuda deste, «*acude* e corre» Canto III, 105-7, a fim de evitar o trágico fim dos castelhanos, e em particular dela.

Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.
(Canto III,106: 7-8)

Do mesmo jeito que Júpiter deu a mais a Vénus, sua filha, assim fez D. Afonso IV com D. Maria, não lhe deu apenas um exército, mas também lhe deu a si próprio para enfrentar aquela batalha por amor a esta. E, na estância 107, alude-nos Camões revela a decisão del rei, pois suas forças já estavam prontas para a empreitada.

A Batalha do Salado

Camões dá-nos a conhecer a batalha do Salado, a última que uniu portugueses e castelhanos contra os mouros; os cristãos contra os islamitas. Tal como vimos, os antecedentes desta batalha contribuíram muito para a vitória dos cristãos, que estavam em minoria: aqui o poeta serve-se do símile bíblico, comparando os cristãos a David e os mouros como ao gigante Golias, cujo poder de Deus deitou por terra. A comparação surge justamente pela visão que o mouro tinha dos exércitos cristãos, tal como podemos verificar:

«Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno,

As terras como suas repartindo,
Antemão, entre o exército Agareno,
Que, com título falso, possuindo
Está o famoso nome Sarraceno.
Assi também, com falsa conta e nua,
À nobre terra alheia chamam sua.
(Canto III, 110)

O poeta mostra através destes versos a visão de desprezo que os mouros tinham a respeito do pequeno número do exército cristão, Camões apresenta uns inimigos que também queriam se apoderar das terras castelhanas. Os Afonsos dividiram-se, o rei de Castela foi contra os mouros de África, enquanto o Bravo combateu contra o Mouro Granadino, tal como nos conta o poeta, nos versos:

«Co ela o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comete e ofende;
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.
(Canto III, 112:5-8)

Dá-nos o poeta a conhecer através dos seus versos a batalha, um dos momentos dos mais ilustrativos é o seguinte:

«Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arneses – bravo estrago! –;
Chamam (segundo as Leis que ali seguiam),
Uns Mafamede e os outros Santiago.
Os feridos com grita o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros, meios mortos, se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.
(Canto III,113)

Sobre a forma como Camões traduz através do seu escrito as batalhas, conta-nos D. Marcos que este se diferencia de Virgílio e Homero justamente pelo facto dos da antiguidade clássica se focarem em narrar como determinada personagem morre, Camões vai além, faz-nos ver a dimensão do ambiente sanguíneo bélico que decorreu através destes versos é possível ver homens clamando por intervenções sobrenaturais, é ainda notório cadáveres, sangues, choros

e a intensidade da batalha, uma expressão que também alude a isso é a: «lanças e espadas retiniam» (Ibidem, 618).

No fim, conta-nos o poema que tal como David venceu a Golias, os cristãos derrotaram o enorme exército mouro, pois «Nunca no mundo viu tão grão vitória». O poeta superlativa através de metáforas a grandiosidade dos exércitos cristãos, da fé católica, tal como Afonso Henriques o fez na Batalha de Ourique. A veia patriótica camoniana é também visível nesta batalha, em vários versos, como os seguintes:

Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co Mauritano.
(Canto III,114:6-8)

O poeta exalta a veia forte bélica deste monarca, a ponto de ter vencido os mouros de Granada que lhe competiam e ainda ter combatido contra os de Marrocos, em auxílio ao seu genro. Quer Camões dizer que Portugal é mais forte do que a Espanha na batalha, que Afonso IV é mais forte que seu genro, Afonso XI. Podemos, portanto, através de Camões resumir a vitória cristã na Batalha do Salado nos versos:

Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro, grande e horrendo,
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade que a memória
Nunca no mundo viu tão grão vitória.
(Canto III, 115:5-8)

Inês de Castro

O famoso episódio de «Inês de Castro» é o principal dentro do plano da história de Portugal que é estudado, isto, no último ano do 3ºciclo do ensino básico. Ele é importante para a compreensão da história, assim como para dar a conhecer o reinado em que está inserido.

O episódio de Inês de Castro situa-se no Canto III, da estância 118 até à 136, onde o poeta utiliza metáforas, comparações, apresenta culpados, narra história e, portanto, oferece um conjunto de versos líricos comocionais; tudo para nos dar a conhecer a crueldade de Afonso IV com a jovem Inês, que estabelece uma antítese com o episódio da *formosíssima* Maria, a quem o rei mostrou compaixão, benevolência, indo à Batalha do Salado por amor a esta.

A estância 18 apresenta uma transição entre o fim da Batalha do Salado, descanso dos participantes em suas terras e o episódio posterior a esta, que é digno de memória tal como nos conta Camões:

Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha.
(Canto III,118)

Nos quatro primeiros versos conta-nos o poeta a paz e o sossego que desejava o monarca após a batalha, nos seguintes introduz um «caso triste e dino de memória», da jovem que se tornou Rainha depois de morta, Inês de Castro.

Sobre isso, conta-nos D. Marcos n*'Os Lusíadas Comentados*, seguindo as narrações de Rui de Pina (*Crónicas,* 1977, pp. 464-466), e a de Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, fls. 171-171v) que esta jovem Inês era uma castelhana, filha de um ilustre deste mesmo reino espanhol, Dom Pedro de Castro. Vindo D. Constança a Portugal para se casar com D. Pedro I, veio com ela Inês. Citam os autores que era «tão bela e engraçada» e foram estas as razões pelas quais D. Pedro se encantou por ela. D. Pedro mantinha relações extraconjugais com D. Inês e teve com ela filhos; quando D. Constança morreu, ele apenas aguardava a morte de seu pai, para então fazer de Inês sua esposa e rainha. O rei sabendo deste relacionamento muito queria ver seu filho casado com uma mulher que daria segurança à permanência da soberania do reino, pois o povo apontava Inês como ameaça, visto que seus irmãos eram poderosos, temiam eles que estes lutariam para um filho de Inês subir ao trono após a morte de D. Pedro, e não D. Fernando, filho de D. Constança (Cf. S. Lourenço 2014:629-630). Foi então o argumento da colocação e agitação do povo face ao perigo da permanência da independência que motivou Afonso IV a consentir com a morte de D. Inês. Conta-nos D. Marcos que destes, os principais eram Álvaro Gonçalves, meirinho-mor, Diogo Lopes Pacheco, Senhor de Ferreira, e Pero Coelho. Diante das várias petições, a última frase do rei antes do último suspiro daquela mulher, segundo D. Marcos, foi: «Nem vos dou licença nem vo-la nego»; (S. Lourenço 2014:629-630)

Algo que Camões relata nos seguintes versos:

«Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino

(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra ũa dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais – e cavaleiros?
(Canto III,30)

Estes versos mostram até certo nível o grau de humanidade do rei, que por um lado queria perdoar, mas por outro o eco do povo incomodava-o. Após incertezas do rei, o não ordenar e o não proibir, foram os homens matar Inês, dizendo o seguinte:

«Rei, e nossa intenção basta.» (Ibidem)
O poeta considera o amor como responsável da morte daquela donzela; o lirismo comovente surge no pedido de clemência que Inês faz a D. Afonso IV, e, uma das estâncias representativas é a seguinte:

«Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar ũa donzela,
Fraca e sem força, só por ter subjeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.
(Canto III,127)

D. Inês utiliza uma estratégia comocional clássica, onde é invocada a clemência a ter pelos netos do rei. Inês considera os animais com mais compaixão e humanidade do que os homens, tal como a Loba que alimentou Rómulo e Remo, fundadores lendários de Roma. Por fim Inês morre, Dom Pedro coroa-a por Rainha, após ser morta. (Cf. Lourenço 2014:640).

O episódio de Inês é, portanto, importante dentro do plano da história lusa n'*Os Lusíadas*, prova disso é a sua presença nos programas e a familiarização desde muito cedo dos alunos com este. Assim, numa perspetiva didática é possível atrair os alunos ao conhecimento da história através de episódios como este.

2.6. D. Pedro e D. Fernando: a justiça e a fraqueza no governo do reino

Adjetivos como justiceiro e vingador caraterizam o reinado D. Pedro; Camões consegue em duas estâncias, 137 e 138, fazer a súmula do que ocorreu em Portugal com o filho de D. Afonso IV, o Bravo.

A primeira manifestação do caráter justiceiro deste deu-se para com os assassinos de Inês, tal como nos conta o autor d'*Os Lusíadas:* «Que, em tomado o Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas. Do outro Pedro cruíssimo os alcança…», (Canto III, 136-3,5). Narra-nos o poeta a ação de perseguição de D. Pedro aos assassinos de Inês, que após D. Afonso IV ter morrido fugiram até Castela, onde governava outro D. Pedro. Uniu-se D. Pedro com os irmãos de D. Inês e dos três assassinos da sua amada, apenas um escapou, Diogo Lopes Pacheco, Senhor de Ferreira; os outros dois, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, foram levados até Santarém, interrogados por D. Pedro que já almejava acabar com eles, tomado pela ira e dor de ter perdido sua amada. (Cf. S. Lourenço 2014:649-650).

O adjetivo «cruíssimo» que o poeta utiliza, segundo D. Marcos, revela a dimensão da punição severa que o rei desempenhou, como consequência disto o reino diminuiu em grande escala a taxa de criminosos por medo. O autor justifica isso pelo facto de o rei ser certeiro na execução de criminosos sem dar tempo para que se investigasse; ele acusava, condenava, punia e depois se constatava que afinal tinha a devida razão (Ibidem). D. Pedro, portanto, embora entre os menores reis a quem o poeta dedica poucas estâncias, dá-nos Camões a conhecer o essencial do seu reinado, através da severidade e bravura deste para com os criminosos. Aqui, entretanto, importa-nos realçar que Luís Vaz de Camões narra em versos *grandíloco* a história de forma curta e sintética nas instâncias supracitadas a respeito deste monarca que as consequências de seus feitos geraram uma organização enorme em Portugal.

D. Fernando, "O fraco"

«Que um fraco Rei faz fraca a forte gente» (Canto III-138:8). Esta é a expressão associada ao governo de D. Fernando, o poeta utiliza a temática do desconcerto para referir-se à fraqueza de D. Fernando, antitética à bravura e crueldade de D. Pedro, seu pai, e até poderíamos aqui acrescentar o seu avô, o Bravo D. Afonso IV. O Poeta justifica os motivos da fraqueza de D. Fernando:

[…]

Remisso e sem cuidado algum…

Que todo o Reino Pôs em muito aperto;

Que, vindo o Castelhano devastando

As terras sem defesa, esteve perto

De destruir-se o Reino totalmente,

[…]

(Canto III,138:3-7)

A covardia deste monarca colocou-o na história dos mais fracos reis. Assim, na estância 139, Camões explica a causa pela qual este monarca fraquejou, que foi justamente o seu envolvimento com uma mulher malvada, D. Leonor, tal como narra o poeta:

Ou foi castigo claro do pecado
de tirar Lianor a seu marido
e casar-se com ela de enlevado
num falso parecer mal entendido,
Ou foi que o coração sujeito, e dado
ao ócio vil, de quem se viu rendido,
mole se fez e fraco, e bem parece
que um baxo amor os fortes enfraquece.

(Canto III, 139)

O poeta aponta possíveis causas da fraqueza deste rei, o roubo da mulher de outrem, a sujeição de seu coração a um amor doente, dominado por D. Leonor, e a ociosidade que cuja junção destes elementos resultaram no seu mau reinado.

Apontam os estudiosos da história de Portugal que esta D. Leonor foi irmã de D. Maria Teles que era uma nobre que por um tempo habitou na casa da irmã de D. Fernando, D. Brites. Era D. Leonor casada com D. João Lourenço da Cunha, homem da realeza. Era de boa aparência física que encantou ao Rei D. Fernando numa das visitas que fez a Portugal com o fim de ver a sua irmã. O rei roubou-a de seu marido e casou-se com ela. Era uma mulher astuta, malvada que dominava a cabeça de D. Fernando, por isso conta o poeta «…Ou foi que o coração sujeito, e dado ao ócio vil, de quem se viu rendido, mole se fez e fraco…». Uma das maldades dela foi justamente a calúnia que inventou a um de seus cunhados, isto é, disse para um filho de Inês e D. Pedro que sua mulher era adúltera, e, portanto, movido pela cólera, este matou tal esposa. E, portanto, é esta a famosa mulher que contribuiu para o fracasso do reinado de D. Fernando segundo Camões e as diversas Crónicas dos Reis de Portugal. (Cf. Lourenço 2014:687-689).

O poeta, portanto, apresenta D. Fernando como um rei fraco movido pelo seu medo e irresponsabilidades, dado ao ócio e ao domínio de um amor doentio e dominador, sendo que estabelece uma antítese com o seu pai, D. Pedro, que foi um rei bravo, justiceiro, defensor de seu reino e dado ao amor, porém a um amor genuíno, em que Inês era uma mulher bela por dentro e por fora, pura e autêntica, algo oposto à D. Leonor.

Morreu D. Fernando no dia 22 de outubro de 1383, e da sua relação com Leonor Telles surgiu D. Beatriz.

A Dinastia de Aviz

2.7. D. João I: O garante da independência e o pioneiro da expansão portuguesa

D. João I tem um importante papel dentro da história de Portugal por ser quem foi, assim como pela época e contexto em que viveu. Camões consegue traduzir-nos com maior profundidade a história do Mestre de Aviz no Canto IV, onde temos informações relativas não só a este monarca, mas a toda a sua dinastia. Antes deste assumir ao trono, D. Fernando morreu sem deixar filho varão, o que gerou a crise de 1383-1385, que punha em causa a soberania e independência de Portugal diante de Castela (cf. Sousa & Monteiro 2009:135-136). Atentemos nas informações camonianas relativas a este período:

«Alteradas então do Reino as gentes
Co ódio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinência desonesta
Mais (despois de viúva) manifesta.
(Canto IV,4)

Sabendo da inexistência de um herdeiro, D. Fernando e D. Leonor Telles fazem o tratado de Salvaterra, de acordo com os historiadores Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro na *História de Portugal*, este consistia em a rainha Leonor assumir o trono até que D. Beatriz tivesse um filho e o seu descendente assumi-lo-ia com a idade de 14 anos. A criança deveria ser portuguesa em costumes, assim, Portugal supostamente não cairia nas mãos castelhanas, o que não aconteceu; Portugal era governado pela rainha, que tinha ao seu lado o «adúltero Conde», fidalgo galego, João Fernandes de Andeiro, Conde de Ourém (Ibidem). Aliás, os dois últimos versos acima ilustram a manifestação da infidelidade desta rainha para com o seu marido.

Dá-nos a conhecer Camões que depois de D. João ter assumido o trono mandou matar os partidários do Conde e da Rainha que dirigiram o reino de uma forma que punha em causa a soberania portuguesa, assim, é importante salientar tal como relatam os historiadores supracitados, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, que a morte do Conde de Andeiro ocorreu em 1383, no mesmo ano em que morreu D. Fernando. A morte do conde deveu-se a D. João I, mas teve a participação de seus homens e outros ilustres do reino, que estavam insatisfeitos com a tendência da submissão do reino de Portugal à Castela, como foi o

caso do conde de Barcelos. Camões, sobre a morte deste Conde, conta: «Mas ele, enfim, com causa desonrado, Diante dela a ferro frio morre (…)». Portanto, estabelece o poeta uma comparação da morte deste com a Abadessa do Mosteiro de S. Bento, intensificando a morte humilhante do Conde: deu-lhe D. João I com o cutelo no pescoço, caiu e os homens do mestre de Avis acabaram com ele, ficara em pedaços e nu, tal como relata Fernão Lopes na *Crónica de D. João I* (Cf. Lopes, 1897:439. Assim convergem em narração o cronista e o poeta, pese embora Camões servir-se de metáforas para nos explicar o fim do adúltero e cúmplice de D. Leonor Telles. Depois do Conde de Ourém ter morrido, surge o que o poeta relata:

(…)
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela.
(Canto IV,6:5-8)

Quer dizer Camões que a astuta Leonor Telles, sendo isolada depois da morte do seu cúmplice, incentiva D. Beatriz a assumir o trono, com o apoio de seu marido, D. João I de Castela, por ser herdeira de D. Fernando, tal como conta o poeta. Fernão Lopes relata que o objetivo da Rainha era a vingança para com o Mestre de Avis e seus homens, esta possuía um ódio mortal pelo restaurador da independência portuguesa (Cf. Lopes 1897: 63). Por este motivo, surgem guerras entre castelhanos e lusitanos, começando pelo cerco dos primeiros em terras lusas, tal como podemos verificar nos versos:

Com esta voz Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forças ajunta, pera as guerras,
De várias regiões e várias terras.
(Canto IV, 7: 5-8)

Neste período, Portugal dividiu-se: uns apoiavam o Mestre de Avis, outros D. Beatriz e ainda outros D. João, filho de D. Pedro com D. Inês de Castro. Camões, portanto, resume os versos narrando o que é importante saber dentro da história de Portugal. Sobre este monarca, podemos dizer que o Canto IV já se inicia com o júbilo do poeta face à resolução desta crise «*Despois* de procelosa tempestade/ Nocturna sombra e sibilante vento/ Traz a manhã serena claridade, (…)». Onde o poeta exalta a D. João I e o coloca como enviado por Deus para assumir o trono português «Ser isto ordenação dos Céus divina Por sinais muito claros se mostrou, (…)». Dá-nos Camões a conhecer que D. João I foi a resposta da miraculosa necessidade do reino lusitano. Das grandes conquistas deste monarca, para além da vitória contra os traidores

do reino, o Conde de Andeiro e Leonor de Telles, o poeta relata e exalta a vitória na batalha de Aljubarrota e a conquista de Ceuta como episódios fundamentais que consolidaram o reinado do Mestre de Avis.

A batalha de Aljubarrota

Camões narra de forma seletiva a história da sua pátria, não deixou de parte a batalha de Aljubarrota. Se o fundador da nacionalidade portuguesa, D. Afonso Henriques, teve São Mamede e Ourique como grandes conflitos bélicos, e se o Bravo, D. Afonso IV, teve a grande batalha de Salado, era necessário que o mestre de Avis passasse por testes deste calibre, pese embora já tivesse manifestado sua força ao lutar pela permanência da independência do reino de Portugal, ao assumir em 1384 a função de "Defensor do Reino". (cf. Sousa & Monteiro 2009:139).

Sobre a batalha de Aljubarrota, dá-nos Camões a conhecer os detalhes importantes da mesma e além de exaltar a figura de D. João, apresenta também D. Nuno Álvares Pereira, o condestável, tal como podemos verificar nos seguintes versos:

"Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Aquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:
(Canto IV,14)

D. Nuno é apresentado como sendo um homem forte e patriota, incapaz de negar a pátria, era com estes "principais senhores"[6] que o Mestre de Avis se aconselhava. Contam Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Oliveira Martins, *História de Portugal*, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, *História de Portugal*, e outros estudiosos da historiografia portuguesa que os pilares principais do Mestre de Avis eram D. Nuno, homem bélico, forte em estratégias de guerras e em combates, e o político Dr. João das Regras, sem desmerecer Álvaro Pais, que impulsionou de diversas maneiras o mestre de Avis a assumir o trono. Assim, D. Nuno foi um ícone importante na ascensão ao trono do Mestre; aliás, pelo facto de este ser também um filho Bastardo de Álvaro Gonçalves Pereira e Iria Gonçalves de Carvalhal elevou a

[6] Canto IV, 12-6.

conceção de respeito e valorização não pela origem, mas pelo que estes foram (cf. Sousa & Monteiro 2009:141).

A batalha de Aljubarrota n'*Os Lusíadas* é antecedida por um discurso patriótico de D. Nuno, onde relembra a força do povo espelhada em monarcas como D. Afonso Henriques, D. Dinis ou D. Afonso IV; apela à fidelidade dos portugueses ao novo monarca, D. João I. Uma das estâncias mais ilustrativas da força e fidelidade ao reino do condestável é justamente a 19, do canto IV:

—"Eu só com meus vassalos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do Rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei (não só estes adversários)
Mas quantos a meu Rei forem contrários."—

O reino de Portugal com o mestre de Avis havia crescido muito em termos económicos e havia dado abertura à rota marítima tal como dá-nos conta Oliveira Martins, porém, foi a vitória em Aljubarrota que consolidou o nascimento da Dinastia de Avis (cf. Martins,1972:156).

Conta Camões que nesta batalha os portugueses queriam defender as suas terras, enquanto que os castelhanos queriam ganhá-la, desunindo os dois povos ibéricos: «(...) Uns leva a defensão da própria terra,/Outros as esperanças de ganhá-la (...)» (Canto IV,30:6-7).

Era uma luta cuja derrota lusa faria ascender Castela ao domínio de Portugal, e, portanto, os fatores de importância supracitados são realçados ainda mais. Assim, ela começa a ser contada por Camões a partir da estância 28, onde a trombeta castelhana dá o sinal. Há alguns destaques, além dos monarcas, como D. Nuno, do qual já fizemos menção, o general que orientou o exército; ou ainda Mem Rodrigues de Vasconcelos, que dava ordens pela ala direita do exército; do lado castelhano, o exército foi capitaneado por Antão Vasques de Almada [7]. Da parte inimiga há destaque para os Pereiras, irmãos de Nuno, que decidiram lutar contra os lusitanos, a quem o poeta chama de "arrenegados" e que tiveram um fim de derrota.

A figura de Nuno Álvares Pereira e do Mestre de Avis são exaltadas ao longo da batalha por serem peças fundamentais e decisivas, prova disso foi o imenso exército castelhano que cercou

[7] Canto IV-24,35

a D. Nuno. O poeta compara o condestável a um Leão destemido e D. João a uma Leoa que não desampara seus filhos, e que socorreu D. Nuno[8].

Apesar do imenso exército castelhano, foram os lusos superiores. D. João I contou com o patriotismo de Nuno Álvares Pereira, até contra os seus próprios irmãos, traidores, e a sua inteligência estratégica de guerra garantiu a Portugal a independência e a vitória, pois o reino não caiu nas mãos estrangeiras. Podemos através de versos camonianos constatar as consequências desta batalha:

Aqui a fera batalha de encruece
Com mortes, gritos, sangue, cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê, e de seu propósito mudado.
(Canto IV,42)

O rei de Castela vendo que não podia mais, fugiu "Contente de lhe não deixar a vida"[9] e junto a ele os seus súditos o acompanhavam, indo o monarca castelhano cheio de «tristeza, mágoa, desonra, triste e enojado pela derrota»[10]. Outros ainda amaldiçoaram quem inventou a guerra (Canto IV,44) por tamanha humilhação que passaram. Camões utiliza estes recursos para enfatizar na sua narração o quão forte foram os lusitanos nesta batalha, exalta assim a dignidade do Mestre de Avis ao seguir os mesmos passos de D. Afonso Henriques ao restaurar, ou melhor, por manter Portugal independente e gerar uma nova dinastia.

Outra imitação dos hábitos dos monarcas anteriores a que o poeta faz referência é justamente a fé, aliás, Camões compara D. João I com Sansão, o forte juiz que derrotou numerosos filisteus[11]. Termina Camões a narração da batalha apresentando um D. João glorioso que faz romarias e "As graças deu a Quem lhe deu vitória."[12] Enfatiza, assim, o costume dos monarcas lusos nas grandes batalhas, reconhecendo a força de Deus sobre eles como chave para a vitória.

O mestre de Avis é, portanto, um monarca com grande destaque por manter o legado conquistado por D. Afonso Henriques e que por negligência de um fraco rei, D. Fernando,

[8]Canto IV-34,35,36
[9] Canto IV-43:2.
[10] Canto IV-43:7.
[11] Camões estabelece a comparação no Canto IV, 12. A história de Sansão podemos constatar no livro dos *Juízes* capítulos 13 até ao 16 da Bíblia Sagrada.
[12] Canto IV-45:3-4

esteve em causa. Este rei destaca-se também por dar início à expansão marítima, que foi continuada por seus sucessores, ao conquistar Ceuta: «(…) De Ceita toma, e o torpe Maometa/ Deita fora, e segura toda Espanha (…)» (Canto IV, 49: 6-7).

O poeta dá-nos a conhecer que os lusos venceram e dominaram Castela diversas vezes, aliás, a aliança anglo-lusa se reforçou ainda mais com o casamento de D. João I com Dona Filipa de Lencastre, tal união permitiu que o rei deixasse como legado a famosa *ínclita geração*. Assim, com esta notável geração descansou em Paz o Mestre de Avis. (Canto IV-50) & (Cf. Martins 1973:11).

Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas, pera a defensão dos Lusitanos,
Deixou, quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Ínclita geração, altos Infantes.
(Canto IV,50: 4-8)

É, portanto, D. João I um dos heróis que se destacou por *obras valerosas* e também difundiu a fé cristã em regiões além do mar. Graças a homens como Álvaro Pais, João das Regras e Nuno Álvaro Pereira consolidou a independência portuguesa e a crise de 1383 foi ultrapassada. D. João I casou com Dona Filipa de Lencastre e morreu aos 14 de agosto de 1438 em Lisboa, sendo sucedido no trono por seu filho D. Duarte. Durante o reinado do Mestre houve diversos acontecimentos, porém o essencial é-nos apresentado por Luís Vaz de Camões.

2.8. De D. Duarte "O eloquente" a D. Manuel, o início da ação central d'*Os Lusíadas*

Sobre D. Duarte começa o poeta por dizer que este "Não foi tão ditoso". Camões descreve o reinado como sendo inconstante na Fortuna, dedicando duas estâncias a apresentar o principal episódio do reinado deste monarca, que talvez tenha abreviado a vida do mesmo.

"Viu ser cativo o santo irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita:
Mais o público bem que o seu respeita.

(Canto IV, 52)

Isto quer dizer que D. Duarte enviara a Tânger uma armada lusa guiada pelos Infantes seus irmãos, D. Henrique e D. Fernando, em 1437, porém a batalha foi perdida. Os mouros decidiram manter cativo D. Fernando com a condição de libertarem-no se D. Duarte lhes entregasse Ceuta, porém "Só por amor da pátria está passando (...) Por não se dar por ele a forte Ceita". Assim, Portugal manteve em sua posse Ceuta, e D. Fernando morreu cativo. Este mal, teria, segundo Camões, grande impacto na vida do rei. O professor Hermano Saraiva, num documentário televisivo sobre a história de Portugal, considerou que tal impacto abreviou a vida do rei D. Duarte, ainda assim, o renomado professor apresentou a peste como sendo a causa provável da morte deste rei, porém apresenta a possibilidade de o monarca ter sido desgastado interiormente pela forma que D. Fernando morreu.[13]

D. Duarte governou pouco tempo, mas contribuiu para o desenvolvimento de Portugal e desenvolveu em vida certos projetos de D. João. Dá-nos Camões a entender a fraqueza de D. Duarte por ter fracassado em Tânger e daí só lhe dedicar duas estâncias; ou queria Camões enfatizar o problema maior que destruiu emocionalmente este monarca, ter deixado seu irmão à sua sorte, em Tânger.

Morreu D. Duarte no dia 10 de setembro de 1438, viria a sucedê-lo D. Afonso V, seu filho com a sua legítima esposa: a infanta D. Leonor, filha de D. Fernando I de Aragão.

D. Afonso V e o espírito expansionista de Dom João II

Sucede a Dom Duarte no trono D. Afonso V, conhecido também como o "Africano", pelas suas conquistas em África tal como refere o poeta ao apontar o temor africano diante deste monarca, nos seguintes versos: «Mas África dirá ser impossíbil/Poder ninguém vencer o Rei terríbil.» (Canto IV, 54:7-8)

Mais forte que D. Afonso V foi seu filho D. João II que o substituiu no trono depois de sua morte. O poeta narra a luta entre D. Afonso V e D. Fernando de Aragão com vista à conquista de Castela apresentando D. João II como o filho que deixou o ócio para ajudar seu pai sendo este mais valente do que o seu progenitor. Em suma, D. João manifesta o seu poder através não só das armas, mas também das investidas em África, como constatamos nas estâncias 61 a 65 onde o poeta relata navegações feitas por homens como Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã. Apresentando João II como um investidor de navegações e descobrimentos, tentando achar

[13] *História de Portugal* - Volume III - Da Expansão à Restauração - 1415-1640 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zZz0eX1lVRI&t=7s

caminhos nunca dantes navegados, como a Índia, algo que veio acontecer mais tarde com Vasco da Gama. Camões mais uma vez consegue sintetizar as marcas de D. João II n*'Os Lusíadas*, pelo que notamos, tal como fizemos referência anteriormente, o conhecimento da história de Portugal apresentado pelo poeta.

D. Manuel

A ação central *d' Os Lusíadas* ocorre no reinado de Dom Manuel, sobre este escreve Camões:

«Parece que guardava o claro Céu
A Manuel e seus merecimentos
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos;
Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

(Canto IV,66)

Dá-nos o poeta a conhecer que D. João construiu o alicerce das navegações e da expansão do império, porém foi com D. Manuel que Portugal viveu o auge das navegações, os próprios *Lusíadas* são a prova do sucesso ultramarino do reinado de D. Manuel.

D. Manuel é exaltado por Camões a ponto de ser a razão das viagens ultramarinas decorrentes de uma visão, descrita na sequência dos versos acima, concretamente entre as estâncias 67 a 75 do Canto IV. Onde os descobrimentos partiriam de um sonho profético em que os rios Ganges e Indo personificados aparecem ao monarca e dão-lhe autonomia e poder sobre os mares com vista ao alcance de terras desabitadas, não descobertas:

«Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é Indo, Rei, que nesta serra
Que vês, seu nacimento tem primeiro.
Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vês, porás freio.»

(Canto IV,74)

Como consequência do ocorrido o rei fez o seguinte:

Chama o Rei os senhores a conselho,

E propõe-lhe as figuras da visão;

As palavras lhe diz do santo velho,

Que a todos foram grande admiração.

Determinam o náutico aparelho,

Pera que, com sublime coração,

Vá a gente que mandar cortando os mares

A buscar novos climas, novos ares.

(Canto IV, 76)

Neste "conselho" tomou parte o herói individual d'*Os Lusíadas*, Vasco da Gama, que com força e orgulho narrava tais acontecimentos ao rei de Melinde. Neste canto, e como consequência da decisão de D. Manuel, aparece o relato de diversos episódios como a despedida da armada na "Ínclita Ulisseia" e o Velho do Restelo. Este último constava nos antigos programas de português, enquanto o primeiro ainda se mantém nos atuais.

2.9. Dom Sebastião: O destinatário do poema e o "novo temor da moura lança".

A história de Portugal coloca D. Sebastião como o responsável da orfandade do reino lusitano, no final do século XVI, pela sua decisão de atacar Alcácer Quibir, onde foi derrotado e, possivelmente, morto. Esta derrota estabelece uma antítese com a abordagem camoniana, pois o poeta, seu contemporâneo, enaltece-o rogando-lhe alguns favores.

D. Sebastião ocupa um papel dentro d'*Os Lusíadas*, por ser o monarca contemporâneo a Camões e aquele a quem a obra é dedicada, tal como podemos ver no Canto I, nas estâncias 6 a 18. O poeta procura com que o rei patrocine a sua obra e por este motivo enaltece-o com louvores em seus versos "vós, ó novo temor da Maura lança" / "vós, ó bem nascida segurança(…)/", "…tenro e ramos florescente de uma boa árvore, de Cristo mais amada (…) /poderoso Rei"/, entre outros. O poeta descreve em versos *grandílocos* D. Sebastião como o predestinado de Cristo, o eleito para expandir a fé e derrotar os mouros, daí a expressão "Novo temor da Maura lança". Ironicamente ocorreu o oposto, visto que aquele a quem Camões declara como atormentador dos mouros, acabou por se perder diante destes. Camões, incentiva D. Sebastião a combater os mouros, como podemos ver na estância 8: "Vós, que

esperamos jugo e vitupério/Do torpe Ismaelita Cavaleiro"; algo que faz do monarca o "novo temor da maura lança".

D. Sebastião seria um rei que daria glória ao reino de Portugal, esta foi uma estratégia camoniana de bem dizer para conseguir o apoio do rei. Outras informações atinentes à D. Sebastião surgem no Canto X, estâncias 146-156, onde o poeta pede ao rei para que olhasse por ele e por todos que de algum modo contribuíam para a cultura portuguesa:

E não sei por que influxo de Destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter pera trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes.
(Canto X,146)

D. Sebastião, é, portanto, um monarca importante por ser do tempo de Camões, e, assim, podemos dizer que, de facto, embora Camões o elogie, era um rei não somente descuidado, mas como também alguém que não valorizava convenientemente os que prestavam serviços à pátria. A sua importância aqui consiste por ser alvo da dedicatória d'*Os Lusíadas*, e por eventualmente ter sido o homem a quem Camões recorreu para que patrocinasse a sua obra.

Capítulo III - Proposta Pedagógica

3.1. Os desafios do docente de português para ensinar o plano da História de Portugal n'*Os Lusíadas*

Tal como frisamos em capítulos anteriores, o que norteia o sistema de educação são os objetivos traçados tendo em conta o perfil de formação dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Antes de tecermos considerações a respeito dos desafios de um ensino que exige o funcionamento interdisciplinar é importante recordarmos o perfil, que o ministério de educação pretende de seus alunos. Ei-lo abaixo:

Figura 1 - Esquema concetual do perfil dos alunos à saída da escolaridade.

Percebemo-lo como o motor do ensino secundário, e estão todas disciplinas submissas e sujeitas a ele, gerando assim um espírito de grupo coletivo, comum, apesar das particularidades de cada matéria. Desta feita, o professor de português, no ensino do plano da história de Portugal d'*Os Lusíadas* contempla em primeiro lugar a interdisciplinaridade entre a história e a literatura portuguesa, em segundo percebe a necessidade de se ter uma mente ampla em questões de saberes, pois nenhum saber é uma ilha. Assim, para que haja sucesso na transmissão de conteúdos da ilustre obra camoniana, é importante que o docente tenha domínio da história de Portugal e da mitologia clássica, além do próprio português, claro, que é a sua especialidade. Em suma, o português e a história apontam para o quadro acima, ambos buscam os mesmos objetivos e, por isso, a transmissão dual ou interdisciplinar será ainda mais interessante por esta busca comum do alcance dos objetivos do processo de ensino-aprendizagem tendo em conta este perfil acima apresentado.

3.2 Planificação da aula "Inês de Castro - entre as armas e o amor, a tragédia de uma heroína"

3.2.1. Fundamentação

Inês de Castro é, sem dúvidas, uma figura cimeira da cultura portuguesa, pese embora tenha sido castelhana. Considero que tenha idêntica importância às personagens Shakespearianas Romeu e Julieta, tal como afirmou Miguel Torga na sua antologia poética denominada *Poemas ibéricos*, de 1981, onde num poema intitulado "Inês de Castro", escreveu:

"Inês de Castro"

Antes do fim do mundo, despertar,
Sem D.Pedro sentir,
E dizer às donzelas que o luar
E o aceno do amado que há-de vir...

E mostra-lhes que o amor contrariado
Triunfa até da própria sepultura:
O amante, mais terno e apaixonado,
Ergue a noiva caída à sua altura.

E pedir-lhes, depois, fidelidade humana
Ao mito do poeta, à linda Inês...
À eterna Julieta castelhana
Do Romeu português.

Além de Torga, Bocage, Rui Belo, Ary dos Santos e Herberto Hélder escreveram sobre esta heroína, esta mulher que se tornou rainha imortal. O episódio tem tal importância que consta nos programas escolares do 3º ciclo e secundário e mesmo universitários nas disciplinas de português e literatura portuguesa clássica. Por esta razão decidimos usar este episódio que pertence ao plano da história de Portugal para demonstrar a possibilidade de conhecer a história de Portugal a partir da obra mais importante de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*.

Enquanto muitos se restringem ao amor de Pedro e Inês, que sem dúvidas é a ação principal do episódio, e realmente é importante ensiná-lo e realçá-lo, ainda assim, neste episódio podemos ensinar outros factos importantes da nação lusa, como ilustraremos a seguir fundamentando a aula.

A aula poderá iniciar com uma imagem de Columbano sobre a morte de Inês, causada pelos carrascos de D. Afonso IV, tendo o professor o cuidado de contextualizar o episódio no reinado de D. Afonso IV. Far-se-á breve menção do progenitor deste, D. Dinis.

Note-se que, através do episódio de Inês já conseguimos ensinar a história dentro da literatura. De seguida, apresentar-se-á D. Afonso IV como o vencedor da batalha do Salado, um marco histórico de Portugal, algo que realça a importância e a realidade da interdisciplinaridade dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Depois de uma contextualização do reinado onde o episódio está inserido retoma-se a imagem de Columbano; Será feita a ligação com o episódio anterior, a batalha do Salado, também se fará claramente a reflexão sobre o causador da morte de Inês, pois o poeta atribui a culpa ao amor, talvez pelo facto deste admirar o vencedor do Salado e por este motivo não o sentencia. Outros factos históricos realçados serão os carrascos, com destaque em Pêro Coelho, e o professor recorrerá a imagens do Jarmelo. A terra de um dos carrascos de Inês e que, segundo a lenda, foi destruída por D. Pedro. Assim dar-se-á a entender a importância da história para a compreensão da realidade que nos circunda. Também, através deste episódio é possível dar a conhecer aos alunos uma ideia geral do reinado de D. Pedro, realçando o seu caráter vingativo e de justiça. Tal como vimos em capítulos anteriores, Portugal viveu tranquilo com este monarca, e, sua severidade e punição eram quase que todas assertivas, e, portanto, através da breve história do Jarmelo se verificará o caráter de D. Pedro, que se perpetuou no seu reinado. Nesta senda, é possível ver que o episódio de Inês de Castro dá-nos assim a conhecer dois reinados, o de D. Afonso IV e o de D. Pedro, podendo assim estabelecer uma relação com seus antecessores e sucessores. Antes de D. Afonso IV temos D. Dinis, que deixou marcas importantes na história de Portugal; o seu sucessor foi D. Pedro I, o amado de Inês de Castro. Já em D. Pedro temos por antecessor D. Afonso IV, que dispensa apresentação pelo facto de ser o monarca do reino em que decorreu o episódio, e o seu sucessor foi D. Fernando, cuja fraqueza nos permite estabelecer uma antítese com a fortaleza, vingança e justiça praticada pelo seu pai, tal como referimos anteriormente.

3.2.2. Plano de aula

Plano de aula		
Unidade Didática: 3-Estudo *d'Os Lusíadas* (Epopeia)	**9.ºAno**	**Ano letivo:**
Aulas n. º	**"Inês de Castro-entre as armas e o amor, a tragédia de uma heroína" (*Os Lusíadas*, estâncias III,118-136).**	
Tempo: 90 minutos		

Domínios / Conteúdo	**Objetivos / Descritores de desempenho**	**Desenvolvimento da aula (Estratégias/ Atividades)**	**Recursos**	**Avaliação** (modalidades e	**Tempo estimado**
Educação Literária Epopeia **Oralidade** Intencionalidade comunicativa **Leitura**	- Conhecer a história de Portugal a partir da epopeia *Os Lusíadas*. - Relacionar o episódio de Inês de Castro com o contexto em que está inserido. - Compreender a importância do plano da História de Portugal *n'Os Lusíadas*. - Identificar os episódios de transição entre a batalha do Salado e o de Inês de Castro. - Interpretar textos literários portugueses de diferentes autores e géneros, produzidos entre os séculos XII e XVI: **Luís Vaz de Camões**: *Os Lusíadas*. - Contextualizar textos literários portugueses anteriores ao século XVII em função de marcos históricos e culturais. - Reconhecer valores culturais, éticos e	- Saudação aos alunos e registo do sumário. - Apresentação e comentário de uma imagem sobre o episódio de "Inês de Castro" de Columbano que será introdutória da aula. **(Imagem 1).** -Contextualização do reinado em que o episódio está inserido enquadrando-o na sequência dos reis: • D. Dinis: o criador e fundador da universidade de Coimbra, excelente poeta e plantador do pinhal de Leiria. (III-96,97) Demonstração do texto com imagens. **(Imagens 2 e 3).** • D. Afonso IV: o vencedor do Salado. (III-115). **(Imagem 4).** Estrofes e imagem do rei onde se demonstrará D. Afonso IV através de uma breve análise da estância 115 e uma contextualização geral da batalha do Salado e seus antecedentes. - Leitura e interpretação do episódio de Inês de Castro, Canto III, estrofes 118-136 onde se iniciará o estudo com a retomada	Caderno do aluno *Os Lusíadas* Canto III,118-136 Marcadores Quadro Projetor Recursos da Escola Virtual	Leitura expressiva em voz alta Observação direta do desempenho, comportamento e participação dos alunos	5 min 5 min 15 min 40 min

	estéticos presentes nos textos. -Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto. -Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura. -Identificar o lirismo comocional no episódio de "Inês de Castro". -Analisar a organização interna e externa do texto. -Clarificar tema(s), ideias principais, pontos de vista. -Interpretar o sentido global do texto e a intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas. - Expressar, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pelo estudo da história de Portugal n*'Os Lusíadas*. -Realizar leitura crítica e autónoma.	da imagem introdutória que será fixada no quadro enquanto se procederá a interpretação do texto na qual se desenvolverá os seguintes pontos: • A transição da batalha do Salado (III,118) • O uso da personificação do amor pelo poeta como causa da morte de Inês (III,119) • Caraterização de Inês. • A dualidade comportamental de D. Afonso IV, guerreiro na espada em salado e ordenante da morte de uma fraca dama. (III, 123) • Apresentação dos carrascos responsáveis pela morte de Inês, através da leitura do texto, onde se enfatizará o pedido de súplica de Inês e a sua morte. (III, 124 e 132) • Conclusão do episódio com a reação de D. Pedro I através da verificação do seu caráter justiceiro com a leitura da imagem do Jarmelo relacionada com a vingança do sucessor de D. Afonso IV ao trono. **(Imagem 6).** - Breve reflexão sobre o motivo da inclusão de Inês nas figuras *dinas de memória.* - Jogo didático (Quiz) relativo ao episódio de "Inês de Castro" (Que está nas páginas seguintes relativas aos materiais utilizados). - Consolidação geral da aula e explicação da importância do plano da história de Portugal *n'Os Lusíadas.*			5 min 10 min 10 min

3.2.3. Materiais utilizados

Tendo em conta que não basta somente conteúdos, mas estratégias metodológicas para a arte do bem ensinar, nesta planificação da aula **"Inês de Castro-entre as armas e o amor, a tragédia de uma heroína"** (*Os Lusíadas*, III, 118-136) recorreremos ao uso do texto e de imagens, quadro, marcador, power point, computador e jogo didático " Quiz sobre o estudo do episódio de Inês de Castro".

Usamos imagens porque a demonstração capta a atenção do aluno e coopera juntamente com o texto para a aprendizagem deste. Na introdução da aula utilizo a imagem de Columbano com vista a gerar interesse pela história; também recorro a imagens novamente, nas caraterizações de D. Dinis e D. Afonso IV; temos ainda texto com fotos tendo em conta o motivo supracitado, realçando o nível de ensino, 3º ciclo do ensino básico. Ainda assim, para ilustrar com veemência a morte de Inês, e haver compreensão na sequência narrativa do caráter vingativo de D. Pedro apresentamos imagens do Jarmelo. Há, portanto, uma escolha de recursos tendo em conta os alunos, aliás, são eles que movem o professor e as estratégias pedagógicas que são preparadas, bem como os materiais utilizados.

Materiais utilizados da aula: "Inês de Castro-entre as armas e o amor, a tragédia de uma heroína".

Figura 1 – Drama "Inês de Castro".

"Eis depois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino próspero florece
(Alcançada já a paz áurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claros lumes.

"Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Monde-o a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro.
(III, 96,97)

Figura 2 - Dom Dinis.

Imagem 3- Universidade de Coimbra construída por D. Dinis.

"Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente, o Véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memória
Nunca no mundo viu tão grã vitória.
(III-115)

Imagem 4 - D. Afonso, O Bravo.

Inês de Castro - Canto III: 118-136

Imagem 5 - Inês de Castro

D. Pedro e o Jarmelo

Imagem 6 - Jarmelo

QUIZ DIDÁTICO

A morte de Inês é vista por D. Afonso IV como a única solução. Porquê?

- Pretende afirmar o seu poder em relação à fantasia do seu filho.
- Acredita conseguir, desta forma, acabar com o descontentamento dos nobres.
- Considera que é a única forma de acabar com o amor entre D. Pedro e D. Inês.

Solução:

- "Estavas, linda Inês, posta em sossego [...]
  Nos saudosos campos do Mondego [...]"
  Canto III, est. 120

O que motivou a decisão do rei de ordenar a morte de Inês de Castro?

- O pecado cometido pelos amantes, que tiveram filhos fora do casamento.
- A pressão dos nobres, que exigiam que o crime cometido por Inês fosse punido.
- Os comentários do povo sobre a sua relação com D. Pedro e a recusa deste em casar-se.

Solução:

- "Vendo estas namoradas estranhezas,
  O velho pai *sesudo*, que respeita
  O murmurar do povo e a fantasia
  Do filho, que casar-se não queria,

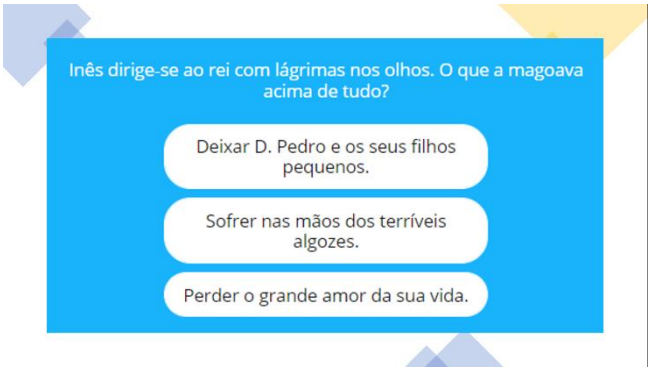
  Tirar Inês ao mundo determina [...]"
  Canto III, est. 122-123

Ouvidas as palavras de Inês, o que deseja o rei?

- Perdoar-lhe.
- Proteger os netos.
- Condená-la.

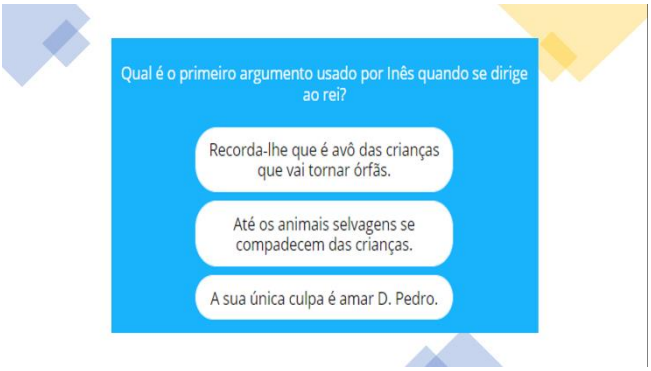
Solução:

- "Queria perdoar-lhe o Rei *benino*,
  Movido das palavras que o magoam [...]"
  Canto III, est. 130



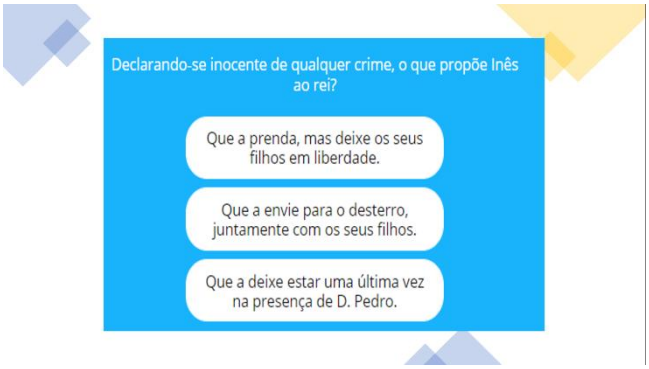
Solução:

- "Ela, com tristes e piedosas vozes,
  Saídas só da mágoa e saudade
  Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
  Que mais que a própria morte a magoava [...]"
  Canto III, est. 124



Solução:

- "«Se já nas brutas feras, cuja mente
  Natura fez cruel de nascimento, [...]
  Com pequenas crianças viu a gente
  Terem tão *piadoso* sentimento [...]»"
  Canto III, est. 126



Solução:

- "«[...] Mas, se to *assi* merece esta inocência,
  Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
  Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
  Onde em lágrimas viva eternamente.

  [...] Naquele por quem *mouro*, criarei
  Estas relíquias suas que aqui viste,
  Que refrigério sejam da mãe triste.»"
  Canto III, est. 128-129

2ª PARTE – Estágio pedagógico

1. Contextualização do estágio

1.1 Escola Secundária Campos Melo

O estágio em que estive envolvido realizou-se na região centro do País, na Covilhã, mais particularmente na Escola Secundária Campos Melo. Pese embora ser um ano atípico com diversas mudanças, deu para executar com grande aprendizagem o estágio pedagógico, que me enriqueceu muito. Assim, é necessário apresentar alguns dados importantes relativos ao lugar onde se desenrolou a minha atividade didático-pedagógica no ano letivo 2020/2021.

Escola Secundária Campos Melo é a atual designação da Escola que se situa na Covilhã, mais concretamente na rua Vasco da Gama 40, 6200-034 Covilhã. Nasceu no ano de 1884, através de um decreto de lei de 3 de janeiro deste mesmo ano, que zelou pela necessidade da região em criar um recinto de formação de cursos práticos industriais; o objetivo era o de capacitar indivíduos através de formações, que trabalhariam nas indústrias e assim contribuir para o desenvolvimento económico e industrial da região. Dois dias depois do decreto, a Câmara da Covilhã viabilizou a ideia e cedeu um espaço para ser o recinto escolar, algo que só foi finalizado em 1885. Porém, enquanto se preparava o edifício para albergar as aulas, José Maria da Silva Campos Melo alinhado ao projeto, ofereceu um espaço onde a Escola oficialmente começou em 1884, no mês de dezembro, no dia 16 e por esta razão a Escola decidiu homenageá-lo ao nomeá-lo em sua designação. Assim, só em 1885 é que a escola muda para as instalações oferecidas pela Câmara municipal, e é em 1912 que se instala no recinto em que até hoje está. Durante o seu trajeto, a Escola recebeu diversas designações, primeiramente chamou-se Escola Industrial Campos Melo, em 1948 mudou o seu nome para Escola Industrial e Comercial Campos Melo, mais tarde veio a chamar-se Escola Técnica Campos Melo, e finalmente, recebe a nomenclatura que reserva até hoje, em 1975, dado o marco histórico que se deu neste período, que é exatamente a unificação do ensino.

A Escola em termos de ofertas formativas vem se desenvolvendo cada vez mais, inicialmente fizeram parte do seu leque áreas como Desenho, Química, Fiação, Tecelagem, Tinturaria, Debuxo, Eletricidade, Mecânica, Contabilidade que correspondiam justamente com o objetivo da criação desta academia. Atualmente, mantém a sua origem, porém tem diversificado as suas ofertas tendo em conta a formação dos seus discentes, nas diversas vertentes atendendo o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória que valoriza a ética, o saber fazer, a cultura, a ciência, a tecnologia atendendo assim aspirações sociais.

A Escola tem crescido cada vez mais, o seu lema é "formação de cidadãos empreendedores, criativos, eticamente responsáveis, capazes de aprender ao longo da vida e de se realizarem

através da cultura, da ciência, da tecnologia e da estética" (Projeto Educativo 2014-2018)[14]. Fruto deste crescimento que faculta a concretização das ações formativas foram os surgimentos do museu educativo (2004), sala do futuro (2017), remodelação e inovação da Biblioteca Escolar (2001), edificação do pavilhão desportivo (2003), a notoriedade e reconhecimento por órgãos do governo dos serviços prestados pela instituição como é o caso do Selo de *Escola Voluntária* que recebeu em 2014. Ainda, o facto de ter sido outorgada o grau de Membro Honorário da Ordem de Instrução Pública pelo presidente da República Portuguesa em 1985, também recebeu por parte da Covilhã, em 2005, a medalha de Ouro como respeito, admiração e zelo pelo diverso trabalho prestado ao Concelho através da atividade didático-pedagógica incansável que tem prestado. E de facto, o leque de saberes tem sido fundamental para a formação singular dos indivíduos, que se sentem cada vez mais atraídos por esta instituição, através das diversas opções de cursos. A Escola tem servido à sociedade, e em particular à Beira Baixa não só no seu recinto, como também fora dele, fruto disto é a sua parceria com o estabelecimento prisional da Covilhã e diversas associações. No estabelecimento prisional fornece formações através de cursos básico e secundário, já nas parcerias que tem com diversas associações e empresas faculta cursos relativos à vertente de especialização.

A Escola Campos de Melo é uma referência de instituição básica e secundária dentro da Covilhã, Beira Baixa e contribui muito para o desenvolvimento do país através da formação científico-tecnológica dos indivíduos. O meu estágio insere-se numa Escola com um percurso de vida longo relacionado às indústrias, cujo panorama apresenta uma significação incrível e possui uma ligação histórica direta com a Covilhã, que foi e é em grande escala terra das indústrias. No total, trabalhamos com quatro turmas, assim, o estágio de português decorreu nos 9ºA e no 10ºC anos, enquanto o de espanhol decorreu nos 7ºA e 8ºC anos.

2. Caraterização das turmas

2.1. As turmas de português

As turmas de português são maioritariamente compostas por meninas, isso é, no 9ºano há vinte e duas meninas e cinco rapazes, enquanto o 10ºano é totalmente composto por meninas.

De modo geral, todos os alunos têm nacionalidade portuguesa, pelo que a língua materna é o português, facilitando o processo de exposição e compreensão da matéria. No 9º ano, inicialmente havia uma aluna brasileira, mas que por motivos pessoais teve de retornar com a família ao Brasil, assim, no final do ano letivo as turmas eram compostas somente por alunos nacionais.

[14] Cf. Portal da Escola secundária Campos Melo disponível em https://www.camposmelo.pt

A média da idade dos alunos do 9º ano é de catorze anos, coexistindo nesta mesma turma um aluno de dezasseis e outro de treze. A média de idade do 10º ano é de catorze. Ademais, verifica-se ainda um aluno de cada turma com necessidades educativas específicas, pelo que têm um acompanhamento adaptado às suas necessidades. São alunos abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho, que visa proporcionar um ensino inclusivo gerando integração tendo em conta as necessidades de cada um. No presente contexto escolar em que estive inserido, estes dois alunos possuíam necessidades especiais diferentes, sendo o aluno do 9º ano acompanhado em aulas e com testes elaborados de maneira diferenciada em relação a outros. Normalmente, o teste facultava mais questões de respostas rápidas e a composição tinha menos palavras em relação ao teste dos colegas. Já a aluna do 10º ano, recebia atenção da professora especializada nesta área, porém, a sua necessidade era menor em relação ao aluno do 9ºano. A questão das necessidades especiais é uma chamada de atenção ao docente estagiário, no respeito e na inclusão de todos ao elaborar a planificação da aula.

Ainda que os alunos não apresentem retenções em anos anteriores, é de notar que os mesmos portam maior dificuldade em matemática. Na turma do 9º ano, quatro alunos tiveram uma negativa e um aluno teve duas, sendo que quatro destas foram em matemática e apenas uma em inglês; alguns alunos apontam que o que mais contribui para o insucesso escolar é a falta de estudo ou o estudo na véspera dos testes; o mesmo acontece com as alunas do 10ºC, apontando a matemática como sendo a disciplina que menos gostam, nesta turma observam-se quatro destas com negativas em matemática e uma em inglês, esta segunda turma ainda realça que o maior problema do insucesso escolar é o desinteresse pela disciplina de matemática.

A falta de acesso a um computador com internet ainda é algo que dificulta os trabalhos em casa, dado que apenas cinco alunas do 10ºC têm computador com internet. Porém, a escola tem reunido esforços para colmatar estas deficiências, através de recursos emprestados por esta a seus alunos, tendo a ajuda de diversos órgãos institucionais.

A maioria dos progenitores dos alunos possui o ensino secundário, posto que alguns pais possuem o ensino superior (licenciatura); neste âmbito, vale realçar as projeções dos alunos, visto que alguns do 9º ano e dezoito alunas das vinte da turma do 10º ano, pretendem continuar a estudar até ao ensino superior e a atenção dos pais em relação ao aproveitamento dos filhos é maior, obtendo ajuda no estudo. Deste modo, na turma do 10ºC dezanove alunas abordam o tema da escolaridade/estudo com os pais, sendo que apenas uma não o faz. Maior parte dos progenitores dos alunos pertence a classe baixa. Em termos gerais, podemos dizer que o aproveitamento geral dos mesmos é bom, sendo que poucos atingem a excelência e em número bastante inferior àqueles que atingem o insucesso escolar.

2.2. As turmas de espanhol

O 7º ano é composto por dezasseis alunos, enquanto que o 8º é composto por treze alunos. Na primeira turma há um equilíbrio numérico entre rapazes e meninas nas aulas de espanhol, já no 8ºano temos apenas duas meninas em espanhol e onze rapazes. Em termos de aproveitamento a média geral é boa, e os alunos mostram-se interessados nas aulas através da participação e colaboração com as diversas atividades didático-pedagógicas preparadas pelos professores. Através do incentivo da professora, os alunos mostram-se ativos nas realizações de trabalhos académicos, o que contribui imenso para o sucesso escolar, aliás, nesta fase de ambos a participação ativa dos pais no processo de ensino-aprendizagem é essencial para o bom aproveitamento escolar destes.

Por ser o primeiro ano em contacto com o espanhol, muitos alunos do 7ºano têm apresentado algumas dificuldades, alguns do 8º também, porém é visível o trabalho que a professora da turma tem desenvolvido, através da atuação incansável e presente na vida escolar dos alunos, sem deixar de fora nenhum. Posso dizer que tem sido bom, os alunos têm reunido esforços e tentativas de se comunicar em espanhol dentro de contexto de aulas.

3. Análise crítica dos materiais de trabalho

3.1. Os programas (português e espanhol)

Relativamente ao português, os programas contemplam os clássicos da literatura portuguesa, assim, logo no 9º ano, tal como referimos anteriormente, os alunos estudam Camões, algumas instâncias *d'Os Lusíadas*, assim como Gil Vicente, *O auto da Barca do Inferno* ou *O Auto da Feira*, sendo optativo pelo docente. O objetivo é que os alunos conheçam desde já uma peça do género religioso do considerado ícone do teatro português. Além do teatro, os alunos aprendem a narrativa, através da seleção de textos de diversos autores, que podem ser Pero Vaz de Caminha "Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil", Eça de Queirós "A aia" ou "O suave milagre" ou "Civilização" in Contos, Camilo Castelo Branco "Maria Moisés" in Novelas do Minho, Vergílio Ferreira "A galinha" ou "A palavra mágica" in Contos, Maria Judite de Carvalho "História sem palavras", "Os bárbaros", "Castanhas assadas", "As marchas" in Este Tempo, António Lobo Antunes "Elogio do subúrbio", "A consequência dos semáforos" in Livro de Crónicas; "Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes", "Um silêncio refulgente" in Segundo Livro de Crónica, ou ainda de outros escritores da literatura portuguesa variante do Brasil como é o caso de Machado de Assis "História comum" ou "O alienista"; de Clarice Lispector "Felicidade clandestina" ou ainda escritores estrangeiros não lusos falantes como Oscar Wilde "O Fantasma de Canterville", Gabriel García Márquez "A sesta de 3.ª feira" ou "Um dia destes" in Contos Completos, John Steinbeck *A Pérola* ou ainda a literatura juvenil como é o caso de obras como *a Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (adapt. Aquilino

Ribeiro), sé Gomes Ferreira, *Aventuras de João sem Medo*, José Mauro de Vasconcelos, *Meu Pé de Laranja Lima*. No final, na poesia, os alunos trabalham 12 poemas de 8 autores diferentes, os autores e poemas contemplados pelo mesmo são:

Camilo Pessanha "Floriram por engano as rosas bravas", "Quando voltei encontrei meus passos" in *Clepsidra*.

Fernando Pessoa "Ó sino da minha aldeia", "O menino da sua mãe", "Se estou só, quero não estar" in *Obra Poética*; "O Mostrengo", "Mar português" in *Mensagem*.

Mário de Sá-Carneiro "Quasi" in *Dispersão*; "Recreio" in *Indícios de Oiro*.

Irene Lisboa "Monotonia", "Escrever" in *Um Dia e outro Dia… Outono Havias de Vir Latente, Triste*.

Almada Negreiros "Luís, o poeta, salva a nado o poema" in *Obras Completas – Poesia*.

José Gomes Ferreira "V (Nunca encontrei um pássaro morto na floresta)" in *Poeta Militante I*; "XXV (Aquela nuvem parece um cavalo…)" in *Poeta Militante II*; "III (O tempo parou)", "XIX (Errei as contas no quadro)" in *Poeta Militante III*.

Jorge de Sena "Uma pequenina luz", "Camões dirige-se aos seus contemporâneos", "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya" in *Poesia II*.

Sophia de M. B. Andresen "As pessoas sensíveis", "Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal", "Porque", "Camões e a tença" in *Obra Poética*.

Carlos de Oliveira "Vilancete castelhano de Gil Vicente", "Quando a harmonia chega" in *Terra da Harmonia*.

Ruy Belo "Os estivadores"; "E tudo era possível"; "Algumas proposições com pássaros e árvores…" in *Obra Poética*.

Herberto Helder "Não sei como dizer-te que minha voz te procura" in *A Colher na Boca Gastão Cruz* "Ode soneto à coragem" in *A Doença*; "A cotovia é", "Tinha deixado a torpe arte dos versos" in *Teoria da Fala*.

Nuno Júdice "Escola", "Fragmentos" in *Meditação sobre Ruínas*; "O conceito de metáfora com citações de Camões e Florbela", "Contas" in *Rimas e Contos*.

Federico García Lorca "Romance sonâmbulo" (trad. José Bento) in *Obra Poética*.

Carlos Drummond de Andrade "Receita de Ano Novo" in *Discurso da Primavera e Algumas Sombras*.

Estes são, portanto, os autores selecionados pelos programas escolares do 9ºano, algo realmente enriquecedor, pelo facto de aumentar a capacidade de domínio e conhecimento de

autores e literaturas além do território português, prova disso foi a aula que lecionei, relativamente à Clarice Lispector e ao conto "Felicidade Clandestina", pois indaguei os alunos acerca da compreensão de "literatura escrita em língua portuguesa", onde pude constatar pelas suas respostas o reducionismo da literatura de língua portuguesa como sendo aquela produzida em Portugal. Após entraram em contacto com Clarice, ícone da literatura brasileira, puderam ver a complexidade da literatura em língua portuguesa, assim, os programas dão a conhecer autores mais importantes do universo literário e, por este motivo, são vantajosos, visto que redirecionam o aluno à compreensão do mundo afora, não limita, mas amplia ao apresentar textos de Gabriel Garcia Márquez, Federico Lorca, Drummond de Andrade, Machado de Assis e tantos outros. O programa frisa autores importantes onde favorece ao professor mais tempo para a lecionação, ao apresentar Gil Vicente e Camões, o aluno sai do 9ºano conhecendo já dois ícones gigantes da literatura de seu país.

Na gramática as funções sintáticas são revistas; com o estudo de Gil Vicente surge o estudo de alguns processos fonológicos que são continuados no 10º ano.

Dentro da lexicologia estuda-se os neologismos e arcaísmos, existe também um projeto de leitura onde os alunos escolhem uma obra que lê-la-ão ao decorrer do ano, o mesmo contribui para o desenvolvimento da paixão pela leitura.

Os programas são eficientes, justamente porque estão estruturados de maneira diacrónica e permitem uma organização mental por parte dos alunos dos conhecimentos apreendidos. Assim, no 10º ano, os alunos na educação literária aprendem inicialmente a poesia trovadoresca, onde analisam quatro cantigas de amor, duas de amigo, uma de escárnio e outra de maldizer. Em sequência, observa-se o estudo da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, mais concretamente alguns excertos de dois capítulos (11, 115 ou 148 da 1.ª Parte). De seguida, estudam uma obra profana de Gil Vicente, *A Farsa de Inês Pereira* ou *O Auto da Feira* de forma integral. A seguir surge o estudo camoniano, inicialmente da poesia, algumas redondilhas e sonetos, tal como fizemos menção no primeiro capítulo deste trabalho. Em sequência o programa apresenta o estudo *d'Os Lusíadas* com foco nas reflexões do poeta e na constituição da matéria. Por fim, o programa apresenta o Estudo da *História Trágico Marítima*, alguns excertos de "As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho (1565)".

Já na gramática, o foco é sobretudo no estudo do português, principais etapas e períodos, processos fonológicos de completude aos aprendidos no 9ºano: a sintaxe, funções sintáticas, a coordenação e subordinação; na lexicologia retomam os arcaísmos, neologismos, aprendem o campo lexical e o campo semântico, processos irregulares de formação de palavras: extensão semântica, empréstimo, amálgama, sigla, acrónimo e truncação. Em suma, os programas percebem as aprendizagens como sequencia e, por este motivo, retomam aprendizagens de um

ano para outro. Ainda assim, parte do princípio pedagógico que consiste em partir do fácil para o difícil e, são bastante acessíveis a serem lecionados e cumpridos durante um ano letivo pese embora, o programa do 11º ano seja mais complexo pela diversidade de autores que contempla, já os do 9º e 10º anos são completos, integradores e proporcionam consolidação de maneira repetitiva aquelas matérias tidas como "bichos de sete cabeças" pelos alunos, como é o caso das funções sintáticas, portanto, estes programas unificam as matérias e a sua opção pelo método diacrónico de ensino o torna mais eficaz e eficiente, e portanto, guia a bom porto os alunos às aprendizagens.

Os programas de espanhol, por sua vez, estão bem delineados, apresentando uma sequência e ordem de conhecimentos a serem adquiridos em cada ano escolar, tendo uma interdependência entre ambos. A título de exemplo, no 7º ano, primeiro ano de contacto dos alunos com a língua, estes na unidade zero são levados a conhecer através dos conteúdos a Espanha e o espanhol, depois segue-se conteúdos de apresentação, descrição física, escola, rotinas diárias, família, atividades de ócio, refeições, corpo humano, saúde, compras, lojas, cidades, paisagens…O 8º ano segue esta linha, e, portanto, os programas partem do simples para o complexo e do fácil para o difícil. Considero que eles estão bem elaborados e permitem uma melhor aprendizagem desta língua estrangeira. Em termos de gramática, o princípio também é o mesmo, partindo assim, de matérias mais fácil para as mais difíceis, e, tal como em português, os temas gramaticais vão sendo recapitulados ao longo do percurso académico.

3.2. Os manuais (de português e de espanhol)

Cada tópico dos subtemas presentes nos livros de espanhol! *Ahora Español! 7, 8…*,são divididos em conteúdo lexicais\culturais; seguidos de conteúdos gramaticais, estes estão relacionados com o tópico anterior e, nos textos de leitura pretende-se treinar tanto a oralidade como a compreensão. Na compreensão, vemos a junção dos dois pontos anteriores, aplicando o conhecimento e o conteúdo lexical\gramatical no seu contexto, facilitando a compreensão idiomática\cultural e, por último vemos a consolidação de todo o subtema através de questões dinâmicas que podem ser escritas ou atividades que estimulam o espírito de equipa, neste caso, orais e em grupo, por exemplo, os alunos criam diálogos e estes são apresentados à turma, tornando a aula mais envolvente, cativando assim, a atenção e interação dos alunos.

Os livros de espanhol são bem estruturados, pois iniciam com um conteúdo que contextualiza a nação e bases espanholas, tal como o exige o programa, pois é necessário primeiro explicar as raízes do espanhol, falar das suas variantes e só após isto, centrar-se no castelhano, a língua oficial de Espanha. Após isto, continua com um conteúdo lexical básico, algo comum para os que estão a iniciar uma língua estrangeira, aqui vemos as saudações. A partir deste subtema a

crítica sobrepõe-se, pois leciona-se a descrição física separada do verbo gostar, algo inseparável para esta questão e este é um verbo que deveria estar patente desde o início, para que os alunos pudessem expressar-se e construir a sua primeira frase simples, pois a construção de uma frase, ajudaria os alunos a ganharem motivação para aprender mais; ao observar a estrutura sintática da frase, podem aplicar o variado tipo de léxico, não ficando apenas com um vocabulário "solto". Para esta questão, propomos que este verbo seja lecionado a par da descrição física, pois note-se que o verbo em questão, que seria necessário abordá-lo em primeiro plano, apenas aparece no sexto subtema, aquando se fala em expressar ações.

O livro de espanhol do 8º ano, acompanha o processo feito no ano passado, aumentando a dificuldade, pois inicia com os falsos amigos, visto que a partir deste ano, os alunos já conseguem construir frases nesta língua estrangeira, pelo que é necessário compará-la com a língua materna e resolver os problemas que os alunos fazem ao traduzir a língua de partida, para a de chegada. Após isto, vemos uma sequência lógica, pois quando os alunos tentam traduzir certas expressões da língua materna, estas podem não existir na língua de chegada, pelo que, no segundo subtema, lecionam-se as expressões coloquiais. O livro do 7º ano aposta no conteúdo lexical, já o livro do 8º no conteúdo cultural, inserindo os verbos no modo conjuntivo e não só no indicativo, como era próprio do livro do 7º ano.

Já nos livros de português, o manual de português *Conto Contigo* do 9º ano faz um recorrido por vários escritores. A nível da língua, aos alunos, contemplam escritores modernistas como Fernando Pessoa, outros contemporâneos como Sophia Andresen. Os manuais tanto do 9º, como do 10ºanos têm uma sequência lógica, estão estruturados de forma diacrónica, deste modo, torna-se fácil para os alunos situar o texto em um determinado tempo histórico, uma questão bastante importante. É necessário que os alunos tenham noção do período histórico para compreender o texto, nisto vemos a importância de seguir uma ordem cronológica. Através desta ordem os alunos conseguem ver a idade média, em seguida o renascimento com Gil Vicente e Camões, seguindo-se os próximos movimentos literários de forma sequencial.

Os manuais ainda contam com caderno de atividades e cd que permitem com que as aulas sejam lecionadas de forma mais didática, assim como com a plataforma "Escola Virtual" e com diversos conteúdos bastante lúdicos, que estimulam o interesse, proporcionando uma melhor aprendizagem.

Deste modo, portanto, os manuais, dos 9º e 10º anos, em termos de estruturas de conteúdos possuem uma interdependência, o do 9º ano estabelece uma sequência com o do 10ºano e ambos concretizam as metas curriculares, tendo em conta os níveis de ensino a que estão associados. Desde o meu ponto de vista, os manuais utilizados neste ano letivo são bastante

enriquecedores e os recursos que os acompanham contribuem imenso para o sucesso educativo e, as problemáticas apresentadas podem ser selecionadas dada a flexibilidade curricular.

4. Atividade letiva

4.1. Português

No âmbito do português houve um grande enriquecimento não só na experiência de lecionação da minha parte, assim como nas aulas assistidas. Estas aperfeiçoaram-me bastante quer no conhecimento da literatura portuguesa, dos principais autores apresentados pelo programa do ensino secundário como também uma revisão geral dos conhecimentos atinentes a funcionalidade da língua. De modo geral, o português foi proveitoso dada a capacidade de domínio da língua e da facilidade na lecionação por parte da professora orientadora da Escola alvo do estágio.

As aulas lecionadas foram um grande desafio para mim, entretanto, é importante destacar o papel orientador da minha tutora que me indicou ferramentas para além do manual, como a apresentação da Escola Virtual, materiais de auxílio ao estudo do texto como o *manual Arrumar ideias* "Gil Vicente e a Farsa de Inês Pereira" do 10º ano da areal editores. *A*ssim, em termos de temáticas, a minha primeira aula foi exatamente no 9º ano, sobre a "Unidade Didática: Havia que forçar-se o dicionário (Estudo narratológico), ocorreu nos dia 17, 18 e 20 de novembro de 2020 onde o tema incidiu-se na análise narratológica do conto "Felicidade Clandestina" de Clarice Lispector, que realmente cooperou para a perceção por parte dos alunos da complexidade da literatura escrita em língua portuguesa e dos autores em si, sendo Clarice uma autora que embora não tenha nascido em território brasileiro, escreve e se afirma como brasileira pelo facto de ter crescido nestas grandes terras. Assim, nas aulas lecionadas foram elaborados alguns objetivos como:

- Compreender a amplitude da literatura portuguesa.

-Inteirar-se de aspetos relacionados à vida de Clarice Lispector.

-Perceber o fenómeno de variação linguística através da compreensão das diferenças existentes entre o português europeu e o do Brasil.

-Identificar categorias da narrativa.

-Reconhecer recursos expressivos sempre em contexto.

-Compreender a importância do livro como ferramenta importante no texto.

-Emitir juízos de valor em torno ao texto.

De forma geral os alunos tiveram uma grande perceção da literatura portuguesa e consolidaram o conhecimento que têm acerca da variante brasileira através de uma abordagem conjunta onde eles mostraram-se ativos, participativos e animados; a planificação **(Anexo I)** espelha exatamente o que decorreu em aula, tendo sido facilitadora da aprendizagem dos alunos.

Note-se que a atividade letiva é mais importante do que a articulação do plano de aulas, assim sendo, durante a minha ação educativa pude desfrutá-la exatamente porque ocorreu como o planificado, isso é, foi possível articular a planificação com a realidade da sala de aulas e por este motivo ocorreu o sucesso educativo.

Em suma, as aulas incidiram-se sobretudo no estudo do texto narrativo através da análise do conto "Felicidade Clandestina" que antecedeu o estudo do Conto "A Aia" de Eça de Queirós, sendo Clarice escritora brasileira foi importante realçar as diferenças entre o PE e o PB, questões que enriquecem a própria língua; ademais as aulas tanto do 9º como do 10º anos tiveram uma componente gramatical, no caso da do 9º ano foi a relação entre palavras, na qual foi possível estudar a temática através do texto. Foi um momento de enriquecimento, pois não são só as Dacs que visam guiar os alunos ao mesmo barco apesar de serem disciplinas diferentes, dentro das aulas de leitura e interpretação e de gramática foi possível os alunos aprenderem aspetos gramaticais dentro do texto de Clarice Lispector tendo isto contribuído para a perceção de que os diversos assuntos e categorias de língua portuguesa cooperam entre si, e fazem parte do mesmo navio remando para o mesmo porto.

Outra magnífica experiência foram as aulas ministradas no 10º ano, onde o alvo do estudo foi o texto dramático, onde descortinamos a *Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente. As aulas foram dadas nos dias 11, 14 e 18 de janeiro de 2020. Sendo um texto complexo e extenso, apenas lecionei os seguintes excertos: "Não te apresses tu, Inês", "Ou seja, sapo ou sapinho, ou marido maridinho", "Eu me não casarei senão com homem discreto" e "Pode ser maior riqueza que um homem avisado?" e o tema gramatical foi o predicativo do sujeito estudado dentro do texto.

As alunas de forma geral relembraram alguns aspetos da vida de Gil Vicente que estudaram no 9º ano, como a caraterização das mentalidades renascentista e medieval, dados biobibliográficos de Gil Vicente, onde, perceberam com maior amplitude a diferença entre uma obra profana de uma religiosa, sendo que no ano anterior estudaram uma obra religiosa que é o *Auto da Barca do Inferno*, assim, com o estudo da *Farsa de Inês Pereira* puderam ter esta amplitude da complexidade da arte vicentina.

Em geral, as aulas desde o meu ponto de vista foram bastante boas e fizeram-me perceber que a ação educativa é apenas parte do processo educativo e da vida do próprio professor, a

docência vai muito além de transmitir verbalmente conhecimentos, consiste em perceber a turma como singularidade e reunir esforços e mecanismos para colmatar o défice de cada aluno. A escola é como um hospital, onde alguns alunos por possuírem bases muitas das vezes mutiladas, que gritam através de más notas ou mesmo de distrações ou ainda por detestarem a escola, por socorro e cabe a nós docentes fazer os possíveis para corrigir erros da base para que os alunos tenham gosto pelas disciplinas e pela escola. Este primeiro ano de estágio foi bastante proveitoso, aprendi imenso com as minhas orientadoras, que de forma incansável mostraram-nos o caminho da docência, também aprendi imenso com os alunos, suas singularidades e diferenças. A pedagogia não se faz no papel, faz-se atuando. O pensamento pedagógico só é vivo quando se materializa.

4.2. Espanhol

No âmbito das aulas de espanhol, as mesmas foram ministradas nos 7º A e 8ºC anos. Por um lado, as aulas de português exigiram-me mais adaptação ao contexto, sendo que no meu país de origem já lecionei aulas de estágio de português, aquando da minha passagem na Escola de Formação de Professores, porém, por outro lado as de espanhol foram um grande desafio sendo que o meu contacto com esta língua românica se deu exatamente quando cheguei à estudar a licenciatura em Portugal. Foi uma boa e vantajosa experiência. As minhas primeiras aulas foram dadas no 7º ano, nos dias 27 e 29 de outubro, e nos dias 3 e 5 de novembro de 2020, já as outras foram lecionadas no 8º ano tal como supracitado, nos dias 19,21,26 e 28 de abril de 2021.

As aulas dadas ao 7º ano tiveram como unidade de estudo "En el instituto", onde os alunos aprenderam de forma sequencial os elementos pertencentes à escola como: los materiales escolares, los colores, lugares del instituto, palabras acortadas, las asignaturas, el horario escolar, las calificaciones en españa y su diferencia con las portuguesas. Tudo isso através de diversos recursos como jogos didáticos, cancões onde os alunos preencheram espaços vazios com a letra da mesma, vídeos sobre rotinas escolares, áudios e tantos outros. O objetivo geral foi o de proporcionar a aprendizagem aos alunos e, por isso, a recorrência aos melhores recursos e meios de ensino tendo em conta o nível dos alunos foi fundamental e constante, aliás, não basta saber, é necessário saber ensinar o que se sabe, sem a seleção do melhor caminho para o ensino o nosso conhecimento torna-se vão.

Em termos de ordenação de temáticas da unidade, na primeira aula trabalhei com os alunos o léxico dos materiais escolares e das cores, onde usei como introdução a audição e exploração da canção "En mi mochila roja", de Jim Nailon[15], uma canção importante justamente por

[15] disponível en: https://www.youtube.com/watch?v=HfcrHBfqOgo

conter questões lexicais relacionadas aos materiais escolares e as cores; a forma repetitiva facilita a compreensão e perceção das nomenclaturas através da fonética. Nesta mesma aula também trabalhamos a questão da formação do plural dos nomes e adjetivos. Em todas aulas foi importante estabelecer comparação e diferenciação entre Portugal e Espanha nas diversas matérias que assim exigiam, no caso desta, temos a título de exemplo a questão do Instituto espanhol que em Portugal equivale a secundária em Portugal, e o instituto em Portugal tende a ser privado e interno. Já no segundo dia de aulas, as temáticas foram justamente à questão das disciplinas "asignaturas" e "las palabras acortadas", na penúltima aula trabalhamos os lugares del instituto e as rotinas escolares, também conjugamos os verbos regulares (estudiar, aprender e viver) no presente do indicativo, enquanto que na última aula o foco deu-se na revisão geral dos conteúdos anteriores, assim como na realização do horário escolar, na aprendizagem das qualificações em Espanha e no contraste com as de Portugal, a título ilustrativo de uma das aulas, apresentamos em anexo uma planificação.

Já as aulas ministradas no 8º ano, foram relativas à unidade "Buen Viaje", na qual as aprendizagens foram conteúdos lexicais relativos aos meios de transportes e usos de preposições em espanhol com estes; pedir e dar informações em trens e metros; conjugações de verbos no pretérito indefinido; elementos relacionados ao aeroporto; diferenças existentes entre as palavras terminadas em agem-aje, entre o português e o espanhol, através de algumas palavras de contexto de viagem com estas terminações. Também através da análise do texto da quarta aula chamado "Aventuras en un aeropuerto español" da página 60 do manual escolar; os alunos aprenderam algumas expressões idiomáticas em espanhol, como alguns aeroportos mais conhecidos em Portugal e Espanha e, por fim, os alunos viram as orações adverbiais em espanhol. Assim, dentro do contexto escolar e do ensino do espanhol, esta unidade visava sobretudo dar a conhecer questões relativas aos trens, metros e aeroporto visto que os meios de transportes comuns foram apenas uma revisão, houve assim um feedback positivo entre os alunos e o professor, através da participação ativa destes, que realmente estavam a captar o conhecimento; aliás, nas aulas é necessário aplicar o princípio pedagógico segundo o qual o aluno não é uma tábua rasa, e o professor não é o detentor do saber, apenas um agente que tem por fim ajudar o aluno a exteriorizar o conhecimento que trás dentro de si e ampliá-lo.

As aulas de espanhol foram boas, aliás, foi possível transmitir aos alunos o que se pretendia. A funcionalidade da componente pessoal do processo de ensino e aprendizagem "professor e aluno" cooperou para o sucesso da mesma, aliás, os alunos mostraram-se interessados em aprender e também se dedicaram na realização de atividades solicitadas pelo docente em aula. De maneira geral, foi possível aperfeiçoar-se cada vez mais e mais, e houve um progresso na lecionação de cada aula tendo sempre por base o princípio de melhorar cada vez mais. O estágio

foi rico e proveitoso, vale realçar que as aulas assistidas e a excelente orientação da professora da escola em muito contribuíram para o meu crescimento como pedagogo.

5. Atividades extracurriculares: Atividades realizadas

Dentro das atividades extracurriculares, algumas se realizaram com limitações tendo em conta a pandemia vivida; assim, muitas atividades costumeiras dentro do contexto escolar deixaram de realizar-se. As atividades organizadas no âmbito do português e do espanhol têm por vista a não isenção das datas comemorativas dentro das unidades curriculares ou até mesmo pelo facto de serem importantes pelos requisitos estampados no perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória.

As atividades surgem para o bem-estar do aluno, para a dinamização do processo de ensino, para a compreensão que o alcance dos objetivos preconizados pelo ministério da educação. Não se restringem apenas ao cumprimento dos programas escolares, mas na realização de coisas que apontam para os mesmos objetivos. As atividades extracurriculares no fundo também contribuem para o currículo pretendido que o aluno alcance, estas relacionadas com o ensino, embora com uma estratégia diferenciada.

As planificações se incidiram tendo por centro destas os alunos, e não os professores, foi tudo planeado tendo por vista o bem-estar dos discentes.

Estas atividades dinamizam o ensino. A professora Ariana Cosme diria que compõem o currículo, necessárias e convenientes ao ensino, não sendo uma perda de tempo, senão ganhos. Aliás, o professor tem de tirar de si o peso de perder conteúdos ao investir nestas atividades, pois elas estão alinhadas ao perfil do aluno à saída da Escolaridade Obrigatória, isso é o que mais importa. Precisamos olhar o ensino com zoom amplo e não olhar em programas e no cumprimento destes somente com a concretização da atividade letiva, mas também através das chamadas atividades extracurriculares que, tal como mencionei acima, se formos mais a fundo perceberemos que, na verdade, elas fazem parte do currículo; muitas delas estão associadas ao domínio de articulação curricular e, portanto, nunca se perde nada. Aliás, muitos alunos aprendem mais nestas atividades do que propriamente em atividades letivas, portanto elas são importantíssimas para a escola e para a concretização dos objetivos preconizados pelos programas escolares. Em suma, os resultados das atividades foram positivos, tendo maior parte dos alunos participado com entusiasmo, o importante é que realmente gostaram e houve assim um cumprimento dos objetivos preconizados.

5.1. Dia Europeu das Línguas

O dia Europeu das línguas é bastante importante pelo facto de unir na diversidade linguística cidadãos de vários sítios da europa. Assim, normalmente se tem celebrado esta data aos 26 de

setembro, porém, pelo facto de calhar num domingo, celebrámo-lo no dia seguinte. Consistia justamente na declaração de uma frase de ânimo e encorajamento em diversas línguas europeias por alunos de diversos países da europa, tendo em conta a situação pandémica vivida pelo mundo. Através da situação atual, a atividade realizou-se em vídeo, na sala do futuro, onde um por um iam no espaço de filmagem, e na edição fez-se a junção dos vídeos. A mensagem apelava à proteção e aos cuidados a ter, tendo em vista as orientações do Ministério da Saúde. Esta atividade foi realizada no âmbito do espanhol.

5.2. Viver o Natal na Campos Melo

Viver o Natal na Campos Melo é uma atividade que tem se realizado todos os anos, este ano a mesma ocorreu tendo em conta as restrições impostas pela pandemia. Assim, as tecnologias foram importantes para a celebração da mesma. A atividade foi marcada pela recitação de poemas em diversas línguas por parte dos alunos, coreografias e desenhos atinentes ao Natal. Por fim, terminamos com uma canção em espanhol, desejando una "feliz navidad, próspero año y felicidad" tal como transmite a imagem abaixo.

Figura 3 - Celebração do Natal na Escola Secundária Campos Melo.
Imagem disponível na página oficial do Facebook da escola secundaria Campos Melo

5.3. Mês dos afetos

Sendo fevereiro conhecido como mês dos afetos, no presente ano letivo, a Escola, através da Biblioteca escolar com a cooperação dos docentes de espanhol, realizou uma atividade por zoom com vista a celebrar os afetos através de diversas declamações de poesias tanto em língua portuguesa como em castelhano. Assim, participei nesta atividade com a declamação do soneto LVII de Pablo Neruda intitulado "Mienten los que dijeron que yo perdí la luna". O objetivo foi realçar a componente afetiva, isto é, o ensino não visa apenas preparar o cidadão a nível cognitivo e psicomotor, a área dos afetos é importante para a formação de um bom profissional.

Figura 4 - Figura 3 - Mês dos afetos.
Imagem retirada de um vídeo publicado na página oficial do Facebook da Escola Campos Melo

5.4. Dia Mundial do livro

O Dia Mundial do Livro foi uma atividade extracurricular realizada no âmbito do espanhol em parceria com a Biblioteca escolar para então relembrar a data de São Jordi, o padroeiro catalão. A data foi a 23 de abril em que morre Cervantes e Shakespeare e ainda pelo facto de nascer no dia anterior Vladimir Nabokov. A celebração consistiu numa reflexão em torno da importância dos livros e ocorreu em imitação quase à espanhola. Onde cada um dos participantes lia um texto, independentemente de qual fosse o gênero, em dedicatória a alguém e o alvo da dedicação teria de oferecer uma flor.

5.5. Mentes empreendedoras

As mentes empreendedoras são atividades que se realizavam pelo menos uma vez durante o ano letivo no âmbito do português. Ela visava trazer reflexões em torno de problemáticas sociais e ouvir opiniões das alunas. Assim, através desta, a turma era dividida em grupos e cada grupo até ao final do ano desenvolveria ideias e projetos para, segundo as alunas, introdução de mecanismos que iriam gerar soluções de temáticas escolhidas por elas. As principais temáticas eleitas foram a questão da Saúde mental, onde as alunas pensaram em soluções de como desenvolver mais saúde mental e diminuir enfermidades psíquicas, outras temáticas foram a questão da igualdade, da homofobia e racismo. As atividades eram importantes pois era necessário por vezes fugir um pouco do ambiente de aulas e fazer com que as alunas a refletirem em grupo questões do dia a dia e ouvir delas soluções para o melhoramento do mundo em que vivemos. Mentes empreendedoras é um projeto presente em várias escolas portuguesas.

Estas atividades não ocorreram nos mesmos moldes em que têm acontecido em anos anteriores, através da pandemia, mas mesmo assim houve esforço e adaptação dos meios e recursos disponíveis para a realização das mesmas, outra atividade aqui importante de

destacar é o “Dia da Igualdade” que reuniu várias escolas da região via zoom onde alunos desenvolveram projetos e entrevistas que eliminavam o tabu da associação de certas profissões a um gênero específico, dando o outro como impossível de realizá-las.

CONCLUSÃO

As partes que compõem o presente relatório lançam desafios para todo aquele que almeja trilhar a carreira docente, até para os que já exercem a profissão. Ser professor é permitir-se ser moldado e aperfeiçoado na carreira todos os dias. *Os Lusíadas* para além de proporcionarem história, eles elevam-se por relatarem factos, embora misturados com elementos fictícios. O nosso conhecimento do mundo permite-nos ter uma compreensão da maior obra camoniana (Nascimento 1998:29). Assim, somos convidados a olhar para dentro do processo de ensino-aprendizagem como uma pluralidade e cooperação. O ensino da história a partir do português gera harmonia não somente entre os saberes, mas entre docentes e até permite uma maior atenção ao português por parte dos alunos que gostam da história e encaram a língua portuguesa como "um bicho de sete cabeças". O trabalho interdisciplinar desperta ousadia pedagógica, fuga da normalidade no ensino d'*Os Lusíadas*, permitindo olhar não somente para textos, análises estilísticas, mas encará-lo como ferramenta que ajuda a concretizar os objetivos do perfil pretendido alcançar no aluno tendo em conta o domínio de articulação curricular. Outro aspeto que a interdisciplinaridade entre a história e a literatura concede é a possibilidade de podermos, por exemplo, encarar o clássico episódio de "Inês de Castro" não apenas na perspetiva do amor com D. Pedro, tal como Romeu e Julieta, mas vê-lo como um relato que proporciona informações históricas de dois reinados principais, de D. Afonso, o vencedor do Salado, e de D. Pedro, o justiceiro, e, portanto, o docente é desafiado a chamar a atenção dos alunos para estes aspetos. Em suma, é importante termos atenção que a história presente na literatura é um produto literário, que mistura factos com efeitos da linguagem fruto do trabalho do poeta, através da liberdade que este tem de trabalhar factos não literários e torná-los literários. Embora Camões exalte seu povo, sendo por várias vezes hiperbólico, é possível ver a história e manifestar curiosidades ao confrontá-la com narrações não literárias e, portanto, a pedagogia é importante para o sucesso do ensino da interdisciplinaridade. De maneira geral, o trabalho foi proveitoso para mim, pude ver Camões no ensino secundário, no 3ºciclo do ensino básico e até no ensino universitário, e creio que o plano da história de Portugal é importante dentro das escolas portuguesas, pois muitos alunos desconhecem a sua história e identidade. Portanto, é um desafio grande ensinar história a partir de qualquer obra que a possa escolher. A questão da interdisciplinaridade é um fenómeno que vai mais além, e pode processar-se de diferentes maneiras: aqui, temos o português e a história, mas pode ser entre a história e a geografia, por exemplo. Portanto, independentemente do contexto ou país em que nós docentes estivermos, é importante ver a interdisciplinaridade como um meio facilitador dos objetivos preconizados pelo Ministério da Educação tendo em conta o Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória. Assim, é

possível articular dentro da atividade letiva, em Portugal, o plano da historiografia portuguesa através da presença de Camões nos programas, sobretudo do episódio de "Inês de Castro".

O estágio pedagógico serviu-me não somente para aprender, mas para refletir na carreira docente, se é ou não o caminho a seguir, dado o nível de seriedade que esta exige. O professor não é feito por um período determinado, ele faz-se durante a vida e, portanto, a cada dia aprendemos, e trabalhar com alunos é trabalhar com vidas humanas, por isso, temos o dever e a responsabilidade de prepará-los para a vida, e é necessário formá-los tendo em conta a visão interdisciplinar, que permite não só ver ou aprender diversos conteúdos, mas ver o outro como um ser igual com a mesma essência, mas que somos dotados de individualidade, porém a cooperação torna-nos mais fortes e permite-nos alcançar com precisão os objetivos pretendidos.

No geral, apesar de ser um estudante estrangeiro, pude adaptar-me ao sistema de ensino português, não apenas como aluno, mas como professor, pude aprender com cada forma de agir dos alunos e, portanto, o estágio proporcionou-me o desejo de um dia vir a ser professor e contribuir para o ensino. Também despertou a atenção para a possibilidade interdisciplinar dentro do processo e das enormes vantagens que ela proporciona. O trabalho, portanto, responde às necessidades dos docentes que se limitam apenas a um saber, é necessário olhar o ensino, e ver a forte influência da globalização e, deste modo, o conhecimento de outros saberes é bastante importante, e Luís Vaz de Camões unificou a história e a literatura n*'Os Lusíadas* abrindo o caminho para a possibilidade de lecionação interdisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

Cidade, Hernâni, (1985), *Luís de Camões – O Épico*, Lisboa, Editorial Presença.

Cidade, Hernâni, (1986), *Vida e Obra de Luís de Camões*, Lisboa, Editorial Presença.

Macedo, Jorge Borges, (1979), *Os Lusíadas e a História*, Lisboa, Editorial Verbo.

Vasconcellos, Carolina Michaëlis, (1909), *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular-Romances velhos em Portugal*, Madrid-Cultura Española.

Dias, J.S. da Silva, (1981), *Camões no Portugal de Quinhentos*, Amadora, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Ferreira, Diogo & Dias, Paulo (2016) *História de Portugal* (*O que todos precisamos de saber*), Lisboa Verso da Kapa.

Lopes, Fernão, (1897) *Chronica de El-Rei D. João I*, vol. I, Lisboa, Bibliotheca de Classicos Portuguezes.

Lourenço, D. Marcos de S., (2014), *Os Lusíadas de Luís de Camões Comentados por D. Marcos de S. Lourenço*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.

Macedo, Borges de (1979), *Os Lusíadas e a História,* Lisboa, Verbo.

Maeztu, Ramiro De, (1926), *Don Quixote, Don Juan y la Celestina*, Buenos Aires, Espaza-Calpe.

Marques, A. H. de Oliveira, (1995), *Breve História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença.

Martins, Oliveira, (1986), *Camões: Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, Lisboa, Guimarães Editores.

Martins, Oliveira, (1972), *História de Portugal*, Lisboa, Guimarães Editores, 16º edição.

Martins, Oliveira, (1973), *Os Filhos de D. João I*, Lisboa, Oficina de Guimarães Editores.

Nascimento, Zacarias, (1998), *Os Lusíadas de Luís de Camões*, Lisboa, Plátano Editora.

Ramos, Feliciano, (1967), *História da Literatura Portuguesa*, Braga, Livraria Cruz.

Rozeira, Arnaldo de Mariz, (2021), *Luís de Camões: Os Lusíadas, Vocabulário*, Lisboa, Guimarães Editores.

Serrão, Joaquim Veríssimo, (1980), *História de Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo.

Sousa, Bernardo Vasconcelos, Monteiro, Nuno Gonçalo, (2009), *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

Neto, Conceição Monteiro, Guimarães, Laura, Brochado, Olga, Amaral, Rosa Maria & Nunes, Susana, (2013), *Conto Contigo 9*, Porto, Areal Editores.

Silva, Pedro, Cardoso, Elsa & Rente Sofia (2020), *Outras Expressões Português 10ºAno*, Porto, Porto Editora.

Pacheco, Luísa & Barbosa, Maria José, (2012), *Ahora español 1*, Porto, Areal Editores.

Pacheco, Luísa & Barbosa, Maria José, (2012), *Ahora español 2*, Porto, Areal Editores.

https://www.dge.mec.pt/

https://www.camposmelo.pt/

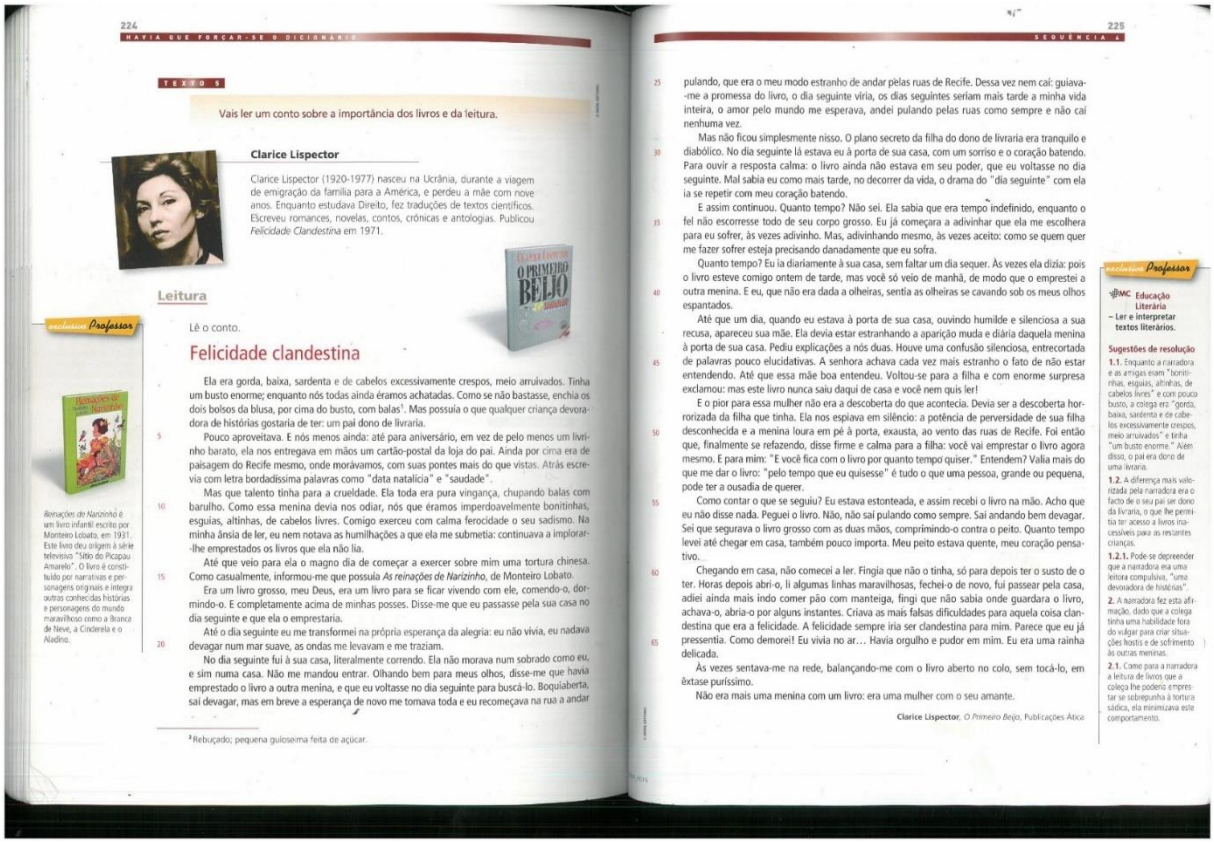
Anexos: Planificações

Plano de aula		
Unidade Didática: 4-Havia que forçar-se o dicionário. (Texto narrativo)	**Ano / Turma:** 9.ºA	**Ano letivo:** 2020/2021
Aulas n.º1 **Tempo:** 90 minutos	**Sumário: Educação literária: Leitura e análise do conto "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector, págs:224-225 do manual. Análise e interpretação do conto**.	

Domínios / Conteúdos	**Objetivos / Descrito**	**Desenvolvimento da aula (Estratégias/ Atividades)**	**Recursos**	**Avaliação** (modalidades e	**Tempo estim**
Educação Literária Texto narrativo **Oralidade** Intencionalidade comunicativa **Gramática**	- Compreender a amplitude da literatura portuguesa. -Inteirar-se de aspetos relacionados à vida de Clarice Lispector. -Perceber o fenómeno de variação linguística através da compreensão das diferenças existentes entre o português europeu e o do Brasil.	- Saudação aos alunos. -Breve recapitulação dos aspetos relacionados com a aula anterior que servirá de ponte para a nova. -Escrita do sumário no quadro. -Questões relativas à perceção dos alunos acerca do conceito de "literatura portuguesa", que servirá de porta de entrada para a breve apresentação da vida de Clarice Lispector. -Apresentação em vídeo, do conto "Felicidade Clandestina". Disponível em: http://letraeluzbydanieleribeiro.blogspot.com/2016/04/analise-conto-felicidade-clandestina.html - De seguida, o professor, através de perguntas aos alunos, explora a perceção destes em relação ao vídeo. Depois faz-se o descortino do título do texto. -Compreensão do texto através da análise em parágrafos, onde se trabalharão recursos expressivos em contexto. O professor utilizará algumas questões da página 260 do manual que ajudarão na compreensão do texto. **Texto Anexo I** -Logo no primeiro parágrafo, com o nome "bala", o professor explicará as diferenças existentes entre o português europeu e o do Brasil, com enfoque nos elementos da variante do Brasil presentes no texto. -Depois da compreensão global do texto, o professor, com a participação dos alunos, procederá à divisão em partes do texto. -Análise narratológica do texto.	Caderno do aluno Manual *Conto Contigo 9*, pp.224-225 Marcadores Quadro Computador Projetor	Leitura expressiva em voz alta Observação direta do desempenho, comportamento e participação dos alunos	1min. 3 min. 3min. . 5min. 9 min. 7 min. 25 min. 10 min. 7 min. 12 min.

	- Identificar categorias da narrativa. - Reconhecer recursos expressivos sempre em contexto. - Compreender a importância do livro como ferramenta importante no texto. -Emitir juízos de valor em torno do texto. Não se aplica.	-Breve debate sobre questões da página 226 atinentes à leitura. **Anexo II**			8 min

Anexos – planificação de português



224

HAVIA QUE FORÇAR-SE O DICIONÁRIO

TEXTO 5

Vais ler um conto sobre a importância dos livros e da leitura.

Clarice Lispector

Clarice Lispector (1920-1977) nasceu na Ucrânia, durante a viagem de emigração da família para a América, e perdeu a mãe com nove anos. Enquanto estudava Direito, fez traduções de textos científicos. Escreveu romances, novelas, contos, crónicas e antologias. Publicou *Felicidade Clandestina* em 1971.

Leitura

exclusivo Professor

Lê o conto.

Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas[1]. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tornava toda e eu recomeçava na rua a andar

[1] Rebuçado; pequena guloseima feita de açúcar.

Reinações de Narizinho é um livro infantil escrito por Monteiro Lobato, em 1931. Este livro deu origem à série televisiva "Sítio do Picapau Amarelo". O livro é constituído por narrativas e personagens originais e integra outras conhecidas histórias e personagens do mundo maravilhoso como a Branca de Neve, a Cinderela e o Aladino.

225

SEQUÊNCIA 4

pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar… Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Clarice Lispector, *O Primeiro Beijo*, Publicações Ática

exclusivo Professor

PNL Educação Literária

– Ler e interpretar textos literários.

Sugestões de resolução

1.1. Enquanto a narradora e as amigas eram "bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres" e com pouco busto, a colega era "gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados" e tinha "um busto enorme." Além disso, o pai era dono de uma livraria.

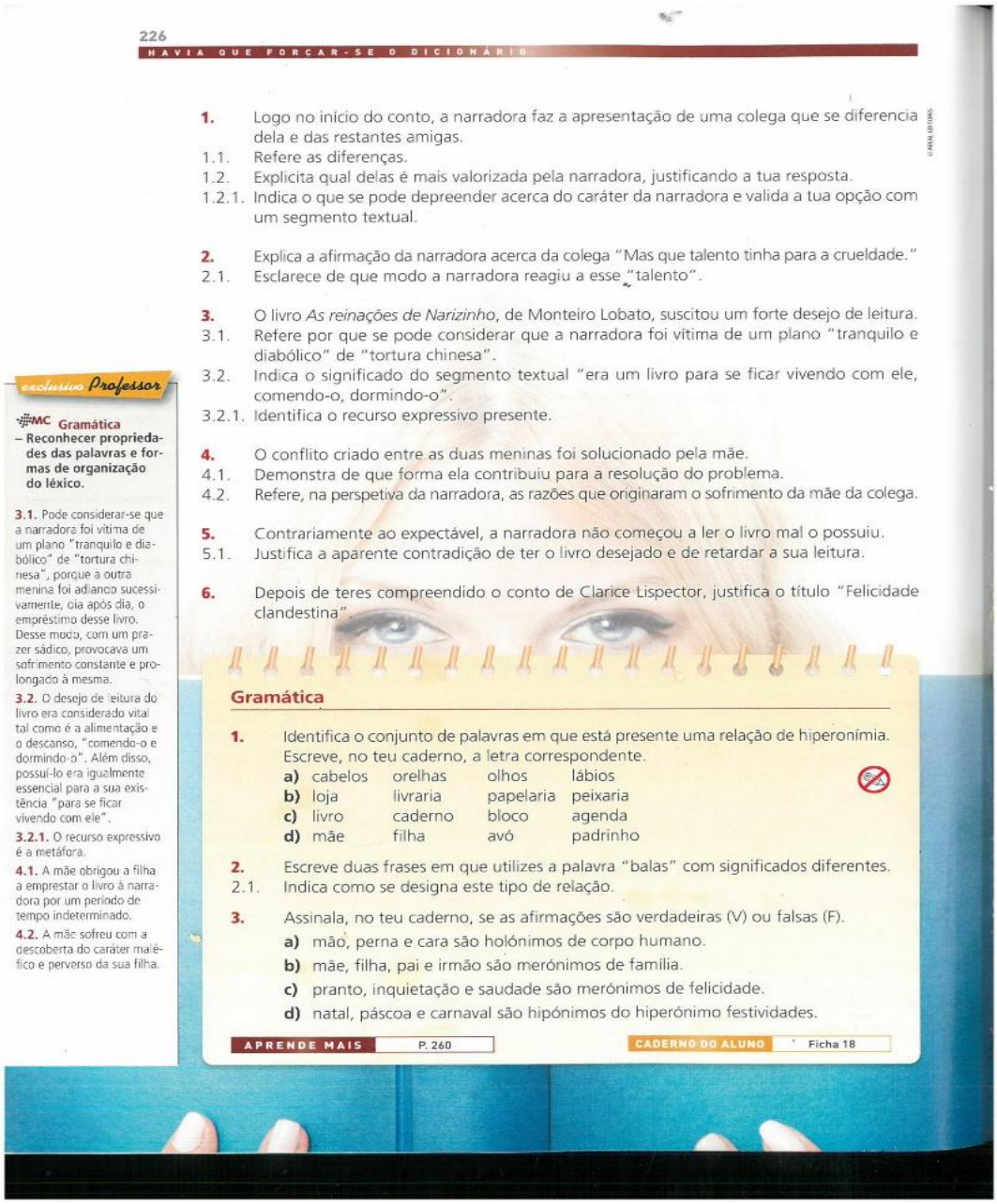
1.2. A diferença mais valorizada pela narradora era o facto de o seu pai ser dono da livraria, o que lhe permitia ter acesso a livros inacessíveis para as restantes crianças.

1.2.1. Pode-se depreender que a narradora era uma leitora compulsiva, "uma devoradora de histórias".

2. A narradora faz esta afirmação, dado que a colega tinha uma habilidade fora do vulgar para criar situações hostis e de sofrimento às outras meninas.

2.1. Como para a narradora a leitura de livros que a colega lhe poderia emprestar se sobrepunha à tortura sádica, ela minimizava este comportamento.

Anexo I– Relativo à aula de Leitura e análise do conto "Felicidade Clandestina".



226

HAVIA QUE FORCAR-SE O DICIONÁRIO

1. Logo no início do conto, a narradora faz a apresentação de uma colega que se diferencia dela e das restantes amigas.
1.1. Refere as diferenças.
1.2. Explicita qual delas é mais valorizada pela narradora, justificando a tua resposta.
1.2.1. Indica o que se pode depreender acerca do caráter da narradora e valida a tua opção com um segmento textual.

2. Explica a afirmação da narradora acerca da colega "Mas que talento tinha para a crueldade."
2.1. Esclarece de que modo a narradora reagiu a esse "talento".

3. O livro *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, suscitou um forte desejo de leitura.
3.1. Refere por que se pode considerar que a narradora foi vítima de um plano "tranquilo e diabólico" de "tortura chinesa".
3.2. Indica o significado do segmento textual "era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o".
3.2.1. Identifica o recurso expressivo presente.

4. O conflito criado entre as duas meninas foi solucionado pela mãe.
4.1. Demonstra de que forma ela contribuiu para a resolução do problema.
4.2. Refere, na perspetiva da narradora, as razões que originaram o sofrimento da mãe da colega.

5. Contrariamente ao expectável, a narradora não começou a ler o livro mal o possuiu.
5.1. Justifica a aparente contradição de ter o livro desejado e de retardar a sua leitura.

6. Depois de teres compreendido o conto de Clarice Lispector, justifica o título "Felicidade clandestina".

exclusivo Professor

MC **Gramática**
– Reconhecer propriedades das palavras e formas de organização do léxico.

3.1. Pode considerar-se que a narradora foi vítima de um plano "tranquilo e diabólico" de "tortura chinesa", porque a outra menina foi adiando sucessivamente, dia após dia, o empréstimo desse livro. Desse modo, com um prazer sádico, provocava um sofrimento constante e prolongado à mesma.

3.2. O desejo de leitura do livro era considerado vital tal como é a alimentação e o descanso, "comendo-o e dormindo-o". Além disso, possuí-lo era igualmente essencial para a sua existência "para se ficar vivendo com ele".

3.2.1. O recurso expressivo é a metáfora.

4.1. A mãe obrigou a filha a emprestar o livro à narradora por um período de tempo indeterminado.

4.2. A mãe sofreu com a descoberta do caráter maléfico e perverso da sua filha.

Gramática

1. Identifica o conjunto de palavras em que está presente uma relação de hiperonímia. Escreve, no teu caderno, a letra correspondente.

a)	cabelos	orelhas	olhos	lábios
b)	loja	livraria	papelaria	peixaria
c)	livro	caderno	bloco	agenda
d)	mãe	filha	avó	padrinho

2. Escreve duas frases em que utilizes a palavra "balas" com significados diferentes.
2.1. Indica como se designa este tipo de relação.

3. Assinala, no teu caderno, se as afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F).
a) mão, perna e cara são holónimos de corpo humano.
b) mãe, filha, pai e irmão são merónimos de família.
c) pranto, inquietação e saudade são merónimos de felicidade.
d) natal, páscoa e carnaval são hipónimos do hiperónimo festividades.

APRENDE MAIS P. 260 CADERNO DO ALUNO Ficha 18

Anexo II – Planificação de português - Questões do breve debate de consolidação da aula.

PLAN DE CLASE
Fecha: 27.10.2020
Curso y grupo: 7ºA
Bloque de: 90 minutos
Formando: Baltazar Firmino Barros
Profesora Cooperante del Instituto: Sandra Espírito Santo
Profesora Orientadora de la Universidad: Ana Belén Cao

DESCRIPCIÓN DEL DESARROLLO DE LAS CLASES

PRIMERA CLASE DE LA UNIDAD: En el Instituto

❖ **Síntesis de los contenidos de la clase:**

- Audición y explotación de la canción "En mi mochila roja", de Jim Nailon.
-Los materiales que solemos utilizar en clase.
-Los colores.
-Formación de Plural de los nombres y adjetivos.
-Resolución de ejercicios.
- Juego didáctico: "Veo, veo".

❖ **Descripción de la clase**

Descripción de los momentos de la clase:	**Tiempo**	**Destrezas que se atienden en clase:**
- El profesor de prácticas saluda, se presenta a los alumnos y escribe el sumario en la pizarra. - Introducción a la unidad con la audición y explotación de la canción "En mi mochila roja", de Jim Nailon, disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=HfcrHBfqOgo A continuación, el profesor reparte una ficha con la letra de la canción **(ANEXO I)** a los alumnos y les explica que van a hacer un ejercicio auditivo: Tendrán que rellenar los huecos de la letra con lo que oigan. Después de la primera audición, el profesor les preguntará de qué va la letra e intentará que los alumnos adivinen el título de la canción. Se hará una segunda audición para comprobar y/o rellenar lo que falte. - Corrección del ejercicio de audición, con la participación de los alumnos a través de la proyección de la letra de la canción en la pizarra. **(ANEXO I)**	5 minutos 12 minutos 7 minutos 10 minutos	- Comprensión auditiva - Interacción oral - Comprensión oral - Comprensión visual

- En seguida, se planteará a los alumnos el léxico nuevo de la unidad y se intentará que descubran su significado. - El profesor preguntará a los alumnos el porqué de la audición de la canción y el tema de la nueva unidad. - Se aprovechará las respuestas de los alumnos para la introducción de la unidad y en seguida se hará una breve explicación sobre la diferencia existente entre colegio e instituto en España. - Explotación de los materiales que solemos utilizar en clase y de los colores presentes en la canción. - Resolución del ejercicio 1 de la página 38 y del ejercicio 2 de la página 39, en que los alumnos van a identificar con la ayuda de textos y una imagen objetos del aula**. (ANEXO II)** - Corrección de los ejercicios con la participación de los alumnos. **(ANEXO III)** - Con los ejemplos presentes en el ejercicio, se hará el puente para la enseñanza del plural de los nombres y adjetivos y los artículos indeterminados. - A continuación, los alumnos van a hacer un ejercicio oral, donde identificarán objetos del aula y utilizarán los artículos indeterminados. Ex. Veo unos bolígrafos rojos. Hay unas mochilas blancas en el instituto. - A continuación, el profesor pedirá a los alumnos con los deberes, que escriban los materiales escolares que tienen en sus mochilas y otros que les gustaría que sus padres les comprasen. - Para concluir la clase, se jugará el juego didáctico "Veo, veo" adaptado a los materiales escolares y al plural de los nombres y adjetivos. Servirá de recapitulación de la clase, donde el profesor hará con que los alumnos practiquen lo estudiado según orientaciones del profesor y con ayuda de los materiales existentes en el aula.	5 minutos 3 minutos 10 minutos 10 minutos 5 minutos 6 minutos 7 minutos 3 minutos 7 minutos	

Anexos - Planificação espanhol

Ficha de Trabajo

Alumno: _____ No. ____ Ano/ Turma: _____

Profesor: _____

Anexo I

EJERCICIO DE ESCUCHA

1. Escucha con atención la canción y rellene los siguientes huecos:

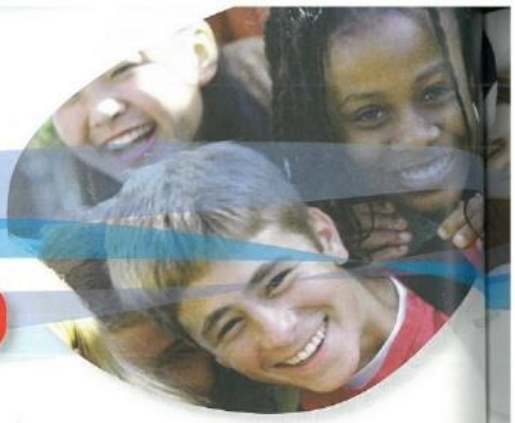
En mi_____1, yo tengo una_____2,
_____2 de papel. _____2 de papel.
En mi_____1, yo tengo un_____3,
_____3 amarillo. _____3 amarillo y_____2 de papel.
En mi_____1, yo tengo una_____4,
_____4 de borrar. _____4 de borrar, _____3 amarillo y_____2 de papel.
En mi _____1, yo tengo un _____5,
_____5 azul. _____5 azul, _____4 de borrar, _____3 amarillo y _____2 de papel.
En mi _____1, yo tengo mis _____6,
_____6 coloridos. _____6 coloridos, _____5 azul, _____4 de borrar,
_____3 amarillo y _____2 de papel.
En mi _____1, yo tengo una _____7,
_____7 de madera. _____7 de madera, _____6 coloridos,
_____5 azul,
_____4 de borrar, _____3 amarillo y _____2 de papel.
En mi_____1, yo tengo mis _____8,
_____8 pequeñas. _____8 pequeñas, _____7 de madera, _____6 coloridos,
_____5 azul, _____4 de borrar, _____3 amarillo y _____2 de papel.
En mi_____1, yo tengo _____9,
_____9 blanco. _____9 blanco, _____8 pequeñas, _____7 de madera,
_____6 coloridos, _____5 azul, _____4 de borrar, _____3 amarillo y
_____2 de papel.
En mi _____1, yo tengo un _____10,
_____10 morado. _____10 morado, _____9 blanco, _____8 pequeñas,
_____7 de madera, _____6 coloridos, _____5 azul, _____4 de borrar,
_____3 amarillo y _____2 de papel.
En mi _____1, yo tengo unos_____11,
_____11 de cuentos. _____11 de cuentos, _____10 morado, _____9 blanco,
_____8 pequeñas, _____7 de madera, _____6 coloridos, _____5 azul,
_____4 de borrar, _____3 amarillo y _____2 de papel.

Claves:
1-Mochila roja
2-Hoja
3-Lápiz
4-Goma
5-Bolígrafo
6-Crayones
7-Regla
8-Tijeras
9-Pegamento
10- Cuaderno
11-Libros

Anexo – II

UNIDAD 3

EN EL INSTITUTO

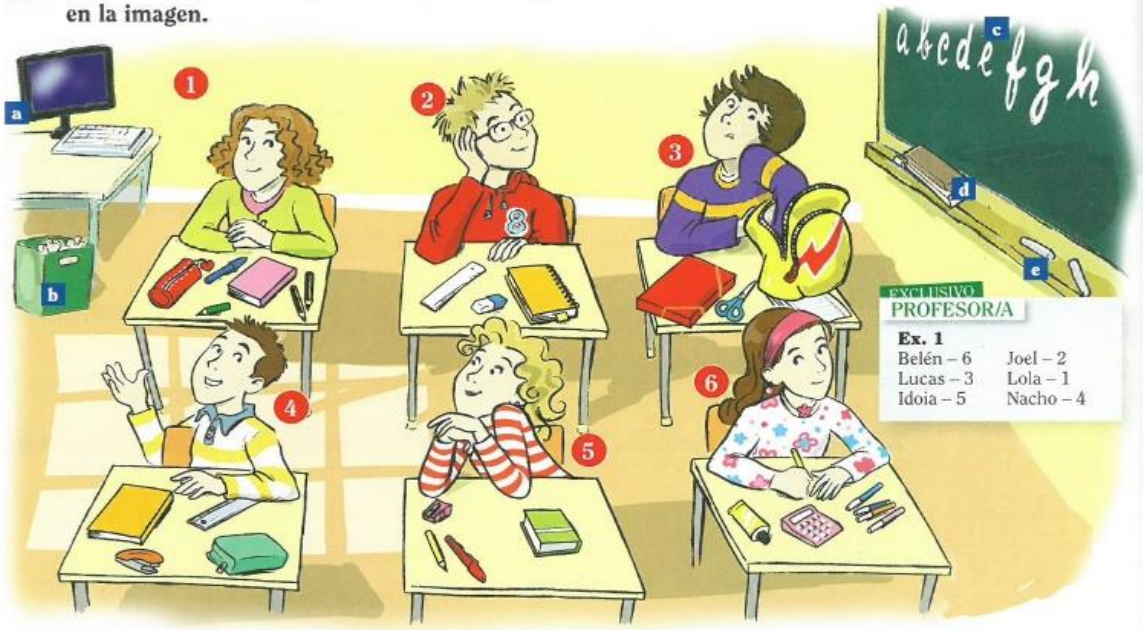


¡ASÍ SE HABLA!

A EN EL AULA

Ahora actividades p. 18

1 ¿Quién soy yo? Lee lo que dice cada alumno y descúbrelo en la imagen.



EXCLUSIVO PROFESOR/A

Ex. 1

Belén – 6	Joel – 2
Lucas – 3	Lola – 1
Idoia – 5	Nacho – 4

Encima de mi mesa hay una calculadora, unos rotuladores y pegamento. **Belén**

Tengo una mochila amarilla, una carpeta, folios y unas tijeras. Lucas

En mi mesa hay un lápiz, un sacapuntas, un bolígrafo rojo y un diccionario. Idoia

En mi mesa hay un cuaderno naranja, una regla y una goma de borrar. **Joel**

Tengo un estuche rojo, un libro, un bolígrafo y unos lápices. Lola

Encima de mi mesa, hay un libro, una regla, un estuche y una grapadora. **Nacho**

Tarea final: Haz una página Web de tu clase.

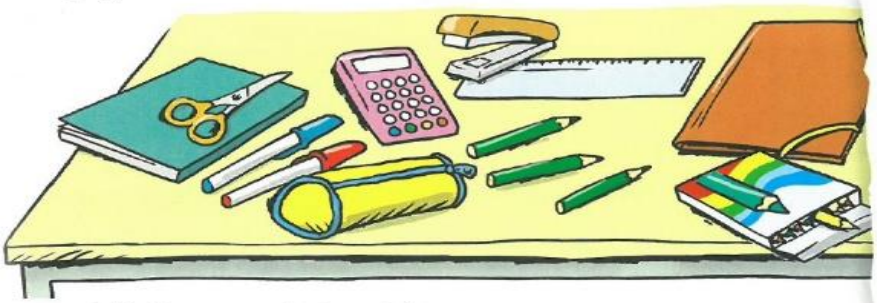
EXCLUSIVO PROFESOR/A

- Dossier del Profesor
- Para saber más p. 155
- Cuaderno de actividades p. 18
- ¡Ahora diviértete!
- Slide digital 3

2 **Descubre estos objetos en la imagen y escribe sus correspondientes letras.**

○ pizarra ○ borrador ○ ordenador ○ papelera ○ tiza

3 **Lee la lista de material escolar que tenía que comprar Amanda, observa su mesa y contesta a las preguntas.**



a. ¿Qué ha comprado Amanda?

b. ¿Qué se ha olvidado de comprar?

Lista de material escolar

- 1 carpeta
- 3 cuadernos
- 1 paquete de folios
- 1 estuche
- 2 bolígrafos
- 1 sacapuntas
- 1 grapadora
- 1 tijeras
- 1 regla
- 1 pegamento
- 1 calculadora
- 3 lápices
- 1 caja de lápices de colores
- 1 caja de rotuladores

4 **Pregunta a un/a compañero/a qué tiene en su mochila y en su estuche.**

PO

¿Qué tienes en tu mochila? — En mi mochila...

¡OJO!

un – una
unos – unas

©SARAL EDITIONES

Anexo -III

ANEXO III

Claves de los ejercicios 1 de la página 38 y 2 de la página 39 del libro ¡Ahora español!

1.

Belén – 6
Lucas- 3
Idoia-5
Joel – 2
Lola – 1
Nacho – 4.

2.

Pizarra – c
Borrador – d
Ordenador-a
Papelera-b
Tiza-e